



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**RELIGIÃO E MÚSICA:**  
**UMA ANÁLISE DA FÉ E DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM CANÇÕES DA MPB**

**CHARLES HENRIQUE FERREIRA DA SILVA**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2025**

RELIGIÃO E MÚSICA:  
UMA ANÁLISE DA FÉ E DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM CANÇÕES DA MPB

CHARLES HENRIQUE FERREIRA DA SILVA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.  
Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo B. Calvani.

SÃO CRISTÓVÃO

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586r	<p>Silva, Charles Henrique Ferreira da Religião e música : uma análise da fé e da experiência religiosa em canções da MPB / Charles Henrique Ferreira da Silva ; orientador Carlos Eduardo Brandão Calvani. – São Cristóvão, SE, 2025. 99 f.</p> <p>Dissertação (mestrado em Ciências Religião) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.</p> <p>1. Religião. 2. Música – Aspectos religiosos. 3. Música popular. 4. Fé. 5. Poesia popular. 6. Canções – Análise, apreciação. I. Calvani, Carlos Eduardo Brandão, orient. II. Título.</p>
	CDU 2-487:784.011.26



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**CHARLES HENRIQUE FERREIRA DA SILVA**

**RELIGIÃO E MÚSICA:**  
**UMA ANÁLISE DA FÉ E DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM CANÇÕES DA MPB**

**APROVA EM: 30 de Setembro de 2025.**

Prof. Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani (orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - UFS

Prof. Dr. Edemir Antunes Filho (avaliador interno)  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - UFS

Prof. Dr. Eduardo Gross (avaliador externo)  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião - UFJF

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)**  
**2025**

*Dedico este trabalho:*

*A minha família (pai/mãe e irmãos, minha esposa Edilêne, e meus filhos Matheus e Vitor), pelo exemplo de amor inspirando-me. A meu primo Sergio, meu “anjo mentor” na jornada acadêmica e profissional, e ao amigo Theobaldo Tollendal, meu “anjo acolhedor” em minha estada acadêmica em Juiz de Fora. Também, aos amigos Osnar Gomes, Adonai Lago e Fábio Souza que acreditaram e me deram apoio em meio aos percalços, encorajando-me a prosseguir “com fé a cada passo” e “com o canto do coração”.*

### **Agradecimentos institucionais**

À Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR/UFS). À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de Bolsa, sem o qual não teria sido possível avançar e concluir o curso de Mestrado.

### **Agradecimentos acadêmicos, artístico e interativo**

Ao meu orientador, professor Doutor Carlos Eduardo Brandão Calvani, pela perspicácia, conhecimento, simplicidade e acompanhamento atento durante o percurso de orientação, conversas e aulas de reflexão. Aos membros das bancas de Qualificação e Defesa: professores Doutores Eduardo Gross, Glaucio José Couri Machado e Edemir Antunes Filho. Ao corpo docente e aos demais servidores do PPGCR/UFS. A todos aqueles(as) com os(as) quais tive contato direto através das aulas/disciplinas do curso: os professores Doutor Alexandre de Jesus dos Prazeres, Doutor Luís Américo Bonfim, Doutor Cícero Bezerra, Doutor Joe Marçal, Doutora Maria Jeane dos Santos Alves, e meus entrevistadores no processo seletivo. À secretária Kate Pomplen, pela atenção solícita e eficiente nos bastidores. A meus companheiros de sala deste mestrado, contribuindo indireta e sutilmente para o desenvolvimento da pesquisa.

À Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE). À Sociedade Paul Tillich do Brasil e a Correlatio – Revista da Sociedade Paul Tillich do Brasil e do Grupo de Pesquisa Paul Tillich da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Aos autores(as) das obras (artigos, livros, dissertações, teses e outros escritos), bem como aqueles que produziram entrevistas e videoclipes que alimentaram e nutriram esse trabalho. Às canções e artistas compositores que me conduziram a uma experiência fonográfica reflexiva, bem como religiosa/espiritual na dimensão cultural, especialmente quanto à importância de percepção em relação ao “ato livre e criativo”, e ao desenvolvimento de um “ouvido pensante”.

Por fim, ao PPCIR/UFJF-MG, lugar de minha primeira experiência acadêmica de passagem, onde tive dupla acolhida: através de meus professores Doutor Clodomir, Jonas Roos, Dilip Loundo, Rodrigo Portella, Frederico Pieper, Sônia Regina e Eduardo Gross, e dos colegas de curso (especialmente Teobaldo Tollendal), em que todo o contexto me proporcionou um ganho cultural ímpar. Ao grupo de estudos “Religião e Música”, encabeçado pelos professores Doutores Arnaldo Érico Huff Júnior e Carlos Eduardo Brandão Calvani, juntamente com os colegas de interação que trouxeram enormes contribuições .

## RESUMO

A presente dissertação intitulada *Religião e Música: uma análise da fé e da experiência religiosa em canções da MPB* tem como objeto de análise a fé (objeto material) e a música popular brasileira (objeto formal e fonte para o estudo da religião), bem como instrumento de expressão de fé, cuja problemática procura responder como os artistas compositores compreendem o que chamam de fé. No itinerário de uma discussão teórico-metodológica, após identificarmos um conceito de fé em Mircea Eliade em conexão com Paul Tillich em seu conceito de fé, pretendemos contribuir, através de uma aproximação desses conceitos de forma articulada, para o entendimento e compreensão da noção de fé e suas tipologias (Fé Humana e Fé Religiosa em canções populares), bem como da experiência religiosa como categoria. Assim, à luz de Eliade e Tillich como referenciais de análise das canções – mas sem fazer deles instâncias arbitrárias ou superiores para avaliar o tipo de fé expressa pelos compositores –, objetiva-se evidenciar que, nos conceitos de fé dos autores, há um elemento característico em comum, sendo esse “a liberdade criativa”, em que faremos uma conexão com uma criatividade inspirada poética e artisticamente nas composições das canções. Desse modo, consideramos que a religião e a música, numa dimensão do espírito humano culturalmente falando, assim como nas dimensões existencial e ontológica, do imaginário ao simbólico que revela o sagrado, por meio das expressões de fé na MPB, manifestam um tipo de revelação inspirada poeticamente no processo da composição musical. O Capítulo 1 apresentará as chaves conceituais da fé em Tillich e Eliade concomitante com a arte musical, numa discussão teórico-metodológica dos autores principais subsidiada e intermediada por secundários nos âmbitos da religião e das suas linguagens, na dinâmica fenomenológica e filosófica da religião. Já no capítulo 2, percorreremos a análise das canções de Zé Geraldo, “A fé” (do álbum *Sol Girassol*, de 1984) e Diogo Nogueira, “Fé em Deus” (do álbum *Poder da criação*, de 2007), à luz dos conceitos de fé e suas tipologias em Tillich e Fowler. Quanto ao capítulo 3, este concluirá a pesquisa analisando a no âmbito da experiência religiosa em Eliade e Libânio, apresentando as hipóteses suscitadas como resultado das reflexões consideradas na relação entre Música e Religião, reverberadas nas canções do grupo O Rappa, “Anjos” (do álbum *Nunca tem fim*, de 2013), Gustavo Miotto, “Melhor versão” (do álbum *Melhor Versão*, de 2023) e Silvanho Salles/Grelo, “Só fé” (do álbum *Só fé*, de 2024).

**Palavras-chave:** Fé; religião; música popular; poesia; revelação.

## ABSTRACT

This dissertation, entitled "Religion and Music: An Analysis of Faith and Religious Experience in MPB Songs," analyzes faith (a material object) and Brazilian popular music (a formal object and source for the study of religion), as an instrument of faith expression. Its problematic seeks to answer how composers understand what they call faith. Through a theoretical-methodological discussion, after identifying a concept of faith in Mircea Eliade in connection with Paul Tillich's concept of faith, we intend to contribute, through an articulated approximation of these concepts, to the understanding of the notion of faith and its typologies (Human Faith and Religious Faith in Popular Songs), as well as religious experience as a category. Thus, in light of Eliade and Tillich as references for analyzing the songs – but without making them arbitrary or superior instances for evaluating the type of faith expressed by the composers –, the aim is to show that, in the authors' concepts of faith, there is a characteristic element in common, that being “creative freedom”, in which we will make a connection with a creativity inspired poetically and artistically in the compositions of the songs. Thus, we consider that religion and music, in a dimension of the human spirit culturally speaking, as well as in the existential and ontological dimensions, from the imaginary to the symbolic that reveals the sacred, through expressions of faith in MPB, manifest a type of revelation poetically inspired by the process of musical composition. Chapter 1 will present the conceptual keys of faith in Tillich and Eliade concomitantly with musical art, in a theoretical-methodological discussion of the main authors, supported and mediated by secondary ones in the realms of religion and its languages, in the phenomenological and philosophical dynamics of religion. In chapter 2, we will analyze the songs by Zé Geraldo, "A fé" (from the 1984 album Sol Girassol) and Diogo Nogueira, "Fé em Deus" (from the 2007 album Poder da Criação), in light of the concepts of faith and its typologies in Tillich and Fowler. Chapter 3 concludes the research by analyzing the context of religious experience in Eliade and Libânio, presenting the hypotheses raised as a result of the reflections considered on the relationship between Music and Religion, reverberated in the songs by the group O Rappa, "Anjos" (from the 2013 album Nunca tem fim), Gustavo Miotto, "Melhor versão" (from the 2023 album Melhor Versão), and Silvano Salles/Grelo, "Só fé" (from the 2024 album Só fé).

**Keywords:** Faith; Religion; Popular Music; Poetry; Revelation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. RELIGIÃO E MÚSICA: UM DIÁLOGO TEÓRICO CONCEITUAL DA FÉ</b> .....	<b>20</b>
1.1 SENTIDO, RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E FÉ EM PAUL TILLICH.....	21
1.2 A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM ELIADE - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	26
1.3 TILLICH E ELIADE: AFINIDADES EM DIREÇÃO A UMA COMPREENSÃO DA REALIDADE, ARTE, IMAGINAÇÃO E REVELAÇÃO.....	31
1.4 OS CONCEITOS DE FÉ EM PAUL TILLICH E MIRCEA ELIADE.....	36
<b>2. A FÉ EM CANÇÕES DA MPB: UMA ANÁLISE DAS TIPOLOGIAS DE FÉ (HUMANA E RELIGIOSA) EM CANÇÕES DE ZÉ GERALDO E DIOGO NOGUEIRA</b> .....	<b>39</b>
2.1. SENTIMENTO, SENTIDO E EXPRESSÃO DA FÉ HUMANA NA CANÇÃO.....	43
2.1.1. O sentido incondicional no sentimento musical.....	43
2.2. ASPECTOS DA FÉ HUMANA NA CANÇÃO DE ZÉ GERALDO “A FÉ” .....	47
2.2.1. Trecho a considerar da citação de Fowler: A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto [...] A fé é o modo em que uma pessoa ou grupo penetra no campo de força da vida	48
2.3. ASPECTOS DA FÉ RELIGIOSA NA CANÇÃO DE DIOGO NOGUEIRA “FÉ EM DEUS”.....	53
2.3.1. Trecho a considerar da citação de Tillich: <i>Este cálice, este pão, esta árvore, este gesto da mão, este ajoelhar-se, este edifício, este rio, esta cor, esta palavra, este livro, estas pessoas são portadores do sagrado. Através deles a pessoa crente experimenta aquilo que a toca incondicionalmente</i> .....	53
2.3.2. O uso de uma hermenêutica de resignificação para a compreensão da “Fé humana” e da “Fé religiosa”.....	57
<b>3. UMA ANÁLISE DA FÉ NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM CANÇÕES DE GUSTAVO MIOTO, O RAPPÀ E SILVANO SALLES/GRILÓ</b> .....	<b>59</b>
3.1. A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DA FÉ: AS AMBIGUIDADES DA VIDA .....	60
3.1.1. A Experiência Religiosa do Sagrado em Eliade .....	61
3.1.2. Experiência religiosa, sem a religiosa experiência: [...] à espontaneidade da experiência religiosa. Em seu itinerário espiritual, conferiu mais importância à experiência com o sagrado do que à adesão religiosa normativa e oficial .....	63
3.1.3. A religião, segundo Eliade, não implica necessariamente a crença em Deus ou deuses, mas refere-se à experiência do sagrado, como relacionado à ideia de algo que é significativo, real e verdadeiro.....	72
3.2. RELIGIÃO E MÚSICA – UM DUETO INSPIRADO, REVELADO E CRIATIVO NA FÉ	

.....	76
3.2.1. O sentido dual da fé: Fé Criativa e Livre por meio da Imaginação .....	76
3.2.2. O sentido dual da fé: Fé criativa e livre por meio da inspiração e revelação .....	78
3.3. RELIGIÃO E MÚSICA - EVIDÊNCIAS ENTRELANÇADAS EM CANÇÕES DE FÉ ...	83
3.3.1. A fé no imaginário popular dos artistas da MPB como expressão de uma liberdade criativa religiosa difusa .....	83
3.3.2. Religião e Música - a poesia em canção como um instrumento de inspiração e revelação da fé humana e religiosa.....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

*A música exprime a mais alta filosofia, numa linguagem que a razão não compreende, e é a linguagem da alma (Arthur Schopenhauer).*

Nas palavras em citação do filósofo alemão Schopenhauer (1788-1860), chamam atenção os termos “filosofia”, “linguagem”, “razão”, “compreende”, “alma” e “música”, de modo que tais termos estarão presentes no entremeado dessa dissertação. No entanto, estes não estarão assim isoladamente, visto que orbitarão em torno dos objetos em análise, categoria e fonte de estudo.

A estrutura metodológica em curso traz a *fé* e a *experiência religiosa* nas posições de objeto material e categoria respectivamente. A fé humana e a fé religiosa são apresentadas como tipologias de fé; já a música popular brasileira figura como objeto formal e fonte para o estudo da religião em que, através de sua expressão artística cultural musical, esta atua como uma “extensão das crenças e práticas religiosas transpostas para o cotidiano” (Calvani, 2014, p. 671). Desse modo, no contexto de canções com conteúdo religioso, tem-se a fé como expressão de sentido em canções da MPB, ou seja, “(...) como um conjunto de práticas religiosas derivadas de um sistema de crenças vago, difuso, fluído, não atrelado a conteúdos teológicos formais, porém real para a pessoa que as vivencia” (Calvani, 2014, p. 676).

Manifestam-se, assim, quanto às composições dos artistas da MPB em análise, tipologias de fé em relação à sua expressão e o alcance na experiência religiosa em nosso percurso, nas searas da *fenomenologia*, *filosofia* e *linguagem*. Em outras palavras, manifestam-se ainda no anseio pela busca de sentido através da *música* e da *canção*, exprimindo “a linguagem da alma” ao comporem tais canções<sup>1</sup>.

A pesquisa, de forma geral, objetiva analisar a *fé* expressa pelos artistas da MPB, a partir de canções com essa temática, tendo como referencial teórico os conceitos de fé de Paul Tillich e Mircea Eliade, estes imbricados no âmbito da experiência religiosa<sup>2</sup>.

No que se refere aos objetivos específicos, buscamos, a saber: 1) identificar e discutir

<sup>1</sup> De acordo com Mascarenhas, “as próprias canções – os “eventos musicais” que fazem os gêneros musicais se reconfigurarem (Fabbri, 2006) – estão relacionadas com as realidades dos compositores que as criam. A canção sempre diz algo a respeito da realidade e dos próprios valores e valorizações que o músico faz. É o que leva um artista a escolher composições de um gênero em detrimento de outro, suas referências anteriores, e a realidade ao seu redor (Mascarenhas, 2006, p.10,11).

<sup>2</sup> Veremos mais adiante (capítulo 3) um desdobramento da mencionada experiência religiosa, referenciando a tese intitulada *A História das Religiões de Mircea Eliade*, por Maria Luiza Vianna Pessoa de Mendonça em sua tese de doutorado (Mendonça, 2015, p. 354-360).

os conceitos de fé em Mircea Eliade e Paul Tillich, articulando-os com a expressão da fé na MPB; 2) destacar as tipologias de fé presentes no imaginário popular dos artistas da MPB; 3) realizar uma análise hermenêutica de ressignificação das canções selecionadas, evidenciando a relação entre fé, religião, espiritualidade e produção artística musical (especificamente composição de canções); 4) demonstrar que as expressões de fé, nas canções, são representações simbólicas e artísticas que revelam o sagrado na experiência religiosa.

A problemática em nosso itinerário gira em torno da seguinte questão: como a fé é compreendida e expressa pelos artistas da MPB, e de que forma as canções em contexto refletem a experiência religiosa do sagrado?<sup>3</sup>

Portanto, percorreremos um itinerário conceitual (Tillich e Eliade) e analítico das letras das canções (contextualizadas na presente dissertação), em conexão com o estado da arte através de exame bibliográfico das produções literárias circunscritas nas searas religiosa e cultural, filosófica, subjetiva, existencial e ontológica, em parceria com uma hermenêutica fenomenológica<sup>4</sup>, em que podemos interpretar (mas não hierarquizar categorias e tipologias de fé), ressignificar<sup>5</sup> (mas não reduzi-los a construtos psicológicos, históricos e teológicos) e compreender como os artistas compositores entendem o que chamam de fé.

Assim, nosso percurso metodológico se dará numa: a) revisão teórica dos conceitos de fé em Mircea Eliade e Paul Tillich, com apoio de autores secundários como José Severino Croatto, James Fowler e J. A. Libânio; b) análise de canções da MPB como fonte para o estudo do fenômeno religioso e de sua expressão de fé; c) seleção e análise de canções específicas que abordam a temática da fé imbricada com a experiência religiosa, tais como, Zé Geraldo, “A fé” (álbum: *Sol Girassol*, 1984)<sup>6</sup>; Diogo Nogueira, “Fé em Deus” (álbum: *Poder da criação*, 2007)<sup>7</sup>; O Rappa, “Anjos” (álbum: *Nunca tem fim*, 2013)<sup>8</sup>; Gustavo Mioto, “Melhor versão” (álbum: *Melhor versão*, 2023)<sup>9</sup>; e, por fim, Silvano Salles/Grelo, “Só fé”

<sup>3</sup> Entenda-se que tal “experiência religiosa” é correspondente à “experiência do sagrado” (Mendonça, 2015, p. 354). A autora, citando a obra de Eliade, *Mitos, sonhos e mistérios*, diz que a experiência do sagrado “(...) é a experiência da existência total, que revela ao homem a sua modalidade de ser no mundo” (Eliade, 1989, p. 12).

<sup>4</sup> Segundo Calvani, a instrumentalidade da fenomenologia “reconhece que o ser humano é capaz de transcender as limitações de seu mundo próprio e construir outros mundos, ressignificando não apenas a realidade física e o mundo material, mas atribuindo novos significados ao mundo espiritual intencionalmente criado” (Calvani, 2014, p. 682). Aqui se aplica uma hermenêutica geral, e não uma hermenêutica especial.

<sup>5</sup> Para Kierkegaard, nas palavras de Jonas Roos, “o que caracteriza a fé, portanto, não é um abandono da realidade, mas uma ressignificação da realidade” (Roos, 2022, p. 76).

<sup>6</sup> A Fé. Youtube, 20 de jul. de 2018, 3min36. Zé Geraldo – tema. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zRax7CLf614>.

<sup>7</sup> DIOGO Nogueira – Fé em Deus. Youtube, 24 de out. de 2009, 3min50. Diogo Nogueira Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hhuoh4TZe-o>.

<sup>8</sup> O Rappa – Anjos para quem tem fé. Youtube, 13 de maio de 2013, 6min58. O Rappa. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BPbCLtBl\\_g4](https://www.youtube.com/watch?v=BPbCLtBl_g4).

<sup>9</sup> MELHOR versão – Gustavo Mioto. Youtube, 29 de jul. de 2023, 3min28. Alan Music. Disponível em:

(álbum: *Só fé*, 2024)<sup>10</sup>.

As categorias em nossa análise são a “Fé Humana” e a “Fé Religiosa”, em que a espiritualidade, subjetividade e o imaginário presentes nas composições musicais estarão entrelaçados no contexto dos objetos de estudo em relevo (a fé e a experiência religiosa).

Desde já, ressaltamos que o presente estudo não tem a pretensão de hierarquizar categorias musicais de canções com o tema da fé (religiosa, litúrgica, escatológica), nem das tipologias de fé com intuito de validar umas e desvalorizar ou desprezar outras, mas a delimitação de cada aspecto dessa fé e seu significado, sentido e conteúdo. Nessa direção, segundo Calvani, “o conteúdo substancial inconsciente presente na cultura ou grupo de indivíduos, que podem ter características religiosas, é o que vai dar significado às criações artísticas (...)” (Calvani, 1998, p. 95).

Dessa forma, a proposta de nosso estudo consiste em uma análise da fé e da experiência religiosa nos aspectos elementares como 1) da *subjetividade e espiritualidade humana*<sup>11</sup>; 2) da produção artística musical<sup>12</sup> expressando o sentido dessa subjetividade e espiritualidade; 3) da *fé* como princípio propulsor e criador da *experiência religiosa na arte*; 4) do *imaginário*<sup>13</sup> como a dimensão ou instância de sentidos, através da fé expressa em canções por inspiração, no liame da revelação de uma dada espiritualidade humana cultural.

Assim, nos conceitos de fé em Eliade e Tillich, bem como nas canções contextualizadas na *fé* e na *experiência religiosa*, cuja *fé criativa* presente na música popular brasileira expressa o sentido de uma espiritualidade, que tem um centro de sentido que dá unidade a outros sentidos, apresentamos como possíveis hipóteses que: 1) a fé no imaginário

---

<https://www.youtube.com/watch?v=6yrcEXGoNaI> .

<sup>10</sup> SÓ FÉ – Silvano Salles. Youtube, 15 de ago. de 2024, 3min21. Silvano Salles Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hR3Y8M7i9FM>. Devemos salientar, entretanto, que, embora a canção seja sucesso no estilo arrocha e cantada por Silvano Salles atualmente, ela não é de autoria do cantor. O verdadeiro cantor e compositor é “Grelô”, conhecido também como Dê Ângelo, que lançou a música em julho de 2024. De acordo com *A Folha de Pernambuco*, publicada em 14 de julho de 2024, “Só fé” ocupa a primeira posição do *ranking Daily Top Songs Brazil*, com quase 2 milhões de streams no Spotify.

<sup>11</sup> Arnaldo Érico Huff Júnior (2022), citando Kandinsky (1984, p.6), destaca que “há uma outra arte capaz de novos desenvolvimentos [...] ela possui também um poder profético capaz de despertar, que pode ter um efeito extenso e profundo. A vida espiritual à qual a arte pertence, e da qual é um dos agentes mais poderosos, é um complexo, mas definido movimento para cima e para além, que pode ser traduzido em simplicidade” (Roos; Pieper, 2022, p. 157,158).

<sup>12</sup> Na relação entre Religião e Arte, Arnaldo Huff Júnior assim se pronunciou: “Religião e arte surgem assim como horizontes de produção de sentido atinentes, portanto, ao universo semiótico da linguagem e dos símbolos. O homem é um criador de mundos. E deseja humanizar o mundo, produzir um ordo amoris. Assim também a religião e a arte pertencem à esfera do sonho, da ausência, da imaginação e da criatividade. São formas expressivas da humanidade em busca de humanização” (Roos; Pieper, 2022, p.158).

<sup>13</sup> Gilbert Durand, em sua obra intitulada *O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*, referiu-se à música: “A música, da mesma forma como o mito e o onírico, repousa sobre as inversões simétricas dos “temas” desenvolvidos ou “variados”, um sentido que somente pode ser conquistado pela redundância (o refrão, a sonata, a fuga, o Leitmotiv etc.) persuasiva de um tema. A música, acima de qualquer coisa, procede por uma ação de imagens sonoras “obsessivas” (Durant, 1999, p. 87).

popular dos artistas da MPB é expressa como uma liberdade criativa que se manifesta poeticamente nas canções; 2) as canções da MPB revelam o sagrado por meio de representações simbólicas e expressões artísticas oriundas da experiência religiosa, onde Religião e Música estão intrinsecamente ligadas, sendo a música um instrumento de inspiração e revelação da fé.

Há o propósito de aproximarmos, aqui, Tillich e Eliade em seus conceitos de fé, na intenção de validar os elementos de uma “fé criativa” (Tillich) com uma “liberdade criativa” (Eliade) para expressar em canções, seu potencial de revelação não institucional, e sim, de uma inspiração poética musical. Nesse sentido, em Tillich sabe-se que a fé é “um estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”, mas associado a uma “preocupação última” em que “a preocupação suprema de uma pessoa não se esgota na simples exigência de sujeição incondicional; ela contém igualmente a promessa de realização suprema, que é esperada num ato de fé” (Tillich, 1985, p. 6). Já em Eliade, essa fé figura como *uma liberdade criativa a parte de seu valor soteriológico, mas que encontra sua fonte em Deus* (Eliade, 1991, p. 153), de maneira que com essa aproximação conceitual, são apresentadas possíveis evidências de que Tillich (1985) comunga com uma “liberdade criativa” inspirada em Eliade (1991). Liberdade essa, devemos aludir, “livre de qualquer tipo de ‘lei’ natural, e, portanto, a mais elevada liberdade que o homem pode imaginar: a liberdade de poder intervir até mesmo na constituição ontológica do Universo” (Eliade, 1991, p. 153).

Nesse itinerário, refletimos, de passagem, uma fé do imaginário, em que através dela é expressa a fé multiforme em canções populares, como fruto da inspiração criativa poeticamente na composição musical. Com efeito, contextualizando nessa direção, James W. Fowler – professor, teólogo e autor –, quando discorrendo sobre *A Fé como Imaginação*, refletiu:

Em alemão, um dos termos para designar imaginação é a palavra composta *Einbildungskraft*: literalmente, o “poder” (Kraft) de “formar” (Bildung) “uma unidade” (Ein). Nesse capítulo desejo que consideremos a fé como uma espécie de imaginação. A fé forma uma maneira de ver a nossa vida diária em relação a imagens holísticas daquilo que podemos chamar de o *ambiente último*. A ação humana sempre implica respostas e iniciativas. Moldamos a nossa ação (nossas respostas e iniciativas) em conformidade com o que vemos estar acontecendo. Procuramos adequar as nossas ações, ou opô-las, a padrões mais amplos de ação e sentido. A fé, ao nos vincular a centros de valor e poder e ao nos unir de modo triádico a comunidades de lealdades e confianças compartilhadas, dá forma e conteúdo à nossa imaginação de um ambiente último (Fowler, 1992, p. 32, aspas do autor).

Todas as canções que apresentam a “fé” como elemento principal, em seus diversos

sentidos<sup>14</sup> e estilos musicais, evidenciam as experiências e expressões dessa fé no recorte aqui considerado, estando quase sempre presente nas composições e canções de sucesso mais tocadas, tal como demonstrado nos anos de 1984, 2007, 2013, 2023 e, 2024.

Muitas outras canções com a temática da fé, desde a década de 80<sup>15</sup>, fazem parte do cenário musical, no qual enfatizo a importância da pesquisa como contributo no meio social, ao fomentar uma continuidade de pesquisas no âmbito religioso/artístico, tendo como fonte a “Música Popular Brasileira”. Nessa direção, buscaremos contribuir em manter viva a chama da pesquisa em Tillich e Eliade, dois dos mais notáveis autores na seara filosófica e fenomenológica, cuja influência e produções ainda reverberam como fonte para novas interpretações e ressignificações nos âmbitos da linguagem, fenomenologia e filosofia da religião.

No que se refere a uma justificativa acadêmico-social – conectando teoria e prática -, quando, no universo da pesquisa, decidi estudar a fé expressa na arte, especificamente em canções da MPB – à parte do mundo religioso institucional, dogmático, doutrinal e litúrgico –, busquei no mundo espiritualmente artístico, poético e cultural, identificar tipologias de fé oriundas do dinamismo de uma religiosidade em canções populares. Dessa forma, com o intuito de contribuir, ainda que modesta, na continuidade de estudos e pesquisas envolvendo a relação entre religião e música.

A escolha por Eliade e Tillich se deu – ao menos em parte – objetivando pôr em relevo a existência e as contribuições do que se pode conceber como tradição ou corrente interpretativa compreensiva da religião através da arte – ou fazendo referência a arte para discorrer sobre religião – a princípio através de Schleiermacher, passando por outros tais como Schelling, Rudolf Otto, *Mircea Eliade e Paul Tillich*. No Brasil, através de Rubem Alves – Otto e Rubem Alves especialmente de música<sup>16</sup>.

O uso do termo “fé”, em conexão com “canções populares”, desperta, por si só, a

<sup>14</sup>Algumas perguntas para nossa reflexão: Qual o centro de sentido nessas canções? O que se busca? Qual o sentido da fé para os compositores? Qual o sentido da fé para os ouvintes? Nos depoimentos dos compositores, variaram as razões, mas em comum revelaram a busca por suprir uma necessidade existencial e ontológica, buscando-se conectar com seu sentido último.

<sup>15</sup> Na década de 80, a MPB tinha o rádio e a TV como aliados. Grandes sucessos marcaram época nas misturas do Rock, Pop, Reggae etc. No Festival da Nova MPB, por exemplo, a música “Foi Deus quem fez você”, de Luiz Ramalho e cantada por Amelinha, ocupou a 2ª colocação na ocasião, evidenciando assim a presença da religiosidade e espiritualidade na cultura popular, e no imaginário dos compositores na busca de sentido. Ver: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musicais-e-shows/festival-da-nova-musica-popular-brasileira-mpb-80/noticia/festival-da-nova-musica-popular-brasileira-mpb-80.ghtml>. Acesso em 20 de dez. de 2024.

<sup>16</sup> Faço tal comentário seguindo a menção feita pelo professor Arnaldo Érico Huff Júnior (PPCIR/UFJF), em 12 de março de 2024, durante a defesa de dissertação de Antônio Passos de Souza intitulada “A Ressonância do ser: contribuição metodológica para a percepção de sentidos religiosos em canções de Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues e Caetano Veloso”.

atenção no que diz respeito à importância da instrumentalidade, alcance e sentido dessas canções, dando voz aos anseios populares no âmbito religioso e artístico cultural (do imaginário à poesia), em que nossa análise se dará num olhar na dimensão das Ciências da Religião, no âmbito da linha de pesquisa: *religião, conhecimento e linguagem*.

Meu interesse e motivação pessoal à princípio se dá pela vivência e experiências, enquanto membro da Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias<sup>17</sup>, há aproximadamente 32 anos, tendo servido como bispo – líder eclesiástico de uma unidade em Vitória da Conquista/BA, entre 2005 e 2007, e como Missionário de Serviço no Programa de Educação Religiosa S&I (Seminários e Institutos de Religião) para jovens, cuja faixa etária consiste entre 14 e 17 anos (seminário), e entre 18 e 35 anos (instituto), no período entre 2021 a 2023 (auxiliando na área da Região Sergipe).

Obviamente, com o tema “fé” sempre discutido de modo muito recorrente em nossa vivência religiosa em aulas dominicais, devocionais, conferências e reuniões sacramentais, apresentações culturais e musicais, estando presente em *hinos*<sup>18</sup> na tipologia “*música sacra ou litúrgica*”, bem como nas produções musicais no estilo *pop gospel nacional*<sup>19</sup>, despertou-me o interesse em um dado momento da vida – mesmo não sendo eu um músico ou musicista – como apreciador da arte musical popular brasileira desde a infância, uma vez que sou filho de um pai biológico que é baixista profissional (amigo pessoal de Djavan), e de um pai de criação (*in memoriam*) que foi empreendedor no mercado da música como organizador de eventos em Arapiraca (AL), entre os anos de 1986 e 1990. Com isso, buscando por uma visão e compreensão dessa fé “fora” da instituição religiosa, conduzindo-me a pesquisar na História (área de minha formação e atuação profissional), na Filosofia (área de minha segunda formação ainda em curso) e, mais especialmente, ao estudar a fé na concepção de Paul Tillich, enquanto aluno no PPCIR/UFJF, tendo cursado a disciplina *Filosofia da Religião* em 2022, discutindo na ocasião, dentre outras obras, a “*Dinâmica da Fé*” cuja experiência acadêmica fez-me obter um outro olhar.

Com efeito, enquanto discente no mestrado acadêmico em Ciências da Religião no PPGCR/UFS, quando na imersão vivenciada nas disciplinas de *Religião, conhecimento e linguagem*, em conexão com a experiência no Tirocínio de mestrado, numa parcial com a

<sup>17</sup> Para mais informações sobre quais são algumas das crenças de A Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias, ver: <https://www.churchofjesuschrist.org/?lang=por>. Também em: ELIADE, Mircea. Dicionário das RELIGIÕES. Martins Fontes, 2ª edição, São Paulo, 1999, 342p. Especificamente na página 322.

<sup>18</sup> <https://www.churchofjesuschrist.org/media/music/collections/hymns?lang=por>. Hinos de A Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias. Ver especialmente o de número 53: “Se tenho fé”. Acesso em 26/11/2024.

<sup>19</sup> Canção Gospel, “Fé”. <https://www.youtube.com/watch?v=QVGA0peZH8g>. Essa é uma das canções no estilo pop, com a temática “Fé”. Acesso em 26/11/2024.

disciplina *Religião e Arte*<sup>20</sup>, fui conduzido a uma experiência dual “acadêmico-religiosa”<sup>21</sup>, com reflexões, ponderações e análises que, na pesquisa, culminaram nessa simbiose no contexto da *religião e música*.

Estaremos entrando em maior ou menor grau numa dialética *subjetiva*<sup>22</sup> ligada à criação e à inspiração do poeta e artista compositor, que *objetiva* na intencionalidade do artista quando desenvolve, por exemplo, versões diferentes (litúrgicas, escatológicas, com menção a personagens ou autoridades religiosas) para as canções, mas mantendo elementos de unidade nelas, tal como o uso reiterado do termo “fé” como preceito existencial e ontológico de sentido para a vida. Do plano finito para o infinito, do terreno ao divino, do profano ao sagrado.

Portanto, entendemos que, para o homem religioso, não é somente um lugar exterior, o mundo, que o mantém vinculado ao sagrado, mas o mundo que está em seu interior, na subjetividade de sua alma a clamar, invocar e evocar o sagrado, que inspira artistas na produção musical em composição de canções expressando a fé em suas várias formas na experiência religiosa difusa, de uma revelação não profética institucional – ou dogmática doutrinal –, como também poética e artística, o que não deixa de ser espirituosa e inspirada artística e culturalmente.

Mesmo o homem não religioso vivendo num mundo dessacralizado não deixou de ser um homem de sentimento religioso, buscando sentido na dimensão de uma espiritualidade

---

<sup>20</sup> A disciplina intitulada *Religião e Arte* no PPCIR/UFJF, na linha de pesquisa de Teorias e Linguagens da Religião em sua justificativa apresenta o seguinte: O campo de estudos de religião e arte está ainda em desenvolvimento na Ciência da Religião brasileira. À exceção das relações entre teologia e literatura, a interface entre religião e as demais artes ainda pouco explorada. Diante disso, o componente curricular aqui proposto intenta constituir uma introdução aos estudos acerca das relações entre religião e arte. Pretende-se perceber, nas proximidades e distanciamentos entre a experiência religiosa e a experiência estética, as formas pelas quais tais dimensões se iluminam mutuamente. O curso poderá privilegiar uma ou mais formas artísticas, assim como uma ou diferentes manifestações religiosas, deverá também comportar perspectivas teórico-metodológicas variadas, sempre com foco principal na interpenetração entre a experiência do sagrado e a do belo, em suas dinâmicas múltiplas. A apresentação da mesma disciplina no PPGCR/UFS, na linha de pesquisa Religião, conhecimento e linguagem, enunciando sua área de concentração traz o seguinte: CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – Investigação de implicações ontológicas, epistemológicas, éticas e/ou estéticas da religião, em suas diferentes expressões e contextos, por meio de seus saberes, narrativas e produções simbólicas. Os projetos agrupados nesta linha de pesquisa se caracterizam por investir teórica e metodologicamente no debate conceitual de religião e temas derivados, bem como por investigar relações entre religião e cultura, tomando a dimensão simbólica na vida espiritual humana como uma totalidade. A variedade de objetos de estudos desta linha de pesquisa promove, a partir desse eixo filosófico-teológico, múltiplas interfaces entre disciplinas e teorias relativas à literatura, cinema, música, política, ciência, educação, história, dentre outras.

<sup>21</sup> Quando digo “experiência acadêmico religiosa”, refiro-me a uma experiência que me permite estudar e compreender o objeto fé, não apenas numa dimensão de uma crença vinculada a uma filiação institucionalizada, mas numa visão científica em diálogo com a filosofia, fenomenologia e linguagens da religião. Dessa forma, ampliando minha visão e compreensão desse objeto em fruição.

<sup>22</sup> Nessa direção, assim destacou e esclareceu Eduardo Gross, quanto à posição dessa “subjetividade não sendo absolutizada, mas conectada na relação com o próximo, com o mundo, e com a fonte incondicional do sentido”. (Gross, 2013, p. 12).

humana a reverberar em tipologias de fé, buscando um centro de sentido para essa fé. Deduzimos, nessa perspectiva, que no contexto de uma ontologia em Paul Tillich, e de uma hermenêutica fenomenológica expressa no pensamento de Mircea Eliade, “os dois modos de ser no mundo”<sup>23</sup>, e a experiência humana religiosa com uma “preocupação última e o incondicional”, para o homem religioso, um tal ato de fé não é um ato simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se um “sacramento”. Em outros termos, uma comunhão com o sagrado, evidenciando que o homem é religioso em sua natureza, e não o deixa de ser, tendo em vista que ele é formado, constituído em seu interior (atributos, partes e paixões espirituais) por elementos de uma espiritualidade *não religiosa* voltada para uma categoria espiritual existencial e infinita. Dito isto, os atos consagrados por meio da fé, expressos por meio de canções, revelam o sagrado latente no imaginário<sup>24</sup>.

A dinâmica bibliográfica em nosso percurso se desenvolveu de forma dialógica, na discussão dos autores que iluminaram nosso itinerário, especialmente nas obras de Mircea Eliade, *Mito do eterno retorno* (1992), e Paul Tillich, *Dinâmica da Fé* (1985), dentre outras, subsidiada por autores secundários como James W. Fowler em *Estágios da Fé* e J. A. Libânio, *A Fé*.

Nesse sentido, uma vez que caminhamos à luz de um referencial teórico metodológico, numa dialógica entre Paul Tillich e Mircea Eliade, indubitavelmente, reconhecemos de imediato a instrumentalidade do renomado historiador, não somente por seu amplo conhecimento no âmbito da história das religiões, a exemplo de seus estudos dos arquétipos (em seus aspectos e atos originários), mas também como fenomenólogo, por suas reflexões e inovação, tanto no contexto de uma hermenêutica fenomenológica da imaginação, quanto da experiência religiosa em nossa discussão, pondo em relevo as expressões de fé em canções, como inspiração oriunda da subjetividade álmica de sentimento e sentido na experiência humana ante às hierofanias<sup>25</sup>. Do mesmo modo, a importância das concepções de Tillich

---

<sup>23</sup> Eliade, quando discorre a respeito dos “dois modos de ser no mundo”, na experiência humana do sagrado, no que atine à “consagração da própria vida humana”, pontua que, ao contrário da consciência moderna que tem nos atos da alimentação, sexualidade, trabalho etc. não mais do que um fenômeno orgânico, “para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado” (Eliade, 1992, p. 14). Vemos que há um forte e arraigado elo que se coaduna e se volta para o sagrado, de modo inerente.

<sup>24</sup> Nessa direção, no contexto do imaginário popular em canções da MPB, as “narrativas da imaginação” nas produções musicais possuem condição de legitimidade, mesmo diante de um juízo de uma alogia (Durand, 1998, p. 82). Com isso, citando Frederico Pieper: “Não é de hoje que os estudos em torno da hermenêutica reconhecem a importância das narrativas. As narrativas não se configuram apenas como meras histórias que em nada nos afetam ou que se destinam apenas ao tempo livre. Antes, a narrativa tem um poder imenso. Cabe a elas legitimar posturas, decisões, comportamentos, visões de mundo. Nessa perspectiva, as narrativas, ao concederem sentidos para as coisas, têm função de legitimidade (Pieper; Mendes, 2020, p. 16).

<sup>25</sup> Nessa direção, Eliade alude que “As hierofanias – isto é, as manifestações do sagrado expressas em símbolos,

sobre o incondicional e uma preocupação última<sup>26</sup> em suas reflexões religiosa e fenomenológica<sup>27</sup>, principalmente em seu conceito de fé que elucida este nosso caminhar.

Em suma, a presente dissertação se estrutura, em seu Capítulo 1, com a discussão teórico-metodológica que versará sobre a relação entre religião e música, buscando o sentido da fé em Paul Tillich, bem como da experiência religiosa em Eliade, imbricados nos conceitos de fé em ambos os autores, trazendo uma discussão partindo dos autores principais subsidiada por secundários no que concerne à experiência religiosa na vida humana; a simbiose entre fé e imaginário; a revelação como resultado da fé; a inspiração poética como forma de revelação; a fé como manifestação do sagrado no imaginário, através dos símbolos, e a fé nas manifestações da subjetividade de sentido na composição de canções. Já com o Capítulo 2, há uma análise das tipologias “fé humana” e “fé religiosa”, à luz de Tillich e Fowler nas canções de Zé Geraldo e Diogo Nogueira. Quanto ao Capítulo 3, após termos passado pelo escopo teórico-metodológico, apresentando as tipologias da fé, nosso desfecho conclusivo se dará no âmbito da “experiência religiosa” sob a luz de Eliade e Libânio ao refletirmos as canções de Gustavo Mioto, o Rappa e Silvano Salles/Griló.

Assim, teremos interligado teoria (capítulo 1 – análise dos conceitos e palavras-chave), prática (capítulo 2 – aplicação dos conceitos e utilização de uma hermenêutica de ressignificação na análise das canções) e o resultado da pesquisa por meio das hipóteses (capítulo 3 – 1. o conceito de fé, em Eliade, que influenciou o conceito de fé de Tillich, tendo como característica em comum a “liberdade criativa”; 2. a realidade de um tipo de revelação oriunda da inspiração poética na composição de canções, cujas características são a “liberdade” e o “ato criativo” no imaginário).

Em nossas considerações finais, destacamos aquilo que nos interessa na relação das

---

mitos, seres sobrenaturais, etc. – são apreendidas como estruturas e constituem uma linguagem pré-refletiva que exige uma hermenêutica especial (Eliade, 1989, p.10).

<sup>26</sup> Em *Pensar a Religião*, citando a participação na fala de Higuete: “Tillich entende a religião à luz dos conceitos de fé e preocupação última (...) uma preocupação religiosa última, incondicional, total e infinita” (Roos; Pieper, 2022, p. 12). ROOS, Jonas & Frederico Pieper. **Pensar a Religião: Temas e conceitos filosóficos contemporâneos**. Editora LiberArs, São Paulo – 2022, 1ª Edição. 164p.).

<sup>27</sup> Num artigo de Tommy Akira Goto, intitulado “Fenomenologia e experiência religiosa em Paul Tillich”, é dito o seguinte, corroborando e justificando nossa menção da instrumentalidade fenomenológica: “A partir de leituras atentas e estudos, chegou-se à conclusão de que a Fenomenologia, que se apresenta de modo particular, está presente em Tillich nos seguintes aspectos: a) a Fenomenologia é legitimada como um método filosófico para filosofia da religião e teologia (citado, por exemplo, no texto “Filosofia da Religião”); b) a Fenomenologia é postulada como um recurso metodológico para analisar os conceitos básicos da teologia, principalmente experiência religiosa; e c) a Fenomenologia como ontologia, ou seja, a ontologia tillichiana como fenomenológica (...) Apesar de Paul Tillich ter desenvolvido uma metodologia própria – como o método da correlação – pode-se reconhecer outra metodologia aplicada na sua analítica. Essa outra metodologia é a Fenomenologia. Encontra-se em suas obras principais, citações e definições que se referem à fenomenologia, por exemplo, Tillich (1951/2001) em seu texto sobre Razão e Revelação sugeriu uma fenomenologia crítica para a teologia em vista da análise de seus conceitos básicos (Goto, 2011, p.1).

aproximações dos conceitos de fé, pondo em relevo – na relação entre religião e música – um “como pensar a religião”, de modo a utilizar-se da instrumentalidade da arte musical, em canções da MPB, a fim de fomentar uma contribuição contínua de pesquisa dessa relação ainda insipiente, mas umbilical<sup>28</sup>.

Após apresentar essa introdução, nas páginas que doravante advirão, buscaremos por uma compreensão, ressignificação e pretensão por uma modesta contribuição de continuidade das reflexões e estudos sobre a MPB como fonte de pesquisa no âmbito da religião; já a fé enquanto princípio basilar da experiência religiosa refletida nas dimensões artística musical, fenomenológica, existencial e ontológica.

Nas palavras de José Severino Croatto, “o estudo do fenômeno religioso é uma tarefa fascinante. A infinita variedade de símbolos, mitos, ritos e doutrinas que o *homo religiosus* tem criado desde *épocas remotas* até o *presente*[...] alimentam o *espírito*, e não somente a inteligência do estudioso” (Croatto, 2010, p.7, grifo do autor).

---

28 Como membro do grupo de estudos Religião e Música, em meu segundo encontro datado de 23/04/2025, seguimos as discussões propostas baseando-nos num texto por Arnaldo Erico Huff Júnior, criador do grupo e professor no departamento de Ciência da Religião - UFJF/MG, onde logo em sua introdução é dito que “A Música é presença constante e massiva nas diferentes tradições e contextos religiosos. Música e religião, na verdade, estruturam-se mutuamente. A música aparece em uma variedade imensa de ações: da formalidade dos rituais e das ações comunitárias à dinâmica individual da vida cotidiana [...] Há, mesmo assim, certo consenso em assumir uma significativa lacuna no que tange ao estudo de religião e música na ciência da religião”. (Comenta Huff sobre: “Texto meu que saiu em um livro organizado pelo Frank Usarski e outros colegas da PUC- SP, o Dicionário de Ciência da Religião. Trata-se do verbete “Música” (23/04/2025).

## 1. RELIGIÃO E MÚSICA: UM DIÁLOGO TEÓRICO CONCEITUAL DA FÉ.

O que é religião e música? Obviamente, através de um dicionário pode-se encontrar tais definições. No entanto, há um desafio maior por trás das definições simples e objetivas nele descritas. Primeiro, porque uma definição sobre religião e música não é possível, dada a particularidade existente na diversidade cultural de cada qual. Segundo, porque esse desafio é encontrado quando se pensa a religião filosoficamente e, na mesma direção, a música, quando posta no entremeado religioso, e numa linguagem fenomenológica e filosófica da religião. Necessário se faz, então, problematizar.

R. Murray Schafer, autor, educador, músico e compositor canadense, em sua obra intitulada *O ouvido pensante*<sup>29</sup>, em uma de suas experiências em sala de aula, perguntou: “o que é música?”. Com este questionamento, Schafer (1991) suscitou uma resposta que considerou provisória, mas que nos traz alguma conexão para nossa reflexão em contexto, da seguinte forma:

[...] Não estamos fazendo distinção entre música boa ou má, mas apenas tentando descobrir o que é música [...] Exatamente! A palavra que vale é “intenção”. Faz uma grande diferença, se um som é produzido intencionalmente para ser ouvido, ou não [...] Acabamos de concluir, agora, que música é som “com intenção de ser ouvido”. [...] MÚSICA É UMA ORGANIZAÇÃO DE SONS (RITMO, MELODIA, ETC.) COM A INTENÇÃO DE SER OUVIDA (Schafer, 1991, p. 35, grifo do autor).

Penso que, acerca desta questão, pode-se aplicar um silogismo da seguinte forma: se música é uma composição de “sons, ritmo e melodia”, e se constitui, portanto, num evento intencional humano, logo, música também é “um ato criativo, como uma forma de ser”<sup>30</sup>.

Rick Ruben (2023), renomado executivo e produtor musical americano, nessa direção,

<sup>29</sup> SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991. 203 p.

<sup>30</sup> A expressão é originária da obra de Rick Ruben, executivo e produtor musical que escreveu *O ato criativo: uma forma de ser*. O livro discute a criatividade como uma forma de ser e interagir com o mundo. Possui a seguinte ficha técnica: Título: The Creative Act. Título em Português: O Ato Criativo: Uma Forma de Ser. Autor: Rick Rubin. Tradutor: Beatriz Medina. Número de Páginas: 288. ISBN: 978-65-5564-674-0. EAN: 9786555646740. Lançamento: 10/07/2023.

ponderou e desmitologizou que:

A criatividade é frequentemente mal interpretada como um talento reservado para poucos selecionados, levando muitos a hesitar em se identificar como artistas. No entanto, a criatividade não é um presente raro, mas um aspecto fundamental de ser humano, acessível a todos. Criar envolve trazer algo novo à existência, seja uma conversa, a resolução de problemas ou até mesmo rearranjar os móveis. A arte não requer reconhecimento público ou comercialização; ela existe nas experiências do dia a dia. Estamos constantemente engajados em uma forma de criação, moldando nossa própria realidade por meio da percepção e interpretação do mundo ao nosso redor. Esse processo contínuo faz de cada indivíduo um artista por direito, curando ativamente sua experiência de vida (Ruben, 2023, p. 12).

Diante do exposto, mesmo “todo mundo sendo um criador”, o autor deixa claro que:

Viver como um artista envolve uma consciência ampliada, sintonizando-se com sentimentos e escolhas, levando, em última instância, a uma vida auto expressiva. Existimos como seres criativos dentro de um universo criativo, fazendo de nossas vidas uma obra de arte única (Ruben, 2023, p. 12).

Esse “viver como um artista”, tendo uma “consciência ampliada”, remete-nos a dois elementos que estaremos a abordar mais adiante, quando discorrermos sobre a “essência da religião” na “consciência de sentido” em Mueller, contextualizando, dessa forma, a religião e a música nos âmbitos do sentido e da fé em Paul Tillich, numa “teologia da música” – mais num itinerário filosófico que teológico, na verdade – como uma experiência humana, e não numa aceção litúrgica.

Antes de qualquer menção ao conceito de *fé*, de forma particular, utilizaremos esse termo em conexão com os de *religião* e *sentido*, objetivando uma breve, mas necessária, incursão a respeito da relação entre “Religião e Música”. Na verdade, essa expressão entre dois termos em posição titular, na presente dissertação, traz por si só o entendimento – ou nos convida à busca desse entendimento – de que a música expressa não somente sentimento de ânimo ou dor, alegria ou dissabor, como também anseios profundos da alma como, por exemplo, das questões (existencial e ontológica) relacionadas com o sentido da vida. Vejamos, portanto, algumas considerações a esse respeito, na intenção de uma compreensão da fé no âmbito religioso/cultural ao longo do presente estudo.

## 1.1 SENTIDO, RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E FÉ EM PAUL TILlich

Sentido, e sentido para a vida, logo nos remete a um pensar a religião filosoficamente, e sua relação – já que falamos de música – com a cultura/arte. Contudo, antes de qualquer menção a respeito dessa relação (religião e cultura), tratemos brevemente desse “sentido para a vida”, como uma questão filosófica da religião. Nesse sentido, citando Tillich, em um artigo

intitulado, – e utilizaremos esse artigo em alguns momentos nesse tópico –, “Entre a religião e seu conceito: questões fundamentais da filosofia da religião em Paul Tillich nos anos 20”, Ênio R. Mueller (2006, p. 23) preceituou que:

Filosofia da religião é “ciência da função de sentido religioso e de suas categorias”. Característica da filosofia da religião proposta por Tillich é, como vimos, que ela parte do incondicional e não do condicionado. O incondicional é para ele uma proposição filosófica, não ainda teológica. A ele se chega por uma análise do sentido, a tarefa própria da filosofia (Muller, 2006, p. 23).

Uma questão filosófica a ser refletida nesse contexto é: como pensar a religião como uma realidade espiritual?<sup>31</sup> Há uma realidade espiritual no sentido, e sentido em uma dada realidade espiritual na relação sujeito e objeto, ou independentemente dela.

Segundo Mueller (2006), quando discorreremos sobre a “essência da religião”, o autor expõe que há teorias do sentido cuja análise se dá pela seara filosófica, em que uma:

teoria do conhecimento realista vai falar de “ato percebido de sentido” (*sinnempfangenden Akt*), o ato de perceber o sentido já presente no objeto. Uma teoria idealista vai falar de “ato doador de sentido” (*sinngebenden Akt*), o ato de atribuir sentido ao objeto desde o sujeito. Uma teoria metalógica, como a de Tillich, fala de “ato plenificador de sentido” (*sinnerfüllenden Akt*), o ato de percepção/atribuição de um sentido profundo no/ao objeto (Muller, 2006, p. 24, aspas do autor).

Quando se reflete num centro de sentido, que dá unidade aos demais sentidos, trazemos a fé e a sua relação com o incondicional, a fim de conectar tal questão com a íntima relação entre religião e cultura. Em síntese, o que seria ou onde estaria esse centro de sentido que dá unidade aos demais sentidos? Em Tillich, o ato de perceber e atribuir sentido a um objeto para ser compreendida sua teoria metalógica necessita adentrar no exame da “consciência do sentido”. Com isso, ainda citando Muller, tem-se que:

Em cada consciência de sentido estão presentes três coisas. Primeiro, a consciência do universo de sentido, ou do contexto maior (*Sinnzusammenhang*) em que cada sentido particular se encontra e sem o qual ele não teria sentido. Ou seja, sentidos

---

<sup>31</sup> Entenda-se essa realidade espiritual como abertura para uma presença espiritual na experiência de um novo ser, numa dimensão existencial e ontológica no âmbito da fé. Natanael G. da Silva, em um artigo publicado na *revista correlatio*, intitulado “Espiritualidade e fé: pressupostos ontológicos em Paul Tillich” nessa direção disse: A espiritualidade, entendendo-se como a decorrência da ação do ser-no-mundo, quer seja em seu elemento profético, quer seja na expressão da construção social, pela cultura e moralidade, tem como convergência ontológica a correlação entre a pergunta pelo sentido do ser, que (1) encontra na fé a consciência da abertura como pergunta transcendental, o abismo e a vida sem ambigüidade no Novo Ser. Esta pergunta ontológica não supera a condição do ser em transcendência, nem o permite a condição de superação que possa dar ao ser a sua própria condição de superação, pela autonomia. Este abismo, esta pergunta, encontra a “reunião” com a Presença Espiritual mediante o “amor”. Esta expectativa da “vida sem ambigüidade” mediante o Novo Ser na Comunidade Espiritual, eclode na cultura e moralidade, que se tornam presentes pela teonomia do ser diante da Presença Espiritual, na expectativa da vida sem ambigüidade e na superação do abismo. Por esta razão a fé, no seu sentido ontológico, estabelece em liberdade o seu destino, na vida sem ambigüidade, e possibilita a construção da moralidade e da cultura (Silva, 2004, p. 135).

particulares só têm sentido por estarem inseridos num universo de sentido maior que eles próprios. Segundo, a consciência de que este universo de sentido faz sentido, e por isso também seus elementos particulares. Isto representa, segundo Tillich, a consciência de um sentido incondicional presente em cada sentido particular, e que em si já não é mais “sentido”, mas “fundamento do sentido” (Sinngrund). Enquanto os sentidos particulares, e ainda o universo de sentido, são “formas de sentido” (Sinnformen) o sentido incondicional é “substância do sentido” (Sinngehalt), a capacidade de sentido que confere a cada sentido particular realidade, significado e substancialidade. Terceiro, a consciência de uma exigência (Forderung) sob a qual cada sentido particular se encontra: de revelar ou realizar plenamente este sentido incondicional. A substância do sentido tem, em relação à forma de sentido, uma dupla função: de fundamento da capacidade de sentido, e de exigência de uma realização incondicional do sentido. É a exigência, inerente a todo ato cultural por sua própria essência, da busca da forma incondicional, nunca alcançada pelo fato de o incondicional não somente se dar no sentido, como seu fundamento, mas também transcendê-lo como seu abismo (Muller, 2006, p. 23-24, aspas do autor).

Qual a relação entre religião e cultura? Tillich responde, de forma objetiva e significativa, ao dizer que “(...) a religião é a substância da cultura, e a cultura é a forma da religião” (Tillich, 1976, p. 45). Nessa direção, ao discorrermos sobre a “determinação essencial da religião” e, ainda, sobre a questão do sentido e sua relação de unidade com religião e cultura, estando vinculados ao pensamento de Paul Tillich, apresenta-nos – ainda citando Mueller – as seguintes considerações:

A análise dos elementos do sentido provê “o fundamento da filosofia da religião e da filosofia da cultura”. A distinção entre estas duas é a seguinte. “Cultura é o nome para todos os atos do espírito direcionados para a realização das formas particulares de sentido. Religião é o nome para todos os atos do espírito direcionados à apreensão da substância incondicional do sentido através da realização da unidade de sentido”. Tillich reconhece, porém, que estas determinações são insuficientes. “Forma e substância se pertencem. Não tem sentido querer estabelecer uma ou a outra. Todo ato cultural contém o sentido incondicional. Ele repousa sobre o fundamento de sentido. Enquanto ato de sentido, é substancialmente religioso. Isso se expressa no fato de ele ser direcionado à unidade da forma, de ter que se colocar sob a exigência incondicional de unidade de sentido”. Este “religioso”, porém, não está no plano intencional, não é consciente. Por outro lado, também o ato religioso “não pode direcionar-se para o sentido incondicional a não ser através da unidade das formas de sentido. Pois a substância não pode ser objeto de um ato de sentido sem a forma. Todo ato religioso, portanto, é, segundo a forma, um ato cultural”. Mas também não no plano intencional. “Característico da religião, portanto, é que as formas de sentido são para ela uma via de passagem, no duplo sentido de ter que passar por ela e de ter que deixá-la para trás, enquanto a cultura se detém nas unidades particulares de sentido e por fim na própria unidade de sentido como tal” (Muller, 2006, p. 23,24, aspas do autor).

Assim como a religião é o objeto da religião, pode-se cogitar se o centro de sentido que dá unidade aos demais sentidos é, do mesmo modo, uma instância da religião – com o incondicional e a preocupação última.

No prefácio do livro *Pensar a Religião: temas e conceitos filosóficos contemporâneos*, organizado por Frederico Pieper e Jonas Roos, Etienne Higuier menciona o modo como Tillich entende a religião:

(...) à luz dos conceitos de *fé e preocupação última*, onde a fé é uma participação com todo o ser, o que significa que ela inclui também a razão. É a articulação simbólica da reunião do ser humano com o fundamento do seu ser e sentido. Não se pode definir a fé, mas só descrevê-la por meio de conceitos existenciais, pois, como a religião, a fé é uma intencionalidade (...) tanto a preocupação última quanto a fé encontram sua expressão na linguagem simbólica (Pieper; Roos, 2022, p. 12-13, grifo do autor).

No tocante à “fé como uma participação com todo o ser, o que significa que ela inclui também a razão”, faço apenas uma observação pontual no que se refere à “razão” mencionada pelo autor, e essa é a de que no conhecimento empírico, um fenômeno é descrito, codificado e interpretado através desse conhecimento racional. No entanto, faz-se necessário fazer menção a que tipo de razão nos permite contextualizar e fundamentar nossa exposição. E essa é, segundo Tillich, a “razão ontológica”. Quanto a isto, no comentário de Natanael Silva:

A questão da razão, tanto ontológica como técnica, é tratada logo no início de sua Teologia Sistemática. [4] O fato de serem colocadas no início parece óbvia: a teologia não pode ser considerada como uma racionalidade de segunda categoria. Tem os seus instrumentos próprios de busca e “validação” que não deve ser confundida com a racionalidade decorrente do empirismo inglês. Isto fica claro para quem observa a razão como portadora tanto de capacidade cognitiva quanto estética, tanto teórica quanto prática. [5] Por um lado ela é “Logos”, intuitiva, e por outro, prática. A esta unidade da razão centrada no ser, Tillich chama de “razão ontológica”, e assim a define: Razão ontológica pode ser definida como estrutura da mente capaz de compreender e estruturar a realidade. [6] Por um lado ela é subjetiva, enquanto estrutura racional da mente e objetiva enquanto estrutura racional da realidade. [7] No caso, é esta estrutura subjetiva-objetiva que é capaz de fazer a leitura diante-do-mundo. Assim esta razão faz a leitura e estrutura a realidade a partir do que a realidade mesma se apresenta. Ou seja, compreende e estrutura a realidade: “Compreender” neste contexto tem a conotação de penetrar na profundidade, na natureza essencial de uma coisa ou evento, de entendê-lo e expressá-lo. “Estruturar” neste contexto tem a conotação de transformar o material dado numa Gestalt, numa estrutura viva que tem o poder de ser [8] (Silva, 2004, p. 129, aspas do autor).

Por outro lado, há categorias como as que apresento nessa pesquisa que não carecem unicamente da razão como aplicada ao processo de percepção. Em nosso caso, nos valem da linguagem e da instrumentalidade fenomenológica com o contributo do imaginário como uma instância que perpassa a razão – embora sem excluí-la, uma vez que ela é atributo inerente à natureza do ser humano –, ao acessar instâncias como a *psiqué* e *intuição*, nas dimensões existencial e ontológica, estando a buscar uma unidade de sentido nas linguagens da cultura, como na arte poética.

Diante disso, a poesia como linguagem simbólica e metafórica se constitui numa poética do ser, em que o poeta, de forma criativa e inspiradamente, busca o caminho e destino da contemplação, mesmo na seara da religião.

No capítulo intitulado “Religião e arte a partir de Rubem Alves”, na já mencionada

obra *Pensar a Religião - Temas e conceitos filosóficos contemporâneos*, Arnaldo Érico Huff Júnior, citando Rubem Alves destaca o que disse certa vez o Educador, teólogo e filósofo brasileiro, em uma autoapresentação em contexto, quando entoou poeticamente:

Tentei ser pianista. Fracassei. Sobrava-me disciplina e vontade. Faltava-me talento (...) concluí que Deus não me amava (...) descobri depois que Deus me amava de outro jeito. Me ensinou a compor música com palavras... “Deus me amava” a “compor música com palavras” - eis aí, em um relance, o ponto de nosso interesse: Os modos com que Rubem Alves fez referência à arte e à religião para pensar a humanidade. Rubem amava a música e escreveu sempre poeticamente, mesmo em textos acadêmicos. Não desenvolveu, no entanto, uma reflexão propriamente sistemática, teológica ou filosófica acerca da arte. O que fez foi usar metáforas artísticas, especialmente musicais e poéticas, para falar sobre o espírito humano, suas expressões religiosas e, nisso, sobre a própria vida (Pieper; Roos, 2022, p. 149- 150, aspas do autor).

No itinerário das palavras de Huff, refletimos a respeito desse “espírito humano” e dessas “expressões religiosas” vinculadas a expressões de fé multiformes. Inclusive, em canções populares.

A expressão “espírito humano” advoga para si a necessidade de um conceito<sup>32</sup> de espiritualidade que torne compreensível o sentido da expressão, em conformidade com o contexto em questão. Em resumo, uma forma de espiritualidade “alheia a modelos institucionais” (Calvani, 2014, p. 659). Aquela espiritualidade que faz parte da integralidade do ser humano na dimensão espiritual, não confundindo “essa dimensão com a religiosa” (Röhr, 2011, p. 55).

Nosso objetivo, ao trazermos a expressão “espiritualidade”, é atrelá-la ao componente complementar “humana”. No entanto, fazem-se necessárias a observação e a advertência de Calvani, quando pretendemos trazer, de passagem, um conceito de espiritualidade:

Perseguir a gênese conceitual do termo “espiritualidade” é uma tarefa árdua e desafiadora (...) há o risco de que as ciências da religião chamem para si a tarefa de definir o que é “espiritualidade”, entrando em confronto com definições que não se enquadrariam nas que previamente oferecemos. Em suma, tomamos como ponto de partida a constatação de que o conceito de “espiritualidade” é historicamente recente, ainda em construção e ultrapassa as categorias religiosas com as quais estamos acostumados (...) “Espiritualidade” é um desses conceitos aparentemente inofensivos, que se instala no glossário de uma área e é invocado diante de fenômenos subjetivos que escapam ao enquadramento das malhas do saber. Tal como o “menos um” das equações matemáticas, aparece do nada, oferecendo soluções milagrosas para um impasse. Contudo não é, de modo algum, algo que saibamos exatamente o que significa (Calvani, 2014, p. 659-661, aspas do autor).

Uma espiritualidade e uma fé com todo o ser, nas dimensões existencial e ontológica,

---

<sup>32</sup> Atentos ao pertinente dizer de Calvani, de que “Conceitos nunca são cópias exatas da realidade, mas construções teóricas e linguísticas que tentam definir, de modo resumido, diferentes fenômenos que apresentam características semelhantes” (Calvani, 2014, 660).

remete-nos ao dizer de Natanael G. da Silva, que nessa direção pontuou:

A relação entre o ser tocado incondicionalmente e a realização do ser enquanto potência nos remete ao problema da razão ontológica e razão técnica em Paul Tillich. É a partir disto que podemos compreender os fundamentos ontológicos da abertura do ser, centralidade do ser e o “resultado” da abertura em fé no toque incondicional que o remete à espiritualidade (Silva, 2004, p. 129, aspas do autor).

Nas considerações sobre a fé em Paul Tillich e Mircea Eliade, buscando através de seus conceitos por uma compreensão das concepções de fé no imaginário popular, e identificando tipologias dessa fé nesse imaginário, o objetivo em aproximar os autores nessas concepções é iluminar nosso entendimento ao responder como os artistas compositores da MPB compreendem o que chamam de fé. Em relação ao tema da fé, privilegiamos especialmente Paul Tillich, pois, nas palavras de Cleber Baleeiro:

Já há uma tradição consolidada de estudos sobre o pensamento tillichiano no Brasil (...) Segundo Calvani (2006, p.155), o primeiro texto acadêmico brasileiro sobre Tillich foi o artigo de Carlos Artur do Nascimento, A fé, segundo Paul Tillich, publicado em 1969(...), entretanto, em 1963, Sumiu Takatsu já havia publicado na revista Estudos Teológicos, da Escola Superior de Teologia, um artigo intitulado Paul Tillich: O teólogo da correlação. Calvani ainda afirma que o primeiro livro especificamente sobre Tillich foi Cultura e igreja no Brasil: Estudo sobre a importância da teologia da cultura de Paul Tillich, para nossa realidade eclesial (1979) (...) outros livros sobre Tillich foram publicados desde então no Brasil, sendo talvez os mais importantes os seguintes... Teologia e MPB: Um estudo a partir da Teologia de Paul Tillich. (Calvani, 1998 apud Baleeiro, 2017, p. 14).

Confesso que tive grande desafio em encontrar um conceito de fé em Eliade – diferente de Tillich -, e não apenas considerações implícitas sobre ele naquilo que o autor se debruçou. Assim, encontrando um conceito propedêutico, mas significativo, como uma “agulha no palheiro”, decidi aventurar-me com humildade no itinerário de uma pesquisa simples e modesta, trazendo a pretensa novidade de que *a fé como uma liberdade criativa* em Eliade, comunga com uma fé como *o estado de estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente* em Tillich, em que Deus e o Incondicional figuram como duas partes de uma determinada unidade em busca de um centro de sentido através da fé.

No próximo tópico, discorreremos sobre a experiência religiosa na vida humana, apresentando o *conceito de experiência religiosa em Eliade*, antes dos conceitos de fé em ambos os autores.

## 1.2 A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM ELIADE - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No início de sua obra intitulada *O sagrado e o profano*, mais precisamente na

introdução, no tópico relacionado ao *sagrado e a história*, Mircea Eliade aduz que “o que nos interessa, acima de tudo, é apresentar as dimensões específicas da experiência religiosa, salientar suas diferenças com a experiência profana do Mundo”, assim como “conhecer as dimensões possíveis da existência humana” (Eliade, 1992, p. 15, 16).

De acordo com Maria Luiza Pessoa Vianna de Mendonça, em sua tese de doutorado, *A História das Religiões de Mircea Eliade: Estatuto epistemológico, metodologia e categorias fundamentais*, o conceito de experiência religiosa em Eliade:

[...] é, assim, a experiência do *sagrado*, do Absoluto, da Realidade Última, do *ganz andere* realizada pelo *homo religiosus* perante o qual o sagrado se manifesta numa hierofania [...] A experiência religiosa, segundo Eliade (MSM, p. 12) “enquadra o homem em sua totalidade” – corpo e mente, transconsciente, consciente e inconsciente, emoção e vontade, etc. -; “é a experiência da existência total, que revela ao homem a sua modalidade de ser no mundo” (Mendonça, 2015, p. 359, aspas do autor).

Tal experiência religiosa com todo o ser, ou “enquadrando o homem em sua totalidade”, faz-nos inserir a dimensão do imaginário como instância dessa experiência de forma real. Vitor Chaves de Souza (2023), em seu artigo intitulado “Atos originários arquetípicos e o estudo do imaginário: A hermenêutica da imaginação de Mircea Eliade”, discorreu:

Em seu diário, Eliade constantemente retoma experiências religiosas, artísticas e nostálgicas e as rememora pela faculdade da imaginação. “Descobri o quão criativa a imaginação pode ser” (1989b, p. 164), escreveu Eliade sobre a possibilidade de renascimento ou regeneração por visitas a sítios e cenários saturados de sentido, inclusive pela contemplação de obras artísticas. Tal declaração situa Eliade na discussão dos estudos do imaginário com algumas particularidades. No prefácio à tradução portuguesa, Eliade escreveu, em agosto de 1979: Numa fórmula sumária poderia dizer-se que as investigações efetuadas ao longo dos últimos trinta anos confirmaram amplamente a importância da imaginação como instrumento de conhecimento. A experiência imaginária é constitutiva do homem, tanto quanto o são a experiência diurna e as atividades práticas. Se bem que a estrutura da sua realidade não seja homologável às estruturas das realidades «objetivas», o mundo do imaginário não é «irreal». A imaginação revela estruturas do real inacessíveis quer à experiência dos sentidos quer ao pensamento racional (Eliade, 1979, p. 8 apud Souza, 2023, p. 31).

A humanidade, desde épocas ou períodos imemoriais buscou – e ainda busca hodiernamente – respostas para as questões e para o sentido da vida e da morte, bem como a razão de nossos relacionamentos uns com os outros e dos desafios que se apresentam nessa dinâmica, como angústia e felicidade, medo e coragem, alegria e dor. Ademais, esta ainda busca respostas na relação com o universo e a natureza, porém, mais especialmente com os deuses, fonte das respostas para tais questões.

Recentemente, mais precisamente em 2023, uma pesquisa<sup>33</sup> realizada em 26 países pela Ipsos, intitulada “Global Religion 2023”, apontou que 89% dos brasileiros acreditam em Deus ou em um poder maior, revelando sua conexão com o divino, o transcendental e o infinito. Ainda, a pesquisa aponta que 79% dos brasileiros acreditam na existência do Paraíso; 66% acreditam no Inferno e 90% acreditam que Deus ou Forças Maiores lhes permitem superar crises.

Nessa direção, constitui-se como parte de seu ser se conectar a essas divindades como realidades vivas<sup>34</sup> e, assim, aproximar-se e manter-se próximo a elas como “forças maiores que permitem superar crises”. Com efeito, Mircea Eliade afirmou que “seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o homo religiosus acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real” (Eliade, 1992, p. 97).

Nesse mundo de crenças, ritos e mitos desenvolvidos e criados pela humanidade, um rico arcabouço ou catálogo de divindades narram – numa tentativa de encontrar as respostas para as já mencionadas questões da vida – a história de nossas origens, percalços, realizações, descobertas e experiências, cujos resultados se traduzem nas diversas crenças, narrativas, símbolos e mitos.

A religião, numa acepção teológica, está intimamente relacionada a uma ou mais divindades, com características próprias, certo grau de aproximação e distanciamentos em seus elementos cerimoniais e rituais, bem como doutrinas e preceitos espirituais e morais, dentro da diversidade histórica e cultural de cada qual.

Essa dinâmica diversificada busca a ligação<sup>35</sup> com o sagrado e com o quê ou a quem se pretende santificar e consagrar.

Num mundo religioso – como também não-religioso –, e em constante movimento de individualização de crença e fé, mundo esse também dessacralizado e secularizado, “cada um constrói para si seu *baldaquim sagrado*, e forma-se um politeísmo subjetivo” (Beck, 2016, p.

<sup>33</sup>Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em 29 de nov. de 2024.

<sup>34</sup> Em 2022, a revista *Numen* (revista de estudos e pesquisas da religião) publicou um artigo do prof. Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani, intitulado “A realidade dos deuses e das deusas – Contribuições da teoria do imaginário para as Ciências da Religião”. Nesse trabalho, Calvani compartilhou o seguinte: “Minhas mediações dependem basicamente do método comparativo, de princípios da fenomenologia da religião, da teologia de Tillich e mais recentemente do estudo sobre os imaginários. Tudo isso nos ajuda a compreender que, para cada fiel, o seu deus é o mais real de todos. São reais no imaginário religioso! [...] porque o imaginário religioso é real, assim como todo imaginário é real” (Calvani, 2022, pág. 177).

<sup>35</sup> AZEVEDO, Cristina A. de. **A procura do conceito de Religio: entre o relegere e religare**. Março de 2010. 7p. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/9773/5351>. Acesso em 07 de dez. de 2024.

22/ 68).

De acordo com Beck (2016), “a secularização não expressa o declínio da religião nem da fé, mas a formação e difusão massiva de uma religiosidade que se inclina cada vez mais para a individualização” (p. 35). Dito isto, e nessa direção, Paul Tillich, em “A Coragem de ser”, no tópico “Encontro Divino Humano e a Coragem de ser”, disse que “o pólo da individualização expressa-se, na experiência religiosa, como um encontro pessoal com Deus. E a coragem que se deriva dele e a coragem da confiança na realidade pessoal que está manifesta na experiência religiosa” (Tillich, 1992, p. 122).

A experiência do sagrado não está vinculada a um dado momento histórico, mas à experiência do ser, na dinâmica da espiritualidade humana independentemente do seu momento histórico. Em suas obras, *Imagens e símbolos* e *História e sentido na religião*, Eliade alude que:

Os sonhos, os sonhos acordados, as imagens das suas nostalgias, dos seus desejos, dos seus entusiasmos, etc., são outras tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionado num mundo espiritual infinitamente mais rico do que o mundo fechado do seu momento histórico (Eliade, 1979, p.14).

Eliade (1989) afirma, ainda, que o “‘sagrado’ é um elemento da estrutura da consciência, e não um estágio na história da consciência” (Eliade, 1989, p.10, aspas do autor). Nessa perspectiva, o coração humano é o centro dos sentimentos, anseios, desejos e vontades, enquanto a mente, o centro da consciência, da memória e imaginação que revelam o sagrado nas ações e peregrinações nessa dimensão da relação entre deuses e homens, buscando saber o sentido do ser e de ser – do ser-em-si, ser si mesmo ou tornar-se -, sendo a fé a expressão máxima nessa relação com o sagrado e com as divindades.

Nessa direção, Martin Heidegger (2010b) preceituou que “só o homem religioso pode compreender a vida religiosa pois, nos outros casos, ele não teria dados autênticos” (p.291). Além disso, ainda nesse mesmo contexto, Jacqueline Hermann refletiu que “[...] pode-se indagar se no fundo desta assertiva não estaria à ideia de que existiria um sentimento religioso profundamente arraigado na chamada natureza humana” (Hermann, 2010, p. 8).

Ao refletirmos até esse ponto, destacamos que todo ser humano tem sua própria experiência religiosa em três polos, a saber: 1) o homem como um ser espiritual/dual – espiritual e carnal – limitado e finito, buscando em si mesmo e para fora de si comungar, compreender e conhecer a si, o outro, e o sentido da vida individual e coletiva; 2) o homem como um ser religioso – crença e fé – procurando aproximar-se da (s) sua (s) divindade (s) por meio da doutrina, do rito, do sacramento, do dogma e preceitos morais, tradições, costumes e

da revelação profética por meio do sagrado, aspirando comungar e conhecer o absoluto, o infinito, o transcendental e o divino; 3) o homem não religioso - aquele que vive num mundo dessacralizado – mas que não deixa de ser um homem de sentimento e sentido, pois em sua condição humana é um ser espiritual que possui individualmente sua própria tipologia de fé, por assim dizer, sua preocupação última, e seu ponto fixo.

Dessa maneira, na dialética entre o homem religioso e o homem não-religioso, – mas dual, cultural e espiritual –, trazemos a referência tillichiana por Fábio H. P. de Abreu (2009), quando este diz que:

Para Tillich, a Comunidade Espiritual não se esgota nas igrejas ou grupos religiosos, mas está ocultamente presente em todo grupo que é determinado por uma preocupação última. Essa preocupação última diz respeito a todo ser humano, posto que, enquanto humano, esteja preocupado de forma última com seu ser e sentido (Abreu, 2009.p.179).

De acordo com Eliade, o homem primitivo teria vivenciado o sagrado de forma mais patente, pura e, assim sendo, naquela instância na qual tudo era sacralizado (comida, bebida, espaço, habitação etc.)<sup>36</sup>. Devemos salientar, que estes arquétipos<sup>37</sup> foram conservados, até onde foi possível no contexto da história e tradição, dos mitos e mitemas, bem como narrativas, até se deparar com o mundo hostil, dessacralizado e homogêneo<sup>38</sup> do racionalismo.

Possivelmente, ocorreu uma ruptura de um conhecimento e condição originária, tornando o homem religioso em não-religioso, uma espécie de apostasia individual, coletiva, cultural e espiritual. Eliade (1992) aduz que “(...) a dessacralização caracteriza a experiência total do homem não religioso das sociedades modernas, o qual sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas” (Eliade, 1992, p. 14).

Consideramos aqui, de forma breve e objetiva até esse ponto, o entendimento de que o homem espiritual – na experiência religiosa – consiste numa condição comum, e a natureza de todos os homens cuja característica que se destaca é um assentimento universal na busca de sentido, de modo que esse homem anseia por comungar também com o infinito, o eterno e, com o divino. Em outras palavras, cuja instância é o sagrado mediado pelo símbolo – mesmo

<sup>36</sup> Na obra de Mircea Eliade intitulada *História e sentido na religião*, encontramos a seguinte ponderação do autor: “Nos níveis mais arcaicos de cultura, viver como um ser humano é, em si, um ato religioso, pois a alimentação, vida sexual e trabalho possuem um valor sacramental. Por outras palavras, ser – ou antes, tornar-se – um homem significa ser “religioso” (Eliade, 1992, p. 10).

<sup>37</sup> Vitor Chaves de Souza, em seu artigo, intitulado “Atos originários arquetípicos e o estudo do imaginário: A hermenêutica da imaginação de Mircea Eliade”, aduz o seguinte: “o estudo da imaginação em Eliade, dessarte, inicia-se por uma apropriação própria da hermenêutica e alcança uma possibilidade constitutiva dos arquétipos como atos originários -- em sua particularidade, como atos originários divinos” (Souza, 2023, p.31).

<sup>38</sup> Na perspectiva de Eliade, “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras” (Eliade, 1992, p.17).

que no âmbito de uma espiritualidade não-religiosa este anseie pela busca por respostas para as questões da vida, na experiência humana – através da ponderação, reflexão e imaginação, de forma a assumir diversos sentidos nas faculdades imagéticas inerentes do ser.

Desse modo, ao procurar por um objeto de adoração, o homem ao experienciar o sagrado busca interpretá-lo, conhecê-lo cada vez melhor e expressá-lo, revelando-o de várias formas. Em Eliade (1992), entende-se que: “quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente” (Eliade, 1992, p.12), bem como “o sagrado manifesta se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’”. [...] Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (Eliade, 1992, p.13). Dito isto, para Eliade (1992), “a fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela” (p.17).

Assim, até esse ponto, buscamos trazer uma breve consideração da experiência religiosa humana como uma experiência universal, mas que se desdobra de várias formas – inclusive na não-religiosa – imbricada numa fé multiforme e diversificada, uma vez que na seara da dimensão existencial e ontológica esta perpassa a relação de uma religiosidade institucionalizada, contemplando uma religiosidade espiritual-cultural.

Doravante, adentraremos a princípio nas afinidades entre Tillich e Eliade, em direção a uma compreensão da relação entre realidade, arte, imaginação e revelação, posteriormente, numa dinâmica da fé ao analisarmos os conceitos de fé em Paul Tillich e Mircea Eliade, buscando sempre identificar a relação convergente na aproximação de tais conceitos, justificando a presença de tipologias de fé (humana e religiosa).

### 1.3 TILlich E ELIADE: AFINIDADES EM DIREÇÃO A UMA COMPREENSÃO DA REALIDADE, ARTE, IMAGINAÇÃO E REVELAÇÃO

Antes de iniciarmos, há algumas considerações sobre a fé em Paul Tillich e Mircea Eliade que traremos de passagem. Em síntese, antes de qualquer consideração conceitual, uma breve incursão da relação fraterna, e influência acadêmica entre Tillich e Eliade, num

encontro significativo de uma experiência amistosa e frutífero-reflexiva, cujo resultado foi a influência de um sobre o outro, de modo que, nesse contexto, destacaremos como introdução alguns dos contributos e aspectos dessa aproximação.

Consideremos alguns aspectos dessa relação através de um artigo publicado pela *Revista Eletrônica Correlatio*, n. 17, em junho de 2010, por Vitor Chaves de Souza, intitulado “Contribuições da convivência entre Mircea Eliade e Paul Tillich”, em que essa convivência e diálogo reverberou-se em um contributo de continuidade do pensar dos autores, bem como suas afinidades com reflexões sobre o sagrado, a revelação (hierofania), o mito e o símbolo nos âmbitos da condição humana existencial e ontológica, e da hermenêutica fenomenológica como instrumento para a compreensão do fenômeno religioso. Desse modo, segundo Souza (2010), no cenário desse encontro:

Paul Tillich e Mircea Eliade conviveram e trabalharam juntos nos Estados Unidos no final da década de 50 até o meio da década de 60. O encontro dos dois resultou em novos horizontes de pesquisa para a teologia e a história das religiões [...] Paul Tillich e Mircea Eliade lecionaram juntos na Universidade de Chicago, Estados Unidos (ELIADE, Mircea. *Journal II: 1957-1969*, p. xiii.). O auge da convivência entre os dois foi o seminário que eles criaram em 1962, o Joint Seminars. Os encontros aconteciam às Quartas-feiras, das 19h30 às 22hs, na Escola de Teologia Meadville Lombard (“Meadville Lombard Theological School”. ELIADE, Mircea. *Journal IV: 1979- 1985*, p. 59.). [...]Tillich agradece Eliade publicamente pelos seminários, pois o ajudou a “experienciar que cada declaração doutrinal individual ou expressão ritual do cristianismo recebe uma nova intensidade de significação” (“In these seminars I experience that every individual doctrinal statement or ritual expression of Christianity receives a new intensity of meaning”. TILLICH, Paul. *The Future of Religions*, Ed. Jerald C. Brauer, Harper & Row, Publishers, New York, 1966, 94p., p. 90.). [...]As afinidades entre Tillich e Eliade não se restringem na amizade, mas se estendem para os conteúdos de suas pesquisas. Eles possuem em comum a contribuição do diálogo entre as religiões e a abertura de um senso crítico fundamentado na condição humana do fenômeno religioso. As pesquisas de Tillich e Eliade partilham afinidades pois ambos possuem fontes comuns: estão inseridos no movimento do existencialismo; utilizam a fenomenologia como método de pesquisa; são influenciados por autores semelhantes como Schleiermacher, Rudolf Otto, Schelling, Nietzsche, Dilthey e Heidegger (Souza, 2010, p. 145-149, grifos do autor).

Do recorte apresentado através da citação acima, fica evidente que dessa relação fraterna resultaria numa influência de “afinidades” convergente de um sobre o outro. Vitor Souza destaca (2010) que a influência maior foi de Eliade sobre Tillich, de modo que este “propõe uma teologia da história das religiões” (p.150), demonstrando e evidenciando que “estes apontamentos de uma possível teologia da história das religiões (...) são frutos da influência direta de Mircea Eliade” (Souza, 2010, p.150).

Dessa influência de Eliade sobre Tillich, e de Tillich sobre Eliade, destaco alguns dos aspectos do texto ainda em curso, ou seja, nas palavras de Souza (2010, p.150): “uma teologia da história das religiões torna possível consequências positivas para a religião”, de forma que

possibilita “uma nova epistemologia do símbolo religioso”, como sendo “a linguagem do incondicional que participa com aquilo que ele aponta, abrindo realidades que estavam antes fechadas, abrindo profundidades escondidas no próprio ser” (Souza, 2010, p.150). Eis alguns dos aspectos dessa influência citado também por Souza: 1) a experiência da revelação é universalmente humana; 2) a revelação é recebida sob a condição humana finita e reflete condições humanas das profundas questões existenciais, dialéticas e simbólicas e; 3) o sagrado e o profano são correlatos para Eliade e Tillich.

Quanto aos aspectos mencionados, justifico o que se apresentará em momento oportuno, quando discorrer a respeito da relação entre *imaginário e revelação*. Revelação esta não oriunda de uma experiência religiosa institucionalizada de fé, mas de uma experiência de fé oriunda da revelação poética, inspirando artistas e revelando o sagrado presente no imaginário. Assim,

Tillich partilha da dialética do sagrado de Eliade, declarando que ‘a experiência religiosa acontece na *experiência geral*’ [...] [grifo meu] A religião e o mundo secular estão no mesmo barco [...] não deveriam andar separados, pois tal separação é apenas ocasional (Souza, 2010, p.15, grifo do autor).

Desse modo, uma “experiência geral” contempla uma experiência além do racional<sup>39</sup> na relação com o sagrado, adentrando nas esferas existencial e ontológica. Em linhas gerais, uma experiência da realidade dessa revelação no imaginário.

Nessa direção, João Francisco Duarte Júnior, na obra intitulada *O que é Realidade*, citando o filósofo holandês W. Luijpen, expõe o que refletiu este ao ponderar que “Quem compreende que o mundo e a verdade sobre o mundo são radicalmente humanos, está preparado para conceber que não existe um mundo em-si, mas muitos mundos humanos, de acordo com as atitudes ou pontos de vista do sujeito existente” (Duarte, 1994, p.12).

Ao ponderar sobre essa citação, penso que um desses mundos seria o do imaginário como uma *realidade viva e presente*, aprazível e maravilhosa ao vivenciar uma experiência<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Em Rudolf Otto, na célebre obra *O Sagrado*, encontramos na relação entre o Racional e o Irracional na ideia de Deus, uma crítica à ortodoxia racionalista, de modo que essa “Ortodoxia não encontrou meios de respeitar, sem preconceito, o caráter irracional de seu objeto e preservá-lo vivo na emoção religiosa (...)” (Otto, 2022, p. 5). <sup>40</sup> O Filósofo e Teólogo Jung Mo Sung, levantou a seguinte questão: O que é experiência? Ele respondeu então que esta é “um conjunto de acontecimentos que nos modifica (..) sem mudar radicalmente nossa vida (...), entretanto, existem experiências que alteram significativamente nossa existência - por exemplo, uma grande paixão ou a morte de uma pessoa muito importante para nós” (Sung, 1996, p. 9). Não é por acaso que ao pensar em composições musicais da MPB, por exemplo, existem várias delas tratando dessas Paixões (ver canção de Matogrosso & Mathias intitulada *Tentei te esquecer*, álbum: Mistério, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rtNyuTNnKXc>. Acesso em 04/11/2024), Morte e esperança (ver canção de Altamar Dutra intitulada “O fim”, álbum: Sentimental demais, 1965. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qzbkzRej5Tg>. Também a canção *Bendita és*, do mesmo cantor e compositor. Álbum: Altamar Dutra, 1973, que faz alusão a uma “paz e a ressurreição”; “Nosso Juramento”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4cz\\_EdcrTkW](https://www.youtube.com/watch?v=4cz_EdcrTkW). Acesso em 04 de nov. de 2024.

de uma dada realidade<sup>41</sup> filosófica e religiosa. Nessa direção, Duarte (1994) se posiciona afirmando que:

Realidade, portanto, é um conceito extremamente complexo, que merece reflexões aprofundadas. Afinal, toda construção humana seja na ciência, na arte, na filosofia ou na religião, trabalham com o real, ou tem nele o seu fundamento ou ponto de partida (e de chegada). Melhor dizendo, trata-se, em última análise, de se questionar o sentido da vida humana. Vida que, dotada de uma consciência reflexiva, construiu seus conceitos de realidade, a partir dos quais se exerce no mundo e se multiplica, alterando a cada momento a face do planeta (Duarte, 1994, p.12).

Ao refletir sobre essa realidade e sua relação com o imaginário e a arte, trago as palavras pertinentes e significativas de Calvani em seu já mencionado artigo intitulado “A realidade dos deuses e das deusas – contribuições da teoria do imaginário para as Ciências da Religião”, quando enfatizou que “o imaginário, enquanto sistema dinâmico de ideias-imagem de representações coletivas, é reflexo do real e, ao mesmo tempo, o outro lado do real, o lado oculto do real” (Calvani, 2022, p. 176). Com isso, a partir dessa perspectiva, pode-se sustentar que o real, no mundo do imaginário, possui um efeito de realidade inspirador, espiritual, encantador e, até mesmo, revelador.

Calvani, em outro artigo intitulado “Momentos de Beleza – Teologia e MPB a partir de Tillich”, no contexto da presente ponderação, trouxe a experiência que Tillich teve com a arte/estética, constituindo-se numa experiência de revelação que, a meu ver, também é oriunda do imaginário:

Mas o que vem a ser a experiência estética para ele? Sempre que Tillich relata o que viveu diante do quadro de Botticelli, está presente a idéia de “choque”. Experiência estética é o choque provocada por uma obra de arte no sujeito que se depara sensorialmente com ela. Quando Tillich fala em experiência, tem sempre em mente um elemento de abalo, de choque recebido “de fora” do sujeito, e *essa experiência, para ele, corresponde à idéia de revelação* [grifo meu]. A experiência estética se caracteriza por ser intuitiva e não conceitual. Os sentidos são o primeiro canal de recepção. Só depois de passar pela via sensorial é que o sujeito submete a experiência recebida às categorias conceituais e classifica a obra de acordo com seus padrões de beleza. Em Filosofia da Religião, Tillich diz que em cada experiência estética o sentido incondicional “vibra” e que todo sentimento estético é um sentimento transcendente (Calvani, 2005, p. 42, aspas do autor).

É notória a razão pela qual privilegamos aqui o aspecto relativo à “arte, realidade, estética e revelação”, ao trazer um recorte biográfico da relação afetivo-acadêmica entre os

---

<sup>41</sup> Numa reflexão filosófica, o conhecimento da existência de Deus pode ser obtido racionalmente? Na pergunta de Jung Mo Sung, “Deus: ilusão ou realidade?”, ele responde que: Sobre a existência de Deus, não é possível chegar a uma resposta. Para cada argumento contrário existe um favorável, e vice-versa (...) O Deus que busco humaniza as relações humanas, está ao lado do ser humano e não contra o ser humano e sua felicidade (...) Deus, se é verdadeiramente Deus, deve estar do lado da humanidade, em favor dela toda, ajudando-nos a nos humanizar, para vivermos realmente o grande projeto e sonho de fraternidade universal (Sung, 1996, p.12,13).

autores, sinalizando uma aproximação de Eliade sobre Tillich. Afinal, nas concepções<sup>42</sup> de fé sustentadas por estes, identificar tipologias de fé a partir de tais concepções, na relação das categorias “Fé Humana e Fé Religiosa”, está nossa busca a fim de sustentar uma pretensa hipótese da possibilidade de uma categoria de revelação não institucionaliza religiosamente, mas inspirada no âmbito de uma espiritualidade humana existencial e ontológica, intuitiva<sup>43</sup>, na direção de uma fé “livre e criativa”.

Nesse sentido, Antônio Passos de Souza (2024), em sua dissertação de mestrado, *A ressonância do ser: contribuição metodológica para a percepção de sentidos religiosos em canções de Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues e Caetano Veloso*, no subtópico “Percepção intuitiva” refletiu que: “Do ponto de vista metodológico operacional o aceno aproximativo na direção do ‘pensamento intuitivo’” (Souza, 2022, p. 78, aspas do autor), requer não uma desconsideração, mas uma “distração” momentânea em relação ao conceitual (Coelho, 1999, p. 152 e 158), um entregar-se à “fruição” no contato com a arte (Maraschin, 2004, p. 88, aspas do autor), com a intenção de alcançar compreensões complementares (ou fundamentais) que escapam aos cercamentos explicativos ancorados na estrita colaboração entre a percepção empírica e uma conceituação prescritiva (Souza, 2024, p.49).

Dessa maneira, finalizamos nossas considerações fraterno-acadêmicas entre os autores, em que objetivamos tão somente destacar dessa relação uma noção da realidade de uma inspiração *poética*, imbricada na *arte e realidade, imaginação, intuição e revelação*.

Doravante, discorreremos sobre a especificidade contextual da fé em Paul Tillich e Mircea Eliade, buscando aspectos de aproximação e uma possível aplicação dos conceitos de fé pelos autores na dimensão de uma espiritualidade subjetiva de sentido, vislumbrando uma conexão posterior com as composições musicais em contexto, na busca por identificar tipologias de fé à luz dos autores citados.

---

<sup>42</sup> Por ocasião de meu exame de qualificação, em 25 de março do presente ano, recebi, logo após o exame, a presente dissertação (parcial) com as devidas observações do professor Doutor Eduardo Gross (UFJF/MG), que, tendo participado como avaliador/examinador externo, no aspecto relativo às “concepções de fé” em ambos autores fez o seguinte comentário: “Eliade e a fenomenologia tem a virtude de circunscrever a experiência religiosa àquilo que lhe é própria; a universalização do conceito de fé em Tillich, por sua vez, permite reconhecer fé (embora distorcida do “ultimate concern”) em realidades profanas. Resta uma tensão entre ambas as visões que não é reconhecida aqui”. De fato, não trouxe tal tensão em ambas visões no presente trabalho, mas em momento oportuno tal dica valiosa estará fazendo parte de um doutorado em perspectiva, num futuro próximo.

<sup>43</sup> Numa Newsletter, em 01 de novembro de 2024, foi publicada na Coluna Vida Simples, um artigo de autoria pelo educador Kaká Werá, em que discorrendo sobre a intuição afirmou que “(...) é aquela presença sutil, uma espécie de murmúrio sereno que surge no instante em que mais precisamos, mas raramente reconhecemos. Ela não exige provas, nem fundamentos racionais; a intuição apenas existe, como uma bússola interna que aponta para uma rota que nossa razão nem sempre compreende”. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunista/a-intuicao-e-uma-presenca-sutil-e-o-desafio-e-escuta-la/>.

#### 1.4 OS CONCEITOS DE FÉ EM PAUL TILLICH E MIRCEA ELIADE

O conceito de fé em Paul Tillich consiste num *estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente*<sup>44</sup> e sua relação com uma *preocupação última* e o centro de sentido. Em Mircea Eliade, sua noção de fé consiste numa *liberdade criativa a parte de seu valor soteriológico, mas que tem sua fonte, e encontra sua garantia e apoio em Deus*<sup>45</sup>.

Ao partirmos da obra *Dinâmica da fé* (1985), em suas observações introdutórias, Tillich, preocupado e atento em como a fé é concebida de um modo geral, – e no uso indiscriminado da palavra –, sinalizou em tom de advertência que “Hoje a palavra ‘fé’ causa mais desorientação do que cura” (Tillich, 1985, p.5, aspas do autor). Logo, refletindo numa dada pergunta contextualizada, questionamos: o que é, e o que não é a fé? E isso Tillich responde nos capítulos 1, quando apresenta seu conceito de fé, e no capítulo 2, em que trata das distorções da fé como ato de conhecimento, vontade e sentimento.

Em relação a esse último, para Tillich, a fé não é um sentimento no sentido e dimensão subjetivo(a) da palavra, como de modo geral se entende. Por isso, no capítulo 2 da presente dissertação, sob o item 2.1 intitulado “Sentimento, sentido e expressão da fé humana na canção”, será elucidado essa questão pontual.

Dito isto, embora não seja nosso propósito aprofundar esse aspecto último agora, como dito anteriormente, destacamos ao menos o aspecto referente à “distorção da fé como ato de conhecimento”. Nesse aspecto,

A distorção mais freqüente da fé consiste em considerá-la como um conhecimento que apresenta menor grau de certeza do que o conhecimento científico” [...] “Com esse exame terminológico nós chegamos ao próprio tema. A fé não confirma nem nega nada que faça parte do conhecimento pré-científico ou científico do nosso mundo, seja ele baseado em experiência própria ou de outros. O conhecimento do nosso mundo (inclusive de nós mesmos, que somos parte desse mundo) nos é dado pela nossa própria investigação ou pelas fontes em que confiamos. Ele não é uma questão de fé. A dimensão da fé não é uma dimensão da ciência. A aceitação de uma hipótese científica que possui alto grau de probabilidade não é fé, mas um crédito provisório, que precisa ser comprovado cientificamente e levar em conta novos dados (sic) (Tillich, 1985, p. 24-25, aspas do autor).

Nessa direção, vale uma reflexão: Fé é ter um perfeito conhecimento? Devemos nos incomodar e disputar com aquilo que não conseguimos ver ou tocar, a ponto de negar ou distorcer o uso e importância da palavra *fé*? Tillich diz que:

Às vezes até surge a tentação de sugerir que se abandone completamente a palavra "fé". Mas por mais desejável que seja, isso dificilmente é possível. Uma poderosa tradição está protegendo esta palavra. Além disso não possuímos nenhum outro

<sup>44</sup> TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. 1985, p.5.

<sup>45</sup> ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. 1992.p. 153.

termo que faça jus à realidade expressa por "fé". Assim não nos resta por enquanto nenhuma outra saída senão tentar reinterpretar esta palavra e excluir suas conotações distorcidas e enganadoras, as quais se lhe associaram através dos séculos (Tillich, 1985, p.5).

A fé não deixa de ter relação com um ato, no que se refere à ação como uma das características da fé, e na medida em que o ser humano é um complexo de partes e paixões espirituais, em sua condição existencial e ontológica ativa, dinâmica e viva, tal fé tende a atos consagrados em ações que envolvem a totalidade do ser, ou seja, que busca um centro de sentido naquilo que é último.

Desse modo, em Tillich, quando se é possuído por esse tipo de fé, o desejo, a afeição e a consagração são totais e não parciais, uma vez que está ligado, no dizer de Tillich, a uma *preocupação última*.

Discorreremos algumas considerações sobre a fé na perspectiva de Tillich, e apenas mencionamos um possível conceito de fé em Eliade. Isso se dá devido à ausência de obras publicadas sobre esse conceito por estudiosos. Daí reiteramos nosso dizer em momento anterior de que, encontrar um conceito de fé em Eliade, foi como encontrar uma “agulha no palheiro”.

Um exemplo nesse contexto é um artigo intitulado “O corpo da fé: estudos sobre o Sagrado e o Profano”, por Victor Hugo Neves de Oliveira, publicado na *revista Nures*, em 2012. O autor discorre, de forma geral e implícita, sobre a fé, mas não de forma particular ou específica sobre a mesma tratando de seu conceito em Eliade. Assim, o artigo, de acordo com o seu resumo apresentado, expõe de forma contextual o seguinte:

A pesquisa tem por escopo discutir os entrecruzamentos entre devoção e diversão nas ações e significações produzidas pelo corpo em movimento no âmbito do culto; localizando, assim, possibilidades de discursos significativos sobre *o ato de fé* e(m) festa e analisando as relações entre sagrado e profano nos espaços de arte e religiosidade popular (Oliveira, 2012, p. 1, grifo nosso).

Em nossa consideração aqui, apenas pontualmente mencionamos o conceito de fé identificado em Eliade, em sua obra *O Mito do Eterno Retorno* (1992. p. 153), que estaremos a fazer uma exposição de modo complementar no capítulo 3, item 3.3, quando tratarmos de algumas evidências que justifiquem nossas hipóteses, ao identificarmos a característica qualitativa em comum entre Tillich e Eliade, de uma “fé criativa e livre”.

Portanto, basta-nos mencionar apenas que a consideração de Eliade em relação a fé, está imbricada e implícita em sua concepção entre sagrado e profano, seu conceito de *homo religiosus* e a experiência religiosa humana (existencial e ontológica), cuja fé é pensada intimamente com o símbolo, o mito, a arte e, em nossa consideração particular, música,

canção, imaginário, filosofia, fenomenologia e linguagens da religião.

Ao adentrarmos ao capítulo 2, iremos nos aproximar dos conceitos-chave de fé em Tillich e Eliade, imbricados na relação entre “fé humana” e “fé religiosa”, buscando o(s) sentido(s) de fé numa tentativa hermenêutica ressignificativa como instrumento para a compreensão das canções em contexto: “A fé”, em Zé Geraldo e “Fé em Deus”, em Diogo Nogueira.

## **2. A FÉ EM CANÇÕES DA MPB: UMA ANÁLISE DAS TIPOLOGIAS DE FÉ (HUMANA E RELIGIOSA) EM CANÇÕES DE ZÉ GERALDO E DIOGO NOGUEIRA**

Apresentaremos, doravante, uma análise da fé nas canções de Zé Geraldo (A fé) e Diogo Nogueira (Fé em Deus), nas tipologias “fé humana” e “fé religiosa”, tendo a MPB como fonte para o estudo da religião.

Ressaltemos, ademais, que, embora traremos Tillich e Fowler com o intuito destes iluminarem as tipologias de fé nas canções aqui apresentadas, não o faremos de modo a retomar a discussão teórica considerada no capítulo 1, para não nos delongarmos nesse itinerário já percorrido. Em contrapartida, retomamos estas tipologias a fim de identificar as percepções de fé e seu sentido no senso comum, isto é, em seu aspecto “livre e criativo” nas composições das canções.

A música como arte tem o poder de avivar a mente e tocar o coração por meio de seus elementos não somente escritos e grafados em estrofes ou versos nas letras das canções, mas em sua combinação harmônica de suas melodias e ritmos, cantados e tocados, do compositor ao intérprete, da inspiração reflexiva poeticamente a técnica criativa e apurada artisticamente. Em outras palavras, da entonação à exclamação, exprimindo a subjetividade álmica de sentimento em busca de sentido. Consideramos, aqui, a música e as canções da MPB como uma das formas de revelação artística na composição musical. Diante do exposto, segundo Bohumil Med (1996): A ARTE, como dizem os antigos, é a *revelação* do belo [...] AS

ARTES SONORAS – cuja percepção é auditiva e sequencial, por exemplo, música. A matéria-prima é o som. Os sons existem enquanto os intérpretes cantam, tocam ou declamam (p. 9, grifo do autor).

Faz-se, ainda, necessário discorrermos a respeito da dimensão da citada “revelação”, pois, em alguns momentos tal palavra permeará nosso estudo, de forma a nos conduzir à experiência de uma realidade que, imbricada com a religião, também faz parte da experiência humana cultural do espírito humano e da própria condição humana em seu aspecto cognitivo e de percepção que, em nosso contexto, faz-se diante da arte como um meio – e não um fim – para a abertura de um tipo de revelação humana não vinculada a concepções institucionalizadas de fé. Nessa direção, com interessante propriedade, Antônio Passos Souza (2024), quando tratando da “Arte, mistério e revelação”, ponderou que, na modalidade cognitiva de revelação, “há peculiaridade de efetivação por meio de uma codificação própria” na “linguagem simbólica”. Assim discorreu Souza (2024):

O ponto de partida para essa incursão remete ao conhecido relato sobre a experiência estética vivenciada pelo próprio Tillich diante do quadro “Madona com o menino e os anjos cantores” (Sandro Botticelli, 1477), que teria provocado “uma experiência que mudou totalmente a sua visão a respeito das obras de arte, descobrindo a possibilidade de, através de uma obra de arte, os seres humanos serem conduzidos a níveis últimos da realidade” (DA SILVA e PEREIRA, 2008, p. 111). A partir dessa situação existencial Tillich tece as elaborações teóricas que qualificam a possibilidade da experiência estética como êxtase revelatório. No contexto da recepção artística o acontecimento extático ocorreria partindo do contato sensorial com a obra de arte. Mas, evidencia-se a impressão geral de que nem todas as apreciações sensoriais levam ao êxtase revelatório, o que pode ser compreendido com o auxílio da distinção entre superfície e substância, proposta por Tillich, como diferentes camadas constitutivas da criação cultural de modo geral e particularmente da obra de arte. Na superfície, imediatamente aparente, estariam o tema e a forma, porém, pode a arte ainda comportar uma dimensão de substancialidade espiritual portadora de sentido e voltada para as tensões envolvidas no conflito existencial (com projeção transcendental) entre o ser ou o não ser, ou para a já mencionada condução “a níveis últimos da realidade” (DA SILVA e PEREIRA, 2008, p. 111). [...] Assim, o êxtase configura-se como essa experiência extraordinária na qual, possuído pelo mistério que a ele se apresenta, vibra no corpo (em sua condição existencial) a dimensão profunda e transcendente da razão. Vivencia-se assim existencialmente – partindo do contato sensorial com a obra de arte e no fluxo da experiência estética, da intuição do mistério, do choque estético e do êxtase um eco imaginal de cognição: a revelação (Souza, 2024, p. 54-56, grifos do autor).

Na direção de nossa peregrinação e itinerário na relação entre religião e música, no que se refere à MPB (Música Popular Brasileira), assim como sua relação com a fé, o homem religioso e o homem não-religioso – mas espiritual culturalmente –, na experiência humana e religiosa em relação à arte popular e senso comum no imaginário, é importante para a “compreensão de que os símbolos ‘revelam o sentido de algo que não pode ser abordado de nenhuma outra forma’” (Da Silva; Pereira, 2008, p. 118, aspas do autor). Além disso, “na

ampla abrangência do conceito imaginário o simbólico consta como expressão típica do religioso, conservando peculiaridades” (Souza, 2024, p. 56-57).

Quanto à direção pela busca de uma identificação e entendimento das tipologias de fé, de passagem, no imaginário popular dos artistas, e compositores em contexto nas canções da MPB, buscamos e buscaremos fundamentar, a partir de elementos conceituais já desdobrados em momento anterior no capítulo 1, especialmente em Paul Tillich e Mircea Eliade, a realidade dessa fé também na dimensão do imaginário. Desse modo, as canções aqui apresentadas foram organizadas tipologicamente à luz do pensamento tillichiano e eliadiano, a fim de mapearmos concepções e expressões de fé no senso comum dos compositores, e, assim, compreendermos como os artistas compositores percebem e compreendem o que chamam de fé.

O homem espiritual, bem como o homem religioso, pode ou não ser um devoto praticante, alguém que embora não seja filiado a uma fé institucionalizada é dotado de um sentimento religioso natural. Nesse ditame, Calvani argumentou que:

[...] Em muitas canções da MPB são evidentes a presença de expressões típicas do vocabulário religioso (“fé”, “Deus”, “oração/reza”), símbolos (“cruz”), conceitos teológicos (martírio, sacrifício, a relação entre sofrimento e fé, a teodiceia, a esperança religiosa) observações sobre a religiosidade popular (ver as canções “Procissão” e “Xote” de Gilberto Gil, p. ex). A MPB também oferece vasto material para analisar resquícios de uma religiosidade difusa, ainda presentes nas composições de artistas que, deliberadamente se afastaram de qualquer vínculo com religiões organizadas (Calvani, 2015, p. 41, aspas do autor).

O homem espiritual e o homem religioso estão na seguinte condição: um (o homem espiritual) “deseja profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder”, o outro (homem religioso), uma inquietação existencial acentuada na qual “a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo” (Eliade, 1992, p.17). Em suma, sendo esse mundo o mundo dentro de si mesmo como ser dual que é. Com isso, conforme discorreu Paulo Nogueira (2012):

O desejo inquietador vive no entrelaço e passagem do espírito à carne e da carne ao espírito. Essa passagem é um acontecer em seu modo de ser no mundo. Epithymia (grego, desejo), do inquieto desejo entre negação e satisfação, até a boulé (grego, vontade), vontade livre e vivida no espírito, do espírito que não se contém, marcada por conflito, desencontro, contradição de si para si, fissura, desproporção, e leva o ser humano à busca da transcendência de si, no mundo, no outro, em Deus (Nogueira, 2012, p. 31).

Na seara do imaginário, ao caminharmos para uma análise das canções (como veremos mais adiante), citamos aqui Jean Jacques Wunenburger quando este refletiu que “o imaginário se vincula sobretudo com uma intenção, com um objetivo da consciência” (Wunenburger,

2007, p. 53). Desse modo, nota-se que o imaginário não é algo etéreo que flutua, nem é obra do acaso ou devaneio, mas uma forma de manifestação do pensamento com poder de cognição que interage com a realidade, buscando dar sentido e forma, mesmo estando presente a abstração. Abstração esta que poderá ou não se materializar.

Nesse contexto, citando ainda o mencionado autor:

Eis por que tudo pode tornar-se imaginário, mesmo o que é considerado real, visto que o imaginário é posto por uma consciência como um conteúdo ausente, não atualizado. Por conseguinte, é posto como imaginário o que se abre a possibilidades, o que é dotado de uma dinâmica criadora interna (função poiética) de uma fecundidade simbólica (profundidade de sentidos segundos) e de um poder de adesão do sujeito (Wunenburger, 2007, p. 53).

Ao meditarmos a respeito do aspecto imaterial da arte, uma vez que é ampla e desafiadora a compreensão de sua dimensão e valor (material e imaterial), ao reconhecer que esse aspecto é de ordem subjetiva, o imaginário se faz florescer num campo fértil, de modo que a arte abstrata se torna reprodutora da realidade nesse imaginário. Trazemos, aqui, como um desses campos férteis o da produção musical de composição, em que entendemos que na relação entre o sagrado e o imaginário resultam-se expressões de fé.

Sustentamos e reiteramos, portanto, que há inspiração e revelação na produção de composição musical. Revelação e canção que figuram como uma simbiose que põe o imaginário entre mundos de verdades comprovadas e fatos concretos, cuja tipologia “é sempre igual [...], mas haverá infinitas formas de expressá-lo: símbolos, mitos, ritos, figuras divinas, animais, plantas, seres humanos etc” (Croatto, 2010, p.59). Nessa direção, acreditar e ter fé ao buscar o sentido da vida e do ser si mesmo em canções, também não consistem em algo etéreo que flutua, ou obra do acaso e devaneio, mas fazem conexão com o mundo do imaginário, mundo este que está dentro e fora de si. No homem, para o homem e, desse homem no mundo para o mundo, ante suas experiências hierofânicas, e de alteridade.

Nessa perspectiva, se presumirmos que a crença e a fé produzem essa “experiência religiosa primária”, uma vez que sustentamos reiteradamente que é condição natural o ato de crer, e que a fé constitui a base da crença religiosa e humana, qual a relação entre crença e imaginário? Embora os termos não sejam sinônimos, a relação entre ambos se traduz, segundo Wunenburger (2007), na legitimação da crença em imaginário, “na medida em que essa relação com o imaginário obedece a necessidades, satisfações, efeitos a curto e a longo prazo que são inseparáveis a natureza humana” (Wunenburger, 2007, p. 54).

Uma dessas necessidades humanas é a relacionada com a adoração expressa de multiformes. Quanto à adoração vinculada ao sagrado, esta revela em suas ações e manifesta

nos símbolos, ritos e mitos, seu anseio por algo que se possa adorar ou depositar sua preocupação total e última.

Da crença ao imaginário e/ou do imaginário à crença, incluímos nessa relação sem hierarquias – ou ordem de prioridades – o questionamento levantado por Croatto: “como o ser humano é capaz de expressar o vivido como algo transcendente”? (Croatto, 2010, p.9). Assim, refletindo a este respeito, vemos que o ser humano é capaz de expressar ou externar o transcendente – e também o sagrado – através do imaginário – e também do símbolo –, que também é vivido nessa dimensão como uma realidade da faculdade pensante cognoscente e cognoscível. Nesta última, até certo ponto, quando se dá formas, nomes e cognomes às divindades, por exemplo, o que não implica uma perfeita compreensão dessas divindades em sua natureza, forma, substância, partes e paixões, a menos que seja revelado, como presente na doutrina que é, segundo Croatto (2010) “outra manifestação religiosa [...] além do símbolo, mito e rito” (p.11), isto é, “distinguindo-se desses cuja causa é a preservação ou a defesa da tradição” (Croatto, 2010, p.11), cuja revelação está presente nas narrativas e história escrita como, por exemplo, a revelação aos profetas no caso da história dos hebreus e seu Deus.

Portanto, o imaginário, a revelação poética, a música e a canção, o sagrado e o símbolo revelando-o, conduz-nos a uma consideração inicial da relação entre sentimento, sentido, assim como a inspiração de uma fé humana presente na arte da composição musical antes de uma análise das canções em particular.

## 2.1. SENTIMENTO, SENTIDO E EXPRESSÃO DA FÉ HUMANA NA CANÇÃO

Iniciemos com uma questão a problematizar: Qual a relação entre sentimento e sentido em canções de fé? São dois lados de uma mesma moeda mantendo a unidade? – expressão da fé humana incondicionalmente.

### 2.1.1 O sentido incondicional no sentimento musical

Na obra de Tillich, *Dinâmica da Fé*, a parte II se apresenta sob o título “O que a fé não é”, que, no item 3, “A distorção da fé como sentimento”, Tillich esclarece que se tal sentimento não for numa “entrega total” não será mais do que simplesmente se deixar “restringir à subjetividade do simples sentimento” (Tillich, 1985, p. 30).

Tillich então deixa claro sua concepção a respeito do sentido incondicional do sentimento da seguinte forma:

Não há dúvida de que na fé como ato da pessoa inteira o elemento do sentimento está fortemente representado. Um sentimento muito vivo sempre demonstra que a pessoa inteira está participando de uma experiência ou de uma intuição do espírito. Mas o sentimento não é a fonte da fé. A fé tem uma orientação bem determinada e um conteúdo concreto. Por isso ela reclama verdade e entrega. Fé está orientada para o incondicional, o qual surge numa situação concreta que exige e justifica essa entrega. (Tillich, 1985, p. 30).

Ao fazer parte do grupo de estudos “Religião e Música”, encabeçado pelos professores Carlos Eduardo Brandão Calvani (PPGCR/UFS) e Arnaldo Érico Huff (PPCIR/UFJF), no encontro datado de 27 de maio de 2025, na apresentação do componente e membro do grupo, Antônio Passos, ao compartilhar e comentar sua dissertação de mestrado defendida em 2024, intitulada *A Ressonância do ser: contribuição metodológica para a percepção de sentidos religiosos em canções de Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues e Caetano Veloso*, ao mencionar seu interesse por uma busca contínua de estudos de canções com respaldo e análise filosófica, citou um livro que está estudando nessa direção, cujo título consiste em *A música e o inefável*, de Vladimir Jankélévitch, publicado em 2018 em português.

Em relação à obra, cito em instantes - após Souza -, um artigo que faz menção a mesma, “Em busca da ipseidade musical: A música e o inefável de Vladimir Jankélévitch”, escrito por Clóvis Salgado Gontijo<sup>46</sup>. No artigo, o professor Gontijo faz menção a cada um dos capítulos de modo a trazer aspectos do trabalho de Jankélévitch, e o que destaco para nossa consideração é aquilo que considero aplicável quato à menção em contexto, no aspecto do *sentimento e sentido*. Dito isto, aproximando letra e espírito da canção. E, para se perceber o espírito da canção, penso que se faz necessário observar o aspecto fonográfico sonoro através de um ouvir atento e reflexivo, como manifestação de um nível elevado de sentimento.

Nessa direção, cito novamente a dissertação de Antônio Passos Souza, item 2.2, “A busca compreensiva da unidade da canção – letra e sonoridade”, que alude o mesmo, em tom de advertência para a atenção ao elemento sonoro da canção:

Chama a atenção o fato de que, embora a fonte primordial para as pesquisas no campo temático religião e música popular brasileira seja o formato musical canção (estruturado na unidade entre sonoridade e texto cantado), muitos dos estudos concentram a análise apenas nas letras das canções, desconsiderando totalmente ou

---

<sup>46</sup> Nota no artigo sobre o autor: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professor assistente. Possui dupla formação em Música e Filosofia. Doutor em Estética e Teoria da Arte pela Facultad de Artes/Universidad de Chile. Pós-doutor pela Escola de Música da UFMG.

fazendo apenas alusões breves à sonoridade. As abordagens que adotam essa redução da canção à letra filiam-se explicitamente ou se aproximam de “métodos de leitura e análise utilizados nos estudos que relacionam teologia e literatura” (MANZATTO, 2022, p. 321), operando assim o descarte do elemento sonoro e fixando-se apenas no elemento textual. Por outro lado, desde estudos que podem ser caracterizados como precursores do campo temático religião e música popular brasileira, já se faz presente o exercício descritivo da percepção de sentido religioso emanado da sonoridade musical (sic) (Souza, 2024, p. 43, 44).

Consideramos que o aspecto do *sentimento* na canção como um atributo humano que, através não somente da interpretação do artista, mas especialmente da liberdade criativa inspirada do compositor, externa-se e se expressa de forma melódico sonora, por meio da música como fio condutor da expressão álmica de sentimento e sentido de quem compõe, para a recepção da mensagem pelo ouvinte que a recebe. Dessa forma, conectando letra e espírito da canção numa dimensão “ética e metafísica da música” (Gontijo, 2017, p. 214).

Isto tem paralelo com outro elemento que revela o sentido da canção, e esse é o do “poder” da música que desvela seu “encanto” – a meu ver, nas dimensões existencial e ontológica –, como refletido por Gontijo em seu comentário ao primeiro capítulo da obra de Jankélévitch:

O autor aborda os efeitos da arte musical sobre o ouvinte não para tratar de um aspecto psicológico, sociológico ou restrito à estética da recepção, mas, como anunciamos, para se acerrar de uma característica específica da música. Novamente, é um compositor, desta vez Franz Liszt, quem chama sua atenção para o vigoroso “poder da música”. (JANKÉLÉVITCH, 1983, p.7). Este, segundo a leitura do filósofo, reflete um modo de atuação único, que, como explicará mais tarde, não se realiza graças a uma sucessão de argumentos, mas de uma só vez, pela imersão do ouvinte numa atmosfera destituída de causas definidas [...]. Mas atenção: a música humana, fruto de uma cultura, dotada de uma harmonia e de uma metronomia, “não desmente o logos” (JANKÉLÉVITCH, 1983, p. 12) e, assim, em muito dista do canto irracional das sereias. Por conseguinte, torna-se necessário precisar ainda mais o “poder” específico da música, distinguindo-o da sedução, da encantação, do enfeitamento (sic) (Jankélévitch, 1983, p.12 apud Gontijo, 2017, p. 214-215).

Na busca por traduzir um fenômeno para a seara da linguagem cultural, a música desempenha seu papel de fonte para a percepção e compreensão dos fenômenos, através de sua linguagem simbólica, aproximando mundo imaginário artístico-poético, e senso comum de um “ouvido popular pensante”<sup>47</sup>, na composição musical.

Na ponderação de Calvani:

A música, por ser uma forma de arte quase manifesta e logo desaparece, tem seu registro fixado apenas na memória de quem a ouve, e ainda assim, de modo muito

<sup>47</sup> Na obra de Murray Shafer, *O ouvido pensante*, o autor faz menção ao título da quarta parte de seu livro, “Quando as Palavras Cantam”, contando que “Me foi dado por um garoto de 6 anos de idade, quando lhe pedi para descrever poesia. “Poesia é quando as palavras cantam”, disse. Essa parte investiga o meio caminho entre música e palavras, uma área onde tanto os compositores contemporâneos como os poetas “concretistas” estão nos revelando (Shafer, 1992, p. 14, aspas do autor).

fragmentário. [...] A música só se torna fenômeno quando executada [...] A música, por sua vez, quando se oferece ao mundo, atinge a todos os envolvidos no seu raio de alcance, sem distinguir se esses conseguem ler e interpretar uma partitura [...] Para os que trabalham com Fundamentos e crítica das ideias religiosas (Filosofia da Religião, Teologia, etc.), a pesquisa em canções populares contribui como fonte adicional para a reflexão sobre a poderosa influência de símbolos e outros referenciais religiosos que atuam – às vezes subliminarmente, outras vezes conscientemente (Calvani, 2015, p. 31-32).

A fé, nessa direção, não é cega, nem surda, e nem muda. Assim, somos levados a indagar de forma reflexiva: O que é um pensar inspirado na fé no processo de uma composição musical? O que constitui um cântico de fé, de modo que os sentimentos mais íntimos podem se associar a um tipo de fé humana em comunhão com uma fé religiosa?

Tal tipologia “fé humana” traduz os anseios humanos em busca de sentido na dimensão de uma espiritualidade cultural, a parte de um valor sacramental institucionalmente fundado.

Nessa direção, Fowler (1992) citando Ernest Becker disse que:

Somos “homo poeta, ou seja, homem, o criador de sentido. Não vivemos apenas de pão, de sexo, de sucesso, e certamente não vivemos dos instintos. Nós exigimos sentido. Necessitamos de propósito e prioridades, precisamos de algum tipo de percepção do quadro completo. (Fowler, 1992, p. 16, aspas do autor).

A experiência do sagrado não está única e exclusivamente atrelada à religião na forma institucionalizada, mas às questões do ser em si, e do ser si mesmo espiritualmente como uma condição humana universal.

Antônio Passos Souza, nesse contexto, trouxe sua “interpretação compreensiva” ao discorrer sobre sentidos religiosos em canções da MPB:

Sobre as interpretações compreensivas a seguir traduzidas em palavras escritas, incide o pressuposto de que a experiência do sagrado pode ser vivenciada não apenas em vínculo com os ambientes de explícito culto religioso, mas, por toda a expressão cultural – proposição esta estruturante na passagem de uma teologia da igreja para uma teologia da cultura, conforme as elaborações de Paul Tillich, e também sugerida em estudos de fenomenologia da religião, realizados por Mircea Eliade (Passos, 2024, p. 61).

A percepção de sentidos religiosos em canções se dá na identificação de aspectos e características multiformes que a linguagem religiosa expressa, e não única e exclusivamente na “referência a uma realidade transcendente, mas ao uso que ela tem como guia existencial e ético” (Portugual, 2010, p. 80). Inclusive, expresso na cultura e no imaginário popular. Desse modo, sendo esse imaginário uma construção subjetiva de imagens diversas, ou visões diferentes inspiradas poeticamente pelos compositores, há também a presença de algo físico para ser acessado na música e nas canções, pois a arte é reprodutora de realidade no

imaginário criativo e inspirado.

A religião está caminhando para uma direção mais estética, ou, em outras palavras, prezando pelo aspecto mais emocional, sendo interpretada de modo a manifestar tanto a religiosidade do cantor e compositor quanto traduzindo e projetando a(s) religiosidade(s) e espiritualidade oriundas do imaginário popular. Em suma, a música é um tipo de linguagem que possui sentidos religiosos nas várias expressões culturais, e não única e exclusivamente na dimensão institucional.

A composição musical em canções de fé é um exercício religioso de projeção de si, mesmo enquanto ser humano produtor de cultura e criador da(s) religião(ões) como a primeira forma de explicar o mundo. Na reflexão de Franklin Leopoldo e Silva, em *O Conhecimento de Si*:

Isso significa que a origem do conhecimento está numa disposição íntima, que seria constitutiva do ser humano. O “espanto” diante das coisas, do qual falam Platão e Aristóteles como sendo a causa inicial da filosofia, isto é, do saber, é, antes de tudo, um modo de se pôr diante do mundo. Ora, é de se supor que esse espanto diante do que nos rodeia e nos supera inclua também a admiração que nutrimos por nós mesmos, principalmente no caso dos aspectos incompreensíveis que nos constituem e que nos levam a pensar, a agir, a sonhar num estágio originário da nossa relação com o mundo e, sobretudo, com nós mesmos. Uma das motivações da poesia trágica grega é a compreensão dessa “maravilha” que, entre todas, mais nos impressiona: o homem. Poemas, mitos e religiões exploraram intensamente esse enigma antes que a filosofia sobre ele viesse a se debruçar racionalmente (Silva, 2011, p. 9, aspas do autor).

Nos próximos itens e subitens que se seguirão, destacaremos alguns aspectos tanto da fé humana quanto da fé religiosa ao analisarmos as canções em contexto, trazendo a simbiose entre religião e música.

## 2.2. ASPECTOS DA FÉ HUMANA NA CANÇÃO DE ZÉ GERALDO “A FÉ”

Faremos, neste tópico, uma análise da canção em contexto, mas não de forma arbitrária para hierarquizar tipologias de fé, – validando uma e desvalorizando ou desprezando outra –, ao utilizarmos a instrumentalidade das reflexões dos autores em contexto para interpretar literalmente, à luz deles, as músicas em curso. Também, não será feita uma análise fonográfica pormenorizada, pois careceria de conhecimento teórico e técnico musical, em que, segundo Bohumil Med (1996), “a música não é apenas uma arte, mas também uma ciência. Por isso, os músicos (compositores ou intérpretes) precisam, além de talento, uma técnica específica bem apurada”p. 9).

O intuito é aproximar teoria e prática na relação entre religião e música, ao buscar-se o(s) sentido(s) das canções, – ressignificando e procurando desvelar e compreender como os compositores entendem o que chamam de fé –, a partir das citações apresentadas nesse primeiro momento em James Fowler e Paul Tillich, J. A. Libânio e Mircea Eliade será apresentado no capítulo 3, quando tratarmos da experiência de fé sob o título “A fé em canções da MPB: uma análise da experiência religiosa em canções de Gustavo Mioto e o Rappa”, ou seja, quando analisarmos as canções.

Na obra de James W. Fowler, intitulada *Estágios da fé*, a “Fé Humana” é tratada na Parte 1, em que, de imediato, encontra-se uma consideração simples e valiosa a respeito dessa tipologia de fé:

A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto [...] A fé é o modo em que uma pessoa ou grupo penetra no campo de força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados (Fowler, 1992, p. 15).

Consideremos, doravante, alguns dos aspectos dessa citação em íntima relação com as canções em contexto, observando sempre o elemento inspiradamente criativo presente como uma forma de revelação no processo da composição. Além disso, será necessário trazer algumas considerações das expressões de *sentimento* e *sentido* percebidos nas canções, em sua dualidade – letra e som – em busca de unidade.

2.2.1. Trecho a considerar da citação de Fowler: A fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto [...] A fé é o modo em que uma pessoa ou grupo penetra no campo de força da vida.

A Fé, Zé Geraldo (álbum: Sol Girassol, 1984).

Tá na prece do cristão  
Na festa do padroeiro  
Tá nas velas que iluminam  
Os caminhos do mosteiro.

Acompanha os peregrinos  
Todo ano a Juazeiro  
Tá na roda das carretas  
Na cabine do caminhoneiro.

Rola pelas rodovias  
Que nos leva a Aparecida  
*Tá com a dona de casa*  
*Todo dia em sua lida.*  
Muitas vezes explosiva  
Outras vezes reprimida  
*É a companheira do operário*

*Em sua luta pela vida*  
*Tá no verso do poeta*  
*Nas trovas do cantador*  
 Nas palavras do profeta  
*No peito do trabalhador*  
*Tá no pranto de quem chora*  
*Na alegria e na dor*  
 Tá à espera de braços abertos  
 No alto do Redentor  
 Tá na reza dos fiéis  
*No ato dos governantes*  
*Tá presente nos bordéis*  
*No encontro dos amantes*  
*Tá nos livros e papéis*  
*Na cabeça do estudante*  
 Na esperança dos que chegam  
 Na ilusão dos retirantes  
*Tá na força do destino*  
*Nas ruas e na prisão*  
 Tá na festa do Divino  
 E na fogueira de São João  
*No sorriso do menino*  
*Tá no gesto do ancião*  
*Tá na chuva na cidade*  
*Tá na seca no sertão*  
*Muito dela tenho ouvido*  
 E dela tenho falado  
 Por ela se tem morrido  
 Por ela se tem matado  
 Todo povo oprimido  
 Não se esquece do ditado  
*Povo que vive sem fé*  
*É um povo abandonado*

A expressão “Povo que vive sem fé é um povo abandonado”, na estrofe, é o refrão da canção (repetindo-se por duas vezes). Tal expressão sugere a importância da fé na dimensão de um grupo. Parece haver um sinergismo da fé quando ela se apresenta no seio de um agrupamento de pessoas, mas que não é legitimada única e exclusivamente numa sinagoga ou local de culto religioso demonstrado na letra da composição. Vê-se, na canção, que há uma via de mão dupla, a abertura para um tipo de fé que parte do indivíduo comum – em sua condição humana, nas situações mais variadas da vida – para o todo ou coletivo<sup>48</sup>.

A palavra “Tá” é usada na canção de forma reiterada, apresentando-se quinze vezes. O “Tá” é uma abreviação coloquial de “Está”, e, é interessante notar que Tillich, ao conceituar a fé usa o mesmo equivalente formal “Estar” ao definir a fé. Em outros termos, na sua forma original sem conjugação, e o “está”, na forma conjugada do verbo “Estar”, no presente do

<sup>48</sup> Efésios 4:13 contém a expressão “até que todos chegemos a unidade da fé”, trazendo a ideia de coletividade, estando presente na dinâmica da vida humana, mas, também, como um elemento característico individual da condição humana.

indicativo que indica uma ação que está ocorrendo no momento. Fé é *estar* possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente (Tillich, 1985, p. 5). Essa observação semântica tem o objetivo apenas de ratificar o dizer de Tillich de que “O homem como pessoa não é possível sem fé” (Tillich, 1985, p.17).

Fowler, no contexto da fé humana, nos traz Tillich e Niebuhr com a seguinte reflexão esclarecedora:

A fé [...] é uma preocupação humana universal. Antes de sermos religiosos ou irreligiosos, antes de nos concebermos como católicos, protestantes, judeus ou muçulmanos, já estamos engajados em questões de fé. Quer nos tornemos incrédulos, agnósticos ou ateus, estamos preocupados com as formas pelas quais ordenamos a nossa vida e com o que torna a vida digna de ser vivida. Além disso, procuramos algo para amar, e que nos ame; algo para valorizar, e que nos dê valor; algo para honrar e respeitar, e que tenha o poder de sustentar nosso ser (Fowler, 1992, p. 16, 17) .

Da citação de Fowler (1992) destaco o recorte seguinte: *Além disso, procuramos algo para amar, e que nos ame; algo para valorizar, e que nos dê valor; algo para honrar e respeitar, e que tenha o poder de sustentar nosso ser.* Nesse contexto, em uma entrevista ao Programa Mistura Cultural da TV Cultura, datada de 13/12/2024, intitulada “Zé Geraldo fala das dificuldades que enfrentou no início da carreira”, o cantor e compositor falou de alguns percalços que teve na década de 80, quando pensou que suas canções não teriam aceitação pelo público ouvinte até ter recebido, posteriormente, vários *feedbacks* de recepção positiva que, segundo ele, elevaram sua autoestima.

No recorte da entrevista, temos o seguinte: “Como é Zé, vê que você construiu isso, e que continua presente na vida das pessoas? - [...] Olha, graças a Deus; eu tive quase parando pelo meio dos anos 80, né? Eu ficava longe da grande mídia, achava que minha música era inferior. Eu tinha um certo problema de autoestima [...], mas aí, quando eu descobri o quanto eu era querido, isso mudou muito minha vida [...], isso aí é um alimento forte para a alma e para o coração [...]”<sup>49</sup>.

Durante a entrevista, Zé Geraldo usa a expressão tão comum entre as pessoas “graças a Deus”, repetindo-a algumas vezes. Isso é um indicador de que o compositor acredita em Deus (fé religiosa) ou se permite um tipo de crença oriunda do senso comum e imaginário popular. No entanto, possui, no exercício de sua capacidade de inspiração poética aplicada à dinâmica da vida, as características de um tipo de fé universal (fé humana) que busca sentido e um centro de sentido, que promova unidade na diversidade e conexão com o ser si mesmo na

---

<sup>49</sup> Entrevista a TV Cultura datada de 13/12/2024. A entrevista tem o tempo de 7min10s. O trecho da mesma apresentado aqui com o devido recorte, a partir do momento da pergunta da entrevistadora é no tempo de 2min34s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NqmIjyJXUK8>.

alteridade, pois a fé sem o outro “é morta em si mesma”<sup>50</sup>. Diante disso, há uma relação de dependência humana mútua na fé<sup>51</sup>.

Fowler, citando o teólogo H. Richard Niebuhr no desenvolvimento de uma perspectiva semelhante à de Tillich sobre a fé, diz:

[...] Niebuhr apresenta uma penetrante descrição daquilo que quero chamar de fé humana. Ele vê a fé tomando forma em nossos primeiros relacionamentos com aqueles que cuidam de nós na infância. Vê a fé crescendo através de nossa experiência de confiança e fidelidade – e de desconfiança e traição – com as pessoas mais chegadas. Vê a fé nas visões e valores comuns que mantêm juntos os grupos humanos. E vê a fé, em todos esses níveis, na busca de uma confiança abrangente, integradora e fundamental em um centro de valor e poder suficientemente valioso para dar unidade e sentido à nossa vida (Fowler, 1992, p. 16).

Embora não tenha, durante a pesquisa, encontrado uma entrevista ou matéria que tratasse especificamente da música de Zé Geraldo em contexto, conseguimos – ao menos, em parte – o suficiente para trazer a baila o aspecto da fé humana na canção, através de uma entrevista na qual o cantor e compositor “declara sua fé em Deus”, mesmo na simples e corriqueira expressão popular: “graças a Deus”, oriunda de uma relação cultural de tradição religiosa, mas ao mesmo tempo imbricada na condição humana espiritual cultural, ontológica e existencial.

Na mesma linha contextual, traremos a segunda canção em nossa análise sobre a fé, no mesmo itinerário da tipologia “fé humana” na canção de Diogo Nogueira, “Fé em Deus”. Com isso, transportando-nos de um “Tá” em Zé Geraldo – um “tá” que nos remete a questionar: onde *está* a fé? Está tão somente na religião, ou há a abertura para uma condição de fé humana? – para um “Tenha” em Diogo Nogueira.

Em Zé Geraldo, vimos que a fé está aberta na dimensão humana que possui, na dinâmica da vida, várias preocupações preliminares em conexão com uma preocupação última, cuja preocupação preliminar em Tillich precede e leva à preocupação última e definitiva, figurando a arte – na música – como um dos instrumentos a desvelar os sentidos da fé humana na dimensão de uma espiritualidade no âmbito da cultura.

Dessa maneira, são significativas as palavras de Torres nesse contexto, quando este expõe que:

Resta então a terceira relação que torna possível a análise teológica da situação, na qual “preocupação preliminar” torna-se um meio pelo qual a “preocupação última” pode se efetivar. Sendo assim, Tillich nos esclarece que “Quadros, poemas e música podem se tornar objetos da teologia, não sob o ponto de vista de sua forma estética,

<sup>50</sup> Tiago 2: 8,9,18,26.

<sup>51</sup> Léo Gandelman, saxofonista, flautista, compositor, arranjador e produtor musical brasileiro fala da relação entre “música e espiritualidade” em sua condição humana, na relação consigo mesmo e com o outro. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DKcd1RJunxc/?igsh=OTF3dXd1cmw2Y3N1>.

mas de seu poder de expressar, em e através de sua forma estética, alguns aspectos daquilo que nos preocupa de forma última”. Isso abre a nós a possibilidade de refletir teologicamente a “preocupação última” por meio de aspectos contidos na “preocupação preliminar” que constitui a cultura (Torres, 2012, p. 221, aspas do autor).

O homem espiritual, culturalmente falando, pode ou não ser um devoto praticante, alguém que embora não seja filiado a uma fé institucionalizada, é dotado de um assentimento religioso natural. Nesse ditame, Calvani argumentou que:

[...] Em muitas canções da MPB são evidentes a presença de expressões típicas do vocabulário religioso (“fé”, “Deus”, “oração/reza”), símbolos (“cruz”), conceitos teológicos (martírio, sacrifício, a relação entre sofrimento e fé, a teodiceia, a esperança religiosa) observações sobre a religiosidade popular (ver as canções “Procissão” e “Xote” de Gilberto Gil, p. ex). A MPB também oferece vasto material para analisar resquícios de uma religiosidade difusa, ainda presentes nas composições de artistas que, deliberadamente se afastaram de qualquer vínculo com religiões organizadas (Calvani, 2015, p. 41, aspas do autor).

Finalizamos este ponto no âmbito de uma fé humana imbricada a uma dimensão ontológica com as precisas palavras do professor Eduardo Gross, em tom de advertência quanto às concepções de fé unicamente vinculadas a uma instituição religiosa fundamentada, assim como ao aspecto psicológico da fé:

A definição de fé como preocupação última ou suprema é uma tradução quase literal, na medida em que isto é possível, da expressão *ultimate concern*, empregada por Tillich nas suas obras em língua inglesa (cf., p. ex., TILLICH, 1957, p. 1). Apesar da popularidade que esta expressão angariou, muitas vezes não se atenta suficientemente para a dimensão ontológica que é pressuposta por ela. Não é difícil encontrar empregos desta expressão em que se ressalta unilateralmente a dimensão psicológica da fé. Esta dimensão psicológica certamente também estava presente na intenção de Tillich ao elaborar tal definição, mas de modo algum ela pode ser tomada quer isoladamente, quer como se fosse o ângulo privilegiado para a compreensão de Tillich (...) Entretanto, o problema é que ainda assim se expressa quase que unicamente a dimensão subjetiva da situação. (...) Especificamente merecem ser destacados a dimensão ontológica que tal compreensão pressupõe, a polaridade entre os aspectos subjetivo e objetivo da fé, o seu caráter paradoxal manifesto na dinâmica entre sua origem ontológica e sua representação concreta, humana e objetiva. Além disso, então, esta compreensão cuidadosa da concepção de fé de Tillich também permitirá um olhar mais profundo sobre algumas consequências interessantes desta concepção para a interpretação da situação vivencial humana concreta, particularmente no que diz respeito ao caráter paradoxal da fé vivida no cotidiano, à dimensão do sentido inerente à existência humana, ao papel da dúvida na vivência da fé e à importância dos símbolos enquanto expressão da fé (Gross, 2013, p.8-9, grifo do autor).

Mais adiante, em nosso próximo tópico, que analisará o outro lado da moeda, o da fé religiosa presente na canção de Diogo Nogueira, “Fé em Deus”, em que a ressonância do ser ecoa uma mensagem de esperança e exclamação para um “tenha” e “possua” essa fé “religiosa”, bem como na dimensão humana, numa realidade não transcendental, e na alteridade do aqui e agora.

### 2.3. ASPECTOS DA FÉ RELIGIOSA NA CANÇÃO DE DIOGO NOGUEIRA “ FÉ EM DEUS”

Na obra de Tillich, *Dinâmica da fé*, no tópico 2 do item IV “Tipos de fé”, intitulado “Os Tipos Ontológicos de fé”, Tillich traz a experiência do sagrado atrelada a um objeto, acontecimento ou uma pessoa, afetando um grupo de pessoas nessa relação, numa “porção da realidade que é experimentada num ato de crer como portadora do sagrado, como diz o termo tradicional, caráter ‘sacramental’” (Tillich, 1985, p. 41, aspas do autor).

As amplitudes dos acontecimentos na dinâmica da vida estão interligados a uma variedade de objetos de fé que, tido como simbólicos, expressam o sagrado na vida individual e coletiva, que ganham forma e significado, aproximando o homem do divino através do sagrado. Tillich, assim, discorre que:

Este cálice, este pão, esta árvore, este gesto da mão, este ajoelhar-se, este edifício, este rio, esta cor, esta palavra, este livro, estas pessoas são portadores do sagrado. Através deles a pessoa crente experimenta aquilo que a toca incondicionalmente. Eles não são escolhidos arbitrariamente como portadores do sagrado, e sim pela intuição visionária de indivíduos. Eles são aceitos pelo consenso comum de todo um grupo e transmitidos de geração a geração; eles são modificados, reduzidos e ampliados. Diante deles as pessoas são tomadas de reverência, fascinação, veneração, idolatria e crítica e finalmente os substituem por outros portadores do sagrado. Esse tipo sacramental de fé se encontra em todo o mundo e aparece em todas as religiões. Ele é o “pão diário” da fé, sem o qual uma fé se tornaria vazia e abstrata, perdendo seu significado para a vida do indivíduo e do grupo (Tillich, 1985, p. 41, aspas do autor).

Dito isto, a partir da citação de Tillich, faremos o recorte que possibilita nosso contexto a considerar aqui, isto é, ao analisar a canção de Diogo Nogueira, “Fé em Deus”, como expressão da fé na forma “romântico-conservador secularizada” (Tillich, 1985, p. 45).

2.3.1 Trecho a considerar da citação de Tillich: *Este cálice, este pão, esta árvore, este gesto da mão, este ajoelhar-se, este edifício, este rio, esta cor, esta palavra, este livro, estas pessoas são portadores do sagrado. Através deles a pessoa crente experimenta aquilo que a toca incondicionalmente.*

“Fé em Deus”, Diogo Nogueira (álbum: Poder da criação, 2007).

A luta está difícil, mas não posso desistir  
Depois da tempestade, *flores* voltam a surgir  
Mas quando a *tempestade* demora a passar

A vida até parece fora do lugar  
 Não perca a fé em Deus, fé em Deus  
 Que tudo irá se acertar  
 Pois *o sol* de um novo dia vai brilhar  
 E essa luz vai refletir na nossa estrada  
 Clareando de uma vez a caminhada  
 Que nos levará direto ao apogeu  
 Tenha fé, nunca perca a fé em Deus  
 Pra quem acha que a vida não tem *esperança*  
 Fé em Deus  
 Pra quem estende a mão e ajuda a criança  
 Fé em Deus  
 Pra quem acha que o mundo acabou  
 Pra quem não encontrou um *amor*  
 Tenha fé, vá na fé  
 Nunca perca a fé em Deus  
 Pra quem sempre *sofreu* e hoje em dia é *feliz*  
 Fé em Deus  
 Pra quem não alcançou tudo que sempre quis  
 Fé em Deus  
*Pra quem ama, respeita e crê*  
*E pra aquele que paga pra ver*  
 Tenha fé, vá na fé  
 Nunca perca a fé em Deus  
 Aquilo que não mata só nos faz fortalecer  
 Vivendo aprendi que é só fazer por merecer  
 Que passo a passo um dia a gente chega lá  
 Pois não existe mal que não possa acabar  
 Não perca a fé em Deus, fé em Deus  
 Que tudo irá se acertar

Em linhas gerais, a canção traz a solução para as vicissitudes da vida e suas ambiguidades<sup>52</sup>, tendo “Fé em Deus”. A mensagem é de solução definitiva para todo aquele

---

<sup>52</sup> “Na 3ª parte da Teologia Sistemática a “ambiguidade” está presente em todos os níveis de vida, inclusive nas esferas inorgânicas e orgânicas. A vida concreta se realiza em meio a diferentes ambiguidades e, no desenvolvimento de sua argumentação, Tillich, ao mesmo tempo em que reflete sobre a busca de auto-integração na vida, aponta para as ambiguidades que surgem nesse processo: a saúde e a doença (inclusive na esfera psicológica), o possível e o real, e as ambiguidades da lei moral.” (Pág.8). Ver artigo: CALVANI, Carlos E. B. Entre Tillich e a Teologia da Libertação: reflexões pastorais na pós-modernidade. Junho de 2009. **Revista Eletrônica Correlatio**, nº 1. 15, 02-116p.

que tiver “Fé em Deus”, todo aquele que passar pelas “tempestades” sem nunca perder essa “Fé em Deus”, que, ao final, fará com que “flores voltem a surgir” e o “sol de um novo dia volte a brilhar” (primeira estrofe).

O verbo “ter” se apresenta na canção como um imperativo categórico para que se “tenha fé”, bem como é específico e determinado em que ou em quem depositar essa fé: “Fé em Deus”. Nessa perspectiva, esta fé se apresenta como um meio, e não como um fim para se chegar a um objetivo que é, essencialmente humano, tal como “vencer uma luta difícil”, “chegar ao apogeu”, “encontrar um amor”, “ajudar uma criança”, “ter esperança”, “vencer o mal” e, “ser feliz no final”.

Tais objetivos humanos estão entrelaçados na canção, de forma que há a presença – na relação entre fé humana e religiosa – do sagrado. Este sagrado não é Deus e nem o Incondicional, mas está naquilo que pode acessá-lo. Também não é uma “preocupação última”, mas passa a ser conteúdo dela na dimensão dos “tipos ontológicos e morais de fé, que aplicamos nos tipos religiosos”, em que Tillich explica:

A distinção entre tipos ontológicos e morais de fé, que aplicamos nos tipos religiosos, também podemos fazer na orientação humanística de fé. - O tipo ontológico tem a sua expressão mais forte na forma romântico-conservadora do humanismo; o tipo moral da fé na progressista-utópica. A palavra “romântico” indica nesse contexto a experiência do infinito no finito, como ele pode ser contemplado na natureza e na história. Quem vê o sagrado numa flor, em como ela se desenvolve, no animal, como ele se move, no homem, como ele apresenta uma individualidade singular, ou num determinado povo, numa cultura especial, num sistema social específico, esse tem experiências que desempenham um importante papel no tipo romântico-conservador. Para o romântico, aquilo que já está dado é sagrado e é conteúdo de sua preocupação última. A analogia dessa forma de fé com a fé sacramental é óbvia. A forma romântico-conservadora da fé humanística é fé sacramental secularizada: o sagrado está presente aqui e agora (Tillich, 1985, p. 44- 45, aspas do autor).

Em 2023, Diogo Nogueira lançou o álbum *Sagrado*, Vol. 1. Nesse trabalho, há uma canção intitulada “Ciência da Paz”<sup>53</sup>, apresentando em seu vídeo-clipê sua religiosidade, clamando por respeito às religiões de matriz africana, com uma melodia cativante e pacífica, transmitindo uma mensagem de esperança e coragem, resiliência e fé às religiões afro através da instrumentalidade da música, assim como objetivando promover a tolerância, amor, paciência e paz.

No dia 05 de junho de 2025, o álbum *Sagrado*, Vol.2 foi lançado, em que o cantor a este respeito disse: “esse álbum é interessante, pois, quando ele fala do amor, não fala apenas sobre o amor entre duas pessoas. Ele fala sobre o amor pelo lugar que você mora; fala sobre o

<sup>53</sup>Disponível:[https://www.youtube.com/watch?v=xeld5-eNnTE&list=PLXPBoJVHzd\\_-cTd-haGgBLAdcFrzYeNim&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=xeld5-eNnTE&list=PLXPBoJVHzd_-cTd-haGgBLAdcFrzYeNim&index=4). Acesso em 07 de junho de 2025.

subúrbio, principalmente o do Rio de Janeiro; fala sobre aquele amor brincalhão, aquele que causa inveja... É o amor no geral, sempre de um ponto de vista positivo, *o sagrado e profano* que fazem as pessoas serem felizes”<sup>54</sup>. É interessante notar o quanto se coadunam as palavras do cantor com o dito por Tillich ou seja, de que “[...] para o romântico, aquilo que já está dado é sagrado e é conteúdo de sua preocupação última. A analogia dessa forma de fé com a fé sacramental é óbvia. A forma romântico-conservadora da fé humanística é fé sacramental secularizada: o sagrado está presente aqui e agora” (Tillich, 1985, p. 45).

Para concluir até esse ponto, objetivamente, foi enfatizado que no contexto da relação entre Fé Humana e Religiosa, ambas constituem-se como dois lados de uma mesma moeda na dimensão dos tipos ontológicos de fé, relacionando “sagrado e profano”. Em outras palavras, prezando pelo tipo humano de fé – mas sem descurar seu aspecto religioso – visto que, também, há na concepção de Eliade, e que será apresentado no capítulo 3 –, o *homo religiosus* é uma condição inerente ao ser humano.

Assim, em Tillich, tem-se que:

A mesma coisa vale para a forma humanística da fé ontológica, cuja consideração é especialmente importante, porque frequentemente humanismo é identificado com falta de fé e é contraposto à fé. Isso, porém, só é possível se fé é definida como acreditar na existência de seres divinos. Se, no entanto, fé é entendida como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente, então também o humanismo encerra um elemento de fé. Sob humanismo nós entendemos aqui também a orientação que faz do que é verdadeiramente humano, o critério e alvo da vida do espírito, isso na arte e filosofia, na ciência e política, nas relações sociais e na ética pessoal. Conforme a concepção humanística, o divino se revela como humano, e vice-versa. Aquilo que toca o homem incondicionalmente é o homem. Com isso se quer dizer o homem em sua essência., o homem verdadeiro, o homem como “ideia”, não o homem real na alienação de sua natureza verdadeira. Quando, sob essa pressuposição, a fé humanística diz que o objeto de sua preocupação suprema é o homem, então ela vê o infinito e incondicional em algo finito, e nisso ela não se diferencia da fé sacramental, que quer abarcar o infinito numa porção de finitude, ou da fé mística, que encontra nas profundezas da pessoa o lugar do infinito. Persiste, porém, uma diferença. Os tipos sacramental e místico rompem os limites do humano: O sacramental em direção ao universo, e todos os seus conteúdos, o místico em direção àquilo que transcende o homem e seu mundo. O humanista, em contraste, permanece dentro do âmbito do humano. Por esse motivo a fé humanística é chamada de “profana”, enquanto se designa os outros dois de “religiosos” (Tillich, 1985, p. 44, aspas do autor).

Nossa concepção da relação entre “Fé Humana” e “Fé Religiosa” está vinculada à busca por um ressignificar essa fé, para uma compreensão de fé multiforme que, na MPB, apresentasse de forma pluralista, nas dimensões de uma espiritualidade cultural religiosa, existencial e ontológica, e não fundamentalista e/ou dogmática. Nesse pensar, a instrumentalidade de uma hermenêutica do ressignificar faz-se necessária, a fim de elucidar

<sup>54</sup> Disponível em: <https://belem.fmodia.com.br/holofote/diogo-nogueira-lanca-nono-album-de-estudio-sagrado-vol-2/?posttypedir=holofote>. Acesso em 06 de junho de 2025.

nossa compreensão do modo de pensar popular.

### 2.3.2 O uso de uma hermenêutica de resignificação para a compreensão da “Fé humana” e da “Fé religiosa”.

A abordagem da relação umbilical entre “Fé humana” e “Fé religiosa” se deu na tentativa de uma compreensão de tais tipologias de fé, através da instrumentalidade de uma hermenêutica de resignificação – um tipo de hermenêutica dialógico filosófica –, prezando por um olhar cultural, fenomenológico e subjetivo e poético em meio às linguagens da dinâmica da fé, mas também através e pela via filosófica para a compreensão resignificada de fé.

Desse modo, esclarecemos que, filosoficamente, as tipologias “Fé humana” e “Fé religiosa” estão vinculadas a um modo de um “como viver essa fé humanamente”, e um modo de um “como viver essa fé religiosamente”, sendo dois lados de uma mesma moeda. Em síntese, “a espiritualidade humana” como condição intrínseca (existencial e ontológica) universal do gênero humano.

Num interessante artigo de Marcelo Barreira, intitulado “Resignificar a vida pelo estranho: uma abordagem hermenêutica e pós-metafísica a partir de Richard Rorty”, publicado em 2022, Barreira discorre sobre “A estranheza do inconsciente como modo de (trans)formação de vida”, de forma que diz:

Contemporaneamente, Pierre Hadot, em *Exercícios espirituais e filosofia antiga* (2014), foi quem recuperou a filosofia como modo de vida, influenciando autores como Michel Foucault. Hadot, nessa obra, tem um capítulo intitulado *A filosofia como maneira de viver* (HADOT, 2014, p.286). Nesse texto, ele mostra como a filosofia antiga visava transformar racionalmente a vida (HADOT, 2014, p. 286). Praticando o método filosófico a cada instante haveria um progresso espiritual em vista da conversão radical de todo o ser do filósofo (HADOT, 2014, p. 262). Por isso, a busca pela sabedoria era um exercício de todo o ser e a sabedoria implicava na tranquilidade da alma (*ataraxia*); na liberdade interior (*autarkeia*) e na consciência cósmica, no caso de várias escolas filosóficas, excluindo-se a do ceticismo (HADOT, 2014, p. 263). (...) Ao contrário da busca por uma essência do ser humano diante do fundamento da Razão Universal, essa conversação deflacionada nos edifica por contribuir com nossa transformação da existência pela criação poética de novos vocabulários a cerca de si e do mundo (Barreira, 2022, p. 174-176, grifos do autor).

Somos seres duais, e os opostos fazem parte da experiência humana. Assim, consciente e inconsciente se complementam, de modo que “nossa transformação” também se dá por meio da percepção da realidade de uma inspiração e/ou “criação poética”, entoando em

canções, “novos vocabulários a cerca de si e do mundo”.

Ao finalizarmos o capítulo, buscamos estabelecer uma ponte que nos conduza doravante àquela experiência religiosa, em que há fé em canções da MPB, nas canções de Gustavo Miotto “Melhor versão”, o Rappa “Anjos – Pra quem tem fé”, e Silvano Salles “Só fé” – em Mircea Eliade e J. A. Libânio –, para que nos conduzam àquele mirante onde “o objeto da religião é o sagrado, e a experiência religiosa à experiência do sagrado” (Mendonça, 2015, p. 354).

### 3. UMA ANÁLISE DA FÉ NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM CANÇÕES DE GUSTAVO MIOTO, O RAPPÀ E SILVANO SALLES/GRILÓ

No capítulo 1 desta dissertação, trouxemos, em um dado momento, algumas considerações sobre “a experiência religiosa em Eliade” (item 1.2), bem como “os conceitos de fé em Tillich e Eliade” (item 1.4), em que fiz menção à obra de Tillich, *Dinâmica da Fé*, e as obras de Eliade, *Mito do Eterno Retorno* e *O sagrado e o profano*, citando, dessa última, o seguinte: “o que nos interessa, acima de tudo, é apresentar as dimensões específicas da experiência religiosa, salientar suas diferenças com a experiência profana do Mundo e conhecer as dimensões possíveis da existência humana” (Eliade, 1992, pág. 15,16).

Já no capítulo 2, foi apresentado de forma analítica e descritiva – e não teórica –, a relação entre duas categorias tipológicas de fé – “fé humana” e “fé religiosa” –, buscando o(s) sentido(s) da fé numa hermenêutica de ressignificação, como instrumento para a compreensão dos diferentes tipos de fé, a partir das canções “A fé” (em Zé Geraldo), e “Fé em Deus” (em Diogo Nogueira). Notadamente, destacam-se os aspectos de uma *fé humana*, em que um ressignificar de tal fé pôs em relevo um tipo de fé “à parte de seu valor soteriológico”, mas que ao mesmo tempo “não excluiu Deus”<sup>55</sup> como fonte principal, na relação umbilical entre o sagrado e o profano, o símbolo e o imaginário.

O que trazemos no capítulo 3, diante disso, é uma reflexão sobre a experiência religiosa, a partir das canções do Rappa, “Anjos”; Gustavo Mioto, “Melhor versão” e Silvano Salles/Grelo, “Só fé”, de modo a desvelar o sentido da fé como compreendida pelos compositores – na dinâmica das experiências da vida e suas ambiguidades. Dessa forma, ao nos debruçarmos nesta pesquisa, desaguamos no resultado da pesquisa, cujos conceitos de fé em Eliade e Tillich, concatenados nas canções contextualizadas na “fé humana” e na “fé religiosa”, trouxeram, da experiência religiosa ao imaginário em canções, a *fé criativa e livre*, descritas por Tillich e Eliade, identificadas nas canções aqui consideradas no âmbito da música popular brasileira, expressando o sentido dual da fé – humana e religiosa –, na relação entre Música e Religião.

---

<sup>55</sup> Para Paul Tillich, Deus é uma realidade, mas não uma entidade, algo separada do mundo. É o fundamento absoluto do ser - ou para a existência do ser - na sua ontologia (Emilio, 2012, p. 130). Para Eliade, a existência de Deus não carece de explicações racionais e/ou empíricas para confirmar ou refutar tal existência, mas, através da experiência religiosa do sagrado, manifestar a(s) forma(s) de revelação divina (Souza, 2023, p. 3). Em meu entender, o divino, manifestando-se no humano, acaba por multiplicar formas de revelação e, portanto, tipologias de fé humana no imaginário. Mas sem excluir Deus na sua relação com o sagrado, bem como sem privar sua existência no imaginário popular, libertando-o do fundamentalismo, determinismo, dogmatismo e sacramentalismo como únicas formas de ver o divino em nós.

Ao final do presente capítulo, apresentaremos algumas evidências para as seguintes hipóteses: 1. A fé no imaginário popular dos artistas da MPB é expressa como uma liberdade criativa que manifesta, nas composições das canções, os tipos de fé humana e religiosa; 2. As canções sobre a fé na MPB revelam o sagrado e o profano por meio de representações simbólicas e expressões artísticas, oriundas da experiência religiosa; 3. Religião e Música estão intrinsecamente ligadas, sendo a música um instrumento de inspiração e revelação da fé humana e religiosa.

### 3.1 A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DA FÉ: AS AMBIGUIDADES DA VIDA

A vida é marcada por vários tipos de experiências, desde percalços a vitórias, provando à humanidade o amargo e o doce, as trevas e a luz, o certo e o errado no que se refere à moral e à ética, assim como o bem e o mal no que se refere à vida religiosa e espiritual de cada qual.

Tais experiências ocorrem constantemente no interior do lar de família, e nas relações sociais que se estendem pelas vias interpessoais, no trabalho, na vizinhança, na escola, na política, na economia e nos âmbitos cultural e religioso. Nesta última, devemos ressaltar, a experiência se faz nos âmbitos da relação com o sagrado – em meio ao profano –, por meio da fé individual e coletiva.

Nessa direção, Calvani (2009), em seu artigo intitulado “Entre Tillich e a Teologia da Libertação”, no tópico “Ambiguidade”, considerou que:

Na 3ª parte da Teologia Sistemática a “ambiguidade” está presente em todos os níveis de vida, inclusive nas esferas inorgânicas e orgânicas. A vida concreta se realiza em meio a diferentes ambiguidades e, no desenvolvimento de sua argumentação, Tillich, ao mesmo tempo em que reflete sobre a busca de auto-integração na vida, aponta para as ambiguidades que surgem nesse processo: a saúde e a doença (inclusive na esfera psicológica), o possível e o real, e as ambiguidades da lei moral [...] Ao discorrer sobre a ambiguidade em todas as esferas da vida (social, política, cultural, religiosa, etc), Tillich chama a atenção para a simultaneidade do positivo e do negativo em todas as nossas realizações. Mesmo as mais belas e dignas iniciativas humanistas ou religiosas comportam um elemento de destrutividade, desagregação, deterioração e tragicidade. O sagrado e o profano estão presentes em tudo, bem como o divino e o demoníaco. Talvez essa seja uma das mais preciosas heranças de Lutero em Tillich: todos nós somos sempre justos e pecadores, simultaneamente (Calvani, 2009, p. 108-109, aspas do autor).

Portanto, nas ambiguidades da vida, a fé humana e a fé religiosa estão em íntima comunhão na experiência humana como forças presentes na realidade objetiva e subjetiva, no imanente e transcendente, no imaginário e na poesia expressa em canções que, trazidas para nosso contexto analítico, em “canções de fé”, reconhecemos o caráter humano da fé, mas sem

reduzir tal fé ao caráter tão somente humano. Afinal, a experiência religiosa da fé está imbricada com a experiência religiosa do sagrado, em que o divino e o humano se encontram e o humano, inspirado criativamente, desvela o sagrado em contato com o mundo simbólico.

### 3.1.1. A Experiência Religiosa do Sagrado em Eliade

Desde o início da presente dissertação, debruçamo-nos sobre a relação entre fé e religião em Tillich, mas sem tratarmos propriamente, e de forma aprofundada do conceito de religião. Isso se dá devido ao fato de que o próprio Tillich, segundo Etienne Higuete, entender a religião “à luz dos conceitos de fé e preocupação última” (Higuete, 2022. pág. 12). Com efeito, tendo posicionado a fé na condição de objeto, decidi por não enveredar e aprofundar num conceito de religião, mas problematizar o conceito de fé - que já está imbricado no conceito de religião -, num movimento de ressignificação dessa fé.

Para tanto, revisitamos o artigo “Entre a Religião e seu Conceito: Questões Fundamentais da Filosofia da Religião em Paul Tillich nos anos 20”, por Ênio R. Mueller, quando diz que:

O conceito de religião é um paradoxo, na medida em que “religião” é um conceito para algo que através de tal conceituação é destruído. “E mesmo assim ele é inevitável. A questão, portanto, é usá-lo de forma que ele fique subordinado a um conceito mais elevado, que lhe retire o poder destruidor”. Este conceito mais elevado é, para Tillich, o do incondicional. A questão do conceito de religião é discutida por Tillich num duplo movimento, o primeiro desconstrutivo e o segundo construtivo (Mueller, 2006, p. 15, aspas do autor).

Do mesmo modo se dá com Eliade, que, mesmo tendo seu posicionamento sobre o que é religião, preferiu não definir, mas colocá-la, segundo Maria Mendonça, “como uma categoria fenomenológica da sua fenomenologia das religiões e como uma categoria histórico-fenomenológica da sua história das religiões” (Mendonça, 2015, p. 354). Assim, Eliade se refere à religião em conexão com a experiência do sagrado.

Vitor Chaves de Souza, em seu artigo intitulado “Ser, sentido e verdade: a atualidade do conceito de religião em Mircea Eliade”, ressalta que:

O conceito de religião em Eliade é resultado de uma teorização não pretendida pelo autor. Em *O Sagrado e o Profano*, Eliade declarou: “Não nos cabe desenvolver aqui todas as consequências da relação entre o conteúdo e as estruturas do inconsciente, por um lado, e os valores da religião, por outro” (Eliade, 2001, p. 101). Em outras palavras, Eliade aparentemente preferiu descrever as relações pertinentes e efeitos consequentes ao invés de conceituar o termo. Conceituar significa, ao mesmo tempo, reduzir e ampliar. Afinal, o conceito delimita; todavia, por delimitar, enaltece a

originalidade da delimitação. Se elaboramos um conceito de religião em Eliade, orientamo-nos pela ambiguidade produtiva da operação conceitual. A ausência de uma conceituação específica do termo em suas obras representa a polissemia e a pluralidade de seu projeto intelectual. Eliade transitou por diferentes campos de abordagem e expressão do religioso. Abriu-se à reflexão e à *espontaneidade da experiência religiosa*. Em seu “itinerariu spiritual” (itinerário espiritual), conferiu mais importância à experiência com o sagrado do que à adesão religiosa normativa e oficial (Souza, 2023, p. 3, grifo nosso).

A experiência religiosa do sagrado é uma experiência existencial, ontológica e fenomenológica, na medida em que revela ao homem sua(s) modalidade(s) de ser no mundo, traduzindo a experiência do sagrado. Nessa linha, trazemos novamente Mendonça, em sua tese de doutorado sobre a História das Religiões em Eliade:

Do ponto de vista fenomenológico, Eliade, por conseguinte, considera a religião como correspondendo à experiência do sagrado e esta experiência é “a experiência da existência total, que revela ao homem a sua modalidade de ser no Mundo”. Além disso, de acordo com nosso autor, em razão da sua relação com o sagrado, toda religião é uma ontologia, pois revela o ser das coisas sagradas e das figuras divinas, mostra aquilo que é realmente, e, assim fazendo, funda um mundo real, um mundo que já não é evanescente e incompreensível [...] Uma vez que a História das Religiões tem por objeto o de identificar a presença do sagrado na experiência humana, a constatação a que se chega é a de que a religião se compreende mediante a experiência do sagrado, esta que se expressa historicamente nas diversas hierofanias. Portanto, na categoria da religião, fazem-se presentes os seguintes elementos: a experiência religiosa, a ideia da revelação do sagrado e ideia da transcendência do sagrado. A interpretação que Eliade faz do sagrado enfatiza a base experiencial da religião, na medida em que entende a religião como surgimento de crises existenciais e como expressando um modo humano de existência no mundo. O sagrado e o profano constituem dois modos de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem no curso da história. É assim que, repetimos, a religião, segundo Eliade, não implica necessariamente a crença em Deus ou deuses, mas refere-se à experiência do sagrado, como relacionado à ideia de algo que é significativo, real e verdadeiro (Mendonça, 2015, p. 355- 356, aspas da autora).

Partindo das citações de Souza (2023) e Mendonça (2015), de que [...] à *espontaneidade da experiência religiosa*. Em seu “itinerariu spiritual” (itinerário espiritual), conferiu mais importância à experiência com o sagrado do que à adesão religiosa normativa e oficial (Souza, 2023, p. 3, grifo nosso), e de que *a religião, segundo Eliade, não implica necessariamente a crença em Deus ou deuses, mas refere-se à experiência do sagrado, como relacionado à ideia de algo que é significativo, real e verdadeiro* (Mendonça, 2015, p. 355, grifo nosso), faremos uma análise da experiência religiosa de fé, nas canções do Rappa “Anjos - pra quem tem fé”, Gustavo Mioto “Melhor versão”, e Silvano Salles/Griló “Só fé”. Nesse contexto, estaremos pondo em relevo a importância da experiência religiosa de fé com o sagrado, ao invés da religiosa experiência institucional e oficial.

3.1.2. Experiência religiosa, sem a religiosa experiência: [...] à espontaneidade da experiência religiosa. Em seu itinerário espiritual, conferiu mais importância à experiência com o sagrado do que à adesão religiosa normativa e oficial.

Vejamos a seguir, na análise da canção do Rappa em contexto, os aspectos de tal “espontaneidade da experiência religiosa” na “experiência com o sagrado”, mas à parte da “adesão religiosa normativa e oficial”.

Anjos - Pra quem tem fé (álbum: Nunca tem fim, 2013)<sup>56</sup>.

Ô Lord, ô Lord, ô Lord, ô-ô!  
 Lord, Lord, Lord, Lord, Lord, Lord  
 Ô Lord, ô Lord, ô Lord, ô Lord  
 Ô Lord, Lord, Lord, Lord, Lord, Lord

Em algum lugar, pra relaxar  
 Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim  
 Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim  
 Não tem fim, é.

Se você não aceita o conselho, te respeito  
 Resolveu seguir, ir atrás, cara e coragem  
 Só que você sai em desvantagem  
 Se você não tem fé  
 Se você não tem fé.

Te mostro um trecho  
 Uma passagem de um livro antigo  
 Pra te provar e mostrar que a vida é linda  
 Dura, sofrida, carente em qualquer continente  
 Mas boa de se viver em qualquer lugar, é.

Volte a brilhar, volte a brilhar  
 Um vinho, um pão e uma reza  
 Uma lua e um sol, sua vida, portas abertas.  
 Em algum lugar, pra relaxar  
 Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim  
 Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim  
 Não tem fim.

Em algum lugar, pra relaxar  
 Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim  
 Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim.

Ô Lord, ô Lord, ô Lord, ô-ô!  
 Lord, Lord, Lord, Lord, Lord, Lord  
 Ô Lord, ô Lord, ô Lord, ô Lord  
 Ô Lord, Lord, Lord, Lord, Lord, Lord.

Mostro um trecho  
 Uma passagem de um livro antigo  
 Pra te provar e mostrar que a vida é linda  
 Dura, sofrida, carente em qualquer continente  
 Mas boa de se viver em qualquer lugar.

Podem até gritar, gritar

<sup>56</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=BPbCLtBl\\_g4&list=RDBPbCLtBl\\_g4&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=BPbCLtBl_g4&list=RDBPbCLtBl_g4&start_radio=1). Videoclipe.

Podem até barulho, então, fazer  
 Ninguém vai te escutar se não tem fé  
 Ninguém mais vai te ver.  
 Inclina seu olhar sobre nós e cuida  
 Inclina seu olhar sobre nós e cuida  
 Inclina seu olhar sobre nós e cuida  
 Inclina seu olhar sobre nós e cuida.

Em algum lugar, pra relaxar (Pra você, pode ser)  
 Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim  
 (Pra você, pode ser)  
 Pra quem tem fé  
 A vida nunca tem fim (Mas pra você pode ser)  
 Pra você, pode ser.  
 Pode ser  
 Pode ser  
 Pra você pode ser.

Nunca tem fim (A fé na vitória tem que ser inabalável)  
 Nunca tem fim (A fé na vitória tem que ser inabalável)  
 A fé na vitória tem que ser inabalável  
 Nunca tem fim (A fé na vitória tem que ser inabalável).

Ô Lord, ô Lord, ô Lord  
 Ô Lord, ô Lord, ô Lord  
 Ô Lord, ô Lord, ô Lord, ô Lord  
 A fé na vitória tem que ser inabalável.

Em algum lugar, pra relaxar  
 Vou pedir pros anjos cantarem por mim  
 Pra quem tem fé, a vida nunca tem o fim.

Em algum lugar, pra relaxar  
 Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim  
 Pra quem tem, quem tem fé, fé, fé  
 A vida nunca tem um fim.

A fé na vitória  
 Fé fé fé na vitória tem que ser inabalável  
 A fé na vitória tem que ser inabalável  
 A fé na vitória tem que ser inabalável  
 Fé na vitória.  
 Fé fé na vitória tem que ser inabalável.

Pra você, pode ser  
 Pra você, pode ser  
 Pra você, pode ser.

Em algum lugar, pra relaxar  
 Eu vou pedir pros anjos cantarem por mim  
 Pra quem tem fé, a vida nunca tem fim  
 Não tem fim.

Primeiramente, falemos brevemente sobre a história por trás da canção, antes de analisar a mesma, à luz de Eliade e Libânio.

Em 14 de maio de 2013, a *Uol* publicou uma matéria (por Thays Almendra), no espaço “Música”, esta intitulada “Música sobre Anjos e Fé veio para reerguer o Rappa, diz Falcão”. Assim, de acordo com a matéria:

A banda O Rappa lançou, nesta terça-feira (14), a música “Anjos (para quem tem

fé)” e, de acordo com o vocalista Marcelo Falcão, está diretamente relacionada ao “momento difícil pelo qual o grupo passava”. “Essa música é uma declaração de superação. Há pouco tempo O Rappa ia acabar, tivemos problemas com empresários e ficamos afastados por mais de um ano. Mas o que eu tinha era fé para que voltássemos a sermos amigos. E a música ‘Anjos’ veio para nos reerguer e selar a união”, disse o cantor em entrevista ao UOL. Com uma tia passando por um tratamento contra o câncer, Falcão conta que teve momentos tristes nos últimos tempos e que a morte do Chorão está entre os “acontecimentos ruins”. “Me perguntaram se a música era para o Chorão, é para ele também, mas, na verdade, é para todas as pessoas que foram importantes para mim”. “Anjos (para quem tem fé)” fala sobre a fé para conquistar objetivos e, de maneira motivacional, passa mensagens de incentivo para enfrentar a “vida dura, sofrida, carente em qualquer continente”. Mesmo com um refrão “Em algum lugar, pra relaxar, eu vou pedir pros anjos cantarem por mim. Pra quem tem fé a vida nunca tem fim”, Falcão diz que a música não tem ligação com religião e explica que “os anjos são seres do subconsciente e não são palpáveis” [...]. O Rappa vai lançar o próximo álbum no mês de agosto e, de acordo com Falcão, será “um filme motivacional”. Isso porque todas as músicas se intercalam e se completam. “O link entre elas é a fé”, disse o vocalista. Mesmo com acordes lineares em “Anjos”, Falcão disse que o novo trabalho é para “levantar o ser humano”. Segundo ele, é um antídoto para dar força às pessoas. “É a motivação para ‘vou trabalhar mesmo, vou levantar mesmo, vamos mudar o mundo’<sup>57</sup>.”

Pelo depoimento do líder da banda, Falcão, em entrevista ao *Uol*, passemos agora a analisar a letra sob os prismas de tal depoimento, bem como das citações de Souza e Mendonça, à Luz de Eliade e Libânio, quanto aos aspectos da experiência religiosa de fé humana em meio às ambiguidades da vida.

Ao analisar a canção sob o aspectos da *espontaneidade da experiência religiosa [...] à parte da adesão religiosa normativa e oficial*, logo na primeira estrofe encontramos uma atitude “evocativa” de “louvor”, dirigida a um ser determinado, um “Lord”.

A palavra, segundo o dictionary<sup>58</sup> cambridge, tem a íntima relação entre “Senhor” e “Deus”. Na verdade, o termo faz menção a alguém que possui “autoridade” e “poder”. Assim, é notório o reconhecimento de algum ser divino e poderoso, mas no imaginário<sup>59</sup> do compositor. Inclusive, a menção feita aos “anjos”, na segunda estrofe da canção, comentada no recorte da mencionada entrevista, deixa claro o significado da palavra quando é dito que “Falcão explica que “os anjos” são seres do subconsciente e não são palpáveis”. Observa-se, também, que quase de imediato, “Lord” e “anjos” em comunhão com a palavra “fé” sugere, no mínimo, uma característica de alguém com uma crença viva (passiva ou ativa), em seu imaginário religioso, mas que se materializa na religião prática da vida, numa condição

<sup>57</sup> Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/14/musica-sobre-anjos-e-fe-veio-para-reerguer-o-rappa-diz-falcao.htm>. Acesso em 08 de janeiro de 2025.

<sup>58</sup> Ver significados correlatos para “Lord”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/lord>. Acesso em 02 de julho de 2025.

<sup>59</sup> Não temos acesso direto e imediato aos deuses e deusas fora do mundo ritual. Tudo o que sabemos provém de testemunhos, depoimentos e narrativas humanas que dependem das formas oferecidas pela cultura para que sejam transmitidas - linguagem, gestos, imagens, símbolos... representações do imaginário e da experiência religiosa vivida no modo-sagrado e encantado da consciência (Calvani, 2022, p. 178).

humana de fé.

Na segunda estrofe, a busca por um descanso - seja da alma, da mente, do espírito - é notória. Mas o compositor deixa claro que tal descanso, no popular “pra relaxar”, deve vir do *canto e música*, pelos “anjos”. Este coral angelical é inspirador no âmbito do imaginário, não apenas pela condição extraordinária na aparência da entidade celeste, mas pela harmonia do conjunto sonoro envolvido nesse contexto simbólico, que eleva a alma na expressão de adoração pelo canto, aproximando assim “anjos celeste” e “anjos terrestre”, ou mesmo por alguém que saiba tocar bem, dotado da habilidade técnica e artística, inspirado pela revelação da “poesia sonora”<sup>60</sup>. Nessa direção, Calvani afirma que:

Nesse âmbito do encantamento e do fabuloso cabem todas as criaturas compiladas por Jorge Luís Borges no Livro dos seres imaginários, fantásticas criaturas que representam acontecimentos e experiências inexplicáveis ao ser humano, como os animais dos espelhos, que teriam vivido em um mundo diferente do nosso, mas que, após invadirem a terra foram trancados dentro de espelhos e condenados a repetir e refletir a imagem de nosso mundo, ou a fenix, ave que ressurge das cinzas como prova da ressurreição, ou a salamandra, que vive no fogo para demonstrar que os corpos podem viver nas chamas eternas do inferno, além de outros seres como o Bahamut, uma espécie de peixe que sustenta todo o universo, sobre o qual se assenta um touro que sustenta uma montanha feita de rubi sobre a qual está um anjo, e sobre o anjo seis infernos e sobre os infernos a Terra e sobre a Terra sete céus... Todos os exemplos que citei envolvem deuses e deusas, monstros, anjos e demônios, milagres e a crença em um espaço espiritual ou em um mundo invisível. Tudo isso faz parte do imaginário... e tudo isso, por incrível que pareça, ao seu modo próprio de linguagem e expressão, é parte do real, do lado oculto do real, reflexo do real (Calvani, 2022, p. 178, 179).

Na terceira estrofe, o compositor adverte “respeitosamente”, caso um conselho de “seguir com fé” não seja aceito, deixando claro que “cara e coragem” não é suficiente, e estará em “desvantagem se você não tem fé”. Nas palavras de Libânio:

A fé acompanha-nos durante toda a existência. É sombra de uma luz que nos vem desde o nascimento. O ser humano é corpo, abre-se ao mundo, marca sua presença nele. Relaciona-se com os outros corpos. É alma, vive. Organiza todas as energias para continuar vivendo. É espírito, lança pontes para outras liberdades e, embora em névoas, para o mistério, para o Ser, para o Absoluto. É um ser-fé (Libânio, 2004, p. 6).

Diante do exposto, onde estaria então essa fé? É interessante notarmos que o compositor descreve onde essa fé pode ser encontrada, mesmo através de coisas simples como descritas na quarta estrofe: 1) através de “um trecho ou passagem de um livro antigo”; 2) por meio da observação atenta de que a vida, mesmo “Dura, sofrida, carente em qualquer continente”, “é linda e boa de se viver em qualquer lugar”. Tais expressões se coadunam com

---

<sup>60</sup> É interessante notar que, na história dos hebreus (Velho Testamento), após Saul ter rejeitado ao Senhor, não encontrava paz. Exceto momentaneamente, quando um dos filhos de Jessé (o belemita), que sabia tocar bem harpa, o fazia sentir-se melhor (Ver: 1 Samuel 16: 15 – 18).

as palavras de Falcão na entrevista, de que o trabalho musical “é para “levantar o ser humano [...] um antídoto para dar força às pessoas. É a motivação para ‘vou trabalhar mesmo, vou levantar mesmo, vamos mudar o mundo”.

Dessa maneira, como essa fé poderia ser encontrada? Mais um ponto interessante é possível observarmos na quinta estrofe, que, a meu ver, revela-se para além do aspecto religioso tradicional institucionalmente existente, tal como no “vinho”, no “pão” e, na “reza”. Também é encontrada na observação dos corpos celestes, na “lua”, no “sol”, e na própria vida em si. Entre simbolismos religiosos e metáforas da vida espiritual, no contato não apenas entre o céu e a terra-mundo, mas também no contato com o mundo cultural, na experiência relacional consigo mesmo (o mundo dentro de si), e na relação com o outro, na alteridade em comunhão com um o mundo sacramental “não institucional”.

Nessa direção, podemos encontrar justificativa nas palavras de Falcão, oriundas da mencionada entrevista, quando é dito que “Falcão diz que a música não tem ligação com religião” [...], deixando claro o sentido e intenção do uso da fé pelo cantor e compositor, de uma não intenção de conversão, proselitismo e pregação de fé religiosa, mas de um tipo de fé humana na experiência religiosa diversa, plural e dentro do âmbito de uma espiritualidade cultural.

Libânio, quando discorre acerca da relação entre “fé humana” e “fé religiosa”, pôs em relevo uma (a fé humana/substantiva) e destacou qualificando a outra (fé religiosa/adjetiva). Diferenciou-nas, mas ao mesmo tempo manteve-as em íntima relação de comunhão – e não de exclusão e superação de uma sobre a outra –, da seguinte forma:

O nosso tema não é a religião, mas a fé. Embora pertençam a um mesmo universo semântico, têm suas diferenças. Por escolha, fé constituiu-se o substantivo de nossa reflexão. A religião se transformará num dos adjetivos da fé: a fé religiosa. E a partir daí entenderemos que o termo fé cobre outras realidades, anteriores e posteriores à experiência religiosa. Não se identifica sem mais com ela. [...] A fé religiosa é construída sobre a base humana. Sem fé humana, não haveria fé religiosa. Ela pede um salto para além da esfera das relações humanas: entra-se no campo do mistério (Libânio, 2022, p. 6, 12).

Em 11 de julho de 2013, numa entrevista concedida a Warner Music Brasil, no episódio 12, Xandão, guitarrista do grupo Rappa disse:

Olha, eu acho que em nossa relação com o público, nós fomos sempre abençoados [...] foi um público que demoramos muito tempo para conquistar [...] pela nossa música, identidade, pelo que agente fala [...] chega até ser uma religião, porque sempre que você encontra com algum fã teu, ou ele tem alguma experiência para falar de uma música que transformou a vida dele, ou ele fala como se aquela música estivesse falando da vida dele, essa empatia é muito forte [...]<sup>61</sup>.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mx0iVJKXBaA>. Acesso em 25 de abril 2025.

Essa simbiose entre *fé humana* e *fé religiosa* estão imbricadas em vários matizes da vida. Conforme demonstrado no recorte da entrevista com Xandão, na sociabilidade musical da relação cultural, há uma tipologia de religião não oficial ou institucional, que, unida por um sentimento em comum, desvela um sentido convergente em direção a um centro de sentido numa experiência religiosa de fé músico-cultural. Com isso, parafraseando e reiterando o dizer de Tillich, “(...) a religião é a substância da cultura, e a cultura é a forma da religião” (Tillich, 1976, p. 45).

Por outro lado, Mendonça (2015) diz que para Eliade “o sagrado enfatiza a base experiencial da religião, na medida em que ele entende a religião como surgindo de crises existenciais e como expressando um modo humano de existência no mundo” (Mendonça, 2015, p. 356). Sendo assim, a religião e, portanto, a experiência religiosa, além de uma questão cultural, também o é uma questão existencial.

As demais estrofes da canção são ênfases repetidas, com exceção da décima primeira, décima segunda, décima terceira e décima quinta, quando é dito que “gritar” e “fazer barulho” – o grito e o barulho dentro de si mesmo<sup>62</sup> – não adianta, pois se você não tem fé “ninguém vai te escutar” ou “te ver” (10ª estrofe). Todavia, com a fé, alguém maior nos vê “e cuida de nós” (11ª estrofe).

A fé não é uma experiência unilateral, mas sim bilateral. Mesmo havendo o aspecto ou característica da individualidade daquele que é portador da fé, na experiência religiosa de fé humana, e também religiosa, a individualidade se desloca para a experiência social no âmbito da alteridade. Nessa seara, Libânio diz:

O primeiro movimento instintivo é o de confiança no outro que acolhe, que protege, que cuida. Se essa primeira experiência humana é bem-sucedida, tem-se a base psicológica para a fé [...] A verdadeira experiência de fé humana exige de quem crê um gesto de entrega, e daquele em quem se crê a verdade de sua existência, a veracidade de seu ser. A fé é sempre bilateral. De um lado há a entrega; de outro, a aceitação merecida. Portanto, a fé humana se opõe à ilusão, ao engano, à mentira, ao

<sup>62</sup> Quando o homem se torna a fonte última e suprema da verdade, dentro de um existencialismo ateísta, soa um alerta e, nas palavras de Schaeffer, uma advertência: “O homem humanista procurou tornar-se auto-suficiente, passando a exigir que partisse dele mesmo e de detalhes individuais, para elaborar os seus próprios universais” (Schaeffer, *Como viveremos?*, p. 117.). Na relação entre um existencialismo ateísta e teísta, Luciano Ximenes, em seu artigo publicado em 2007, intitulado “Revelação em Paul Tillich”, assim contextualizou: A grande mudança na ênfase do existencialismo teísta em relação ao ateísta é a fonte do relacionamento humano. Enquanto o ateísta está preocupado com o relacionamento com a natureza, o teísta se preocupa com o relacionamento com Deus. James Sire descreve assim essa mudança: “Os elementos mais característicos do existencialismo teísta estão relacionados não com a natureza do cosmo, mas com a natureza humana e nossa relação com Deus”. A verdade só pode ser encontrada quando o próprio homem atinge sua auto consciência e através de sua própria reflexão descobre a verdade. Sire define bem esse aspecto: O existencialismo teísta enfatiza o lugar no qual os seres humanos descobrem a si mesmos quando pela primeira vez atingem autoconsciência. Eles refletem sobre si mesmos por um momento. A certeza da sua própria existência, sua própria consciência, sua própria autodeterminação – esses são seus pontos de partida (Ximenes, 2007, p. 67, 68).

mito, à superstição (Libânio, 2022, p. 9-10).

Assim, a experiência de fé não é oriunda unicamente da experiência religiosa institucional, mas é vivenciada na experiência humana de fé numa dimensão mais ampla (existencial, ontológica, espiritual, poética, artística e cultural).

Arnaldo Huff, citando Rubem Alves:

Os modos com que Rubem Alves fez referência à arte e à religião para pensar a humanidade. Rubem amava a música e escreveu sempre poeticamente, mesmo em textos acadêmicos. Não desenvolveu, no entanto, uma reflexão propriamente sistemática, teológica ou filosófica acerca da arte. O que fez foi usar metáforas artísticas, especialmente musicais e poéticas, para falar sobre o espírito humano, suas expressões religiosas e, nisso, sobre a própria vida (Pieper; Roos, 2022, p. 149- 150).

A música reverbera a fé em suas diversas tipologias na experiência religiosa multiforme. Inclusive, na experiência com o sagrado. Ambas as situações – fé diversa tipologicamente e experiência religiosa multiforme – desvelam o sagrado.

Como vimos no início do presente trabalho, o conceito de fé em Eliade, sendo *uma liberdade criativa a parte de seu valor soteriológico, mas que encontra sua fonte em Deus* (Eliade, 1991, p. 153, grifo nosso), analisemos a canção de Gustavo Mioto nessa perspectiva.

Melhor versão (álbum: Melhor versão, 2023)<sup>63</sup>.

Quando eu nasci  
Meus pais disseram pra eu ser forte  
Que Deus não dá  
Peso que eu não suporte carregar  
Ah, na vida a gente tem que aprender a se virar  
Ah, se a minha carne for fraca, a fé nunca será.

Eu não sou perfeito e nem tento ser  
Eu só to buscando minha melhor versão  
Pra quando lá no céu precisarem de mim  
Aqui vou ter cumprido minha missão.

Eu não sou perfeito e nem tento ser  
Eu só to buscando minha melhor versão  
Pra quem me ama sempre se orgulhar de mim  
E pra você me ouvindo eu ser a inspiração.

Ah, na vida a gente tem que aprender a se virar  
Ah, se a minha carne for fraca, a fé nunca será.

Quando eu nasci  
Meus pais disseram pra eu ser forte  
Que Deus não dá  
Peso que eu não suporte carregar  
Ah, na vida a gente tem que aprender a se virar  
Ah, se a minha carne for fraca, a fé nunca será.

<sup>63</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=JfpJawARgPc&list=RDJfpJawARgPc&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=JfpJawARgPc&list=RDJfpJawARgPc&start_radio=1). Videoclipe

Eu não sou perfeito e nem tento ser  
 Eu só 'to buscando minha melhor versão  
 Pra quando lá no céu precisarem de mim  
 Aqui vou ter cumprido a minha missão.

Eu não sou perfeito e nem tento ser  
 Eu só 'to buscando minha melhor versão  
 Pra quem me ama sempre se orgulhar de mim  
 E pra você me ouvindo eu ser.

Eu não sou perfeito e nem tento ser  
 Eu só 'to buscando minha melhor versão  
 Pra quando lá no céu precisarem de mim  
 Aqui vou ter cumprido a minha missão.

Ah, na vida a gente tem que aprender a se virar  
 Ah, se a minha carne for fraca, a fé nunca (será).  
 Ah, na vida a gente tem que aprender a se virar  
 Ah, se a minha carne for fraca, a fé nunca  
 Nunca será.

Da mesma forma que já temos feito anteriormente, continuemos a analisar a história por trás da música. Com isso, desvelaremos os elementos imbricados na citação ou conceito de fé em Eliade na canção.

Em matéria publicada pelo *Portal Terra*, datada de 25 de julho de 2023, no espaço “entretê” (*The Music Journal Brazil*), foi publicado o seguinte recorte de uma entrevista com o cantor e compositor Gustavo Mioto:

A quarta e última parte do DVD de 10 anos de carreira de Gustavo Mioto está chegando para finalizar com chave de ouro esse projeto especial do artista. O volume 4, disponibilizado no dia 20 de julho nas plataformas digitais, conta com duas músicas inéditas e promissoras: Melhor Versão e Criminoso, que terão seus clipes lançados nos dias 21 e 27 de julho, respectivamente. Melhor Versão, inclusive, é uma música de grande identificação por parte de Gustavo, como ele mesmo explica: "Eu escrevi para ser um tapa na minha própria cara mesmo. Passei por uma fase bem bad de insegurança comigo mesmo em todos os aspectos. Estava precisando ouvir isso de alguém e Deus mandou eu mesmo escrever", declarou o cantor<sup>64</sup>.

Conforme podemos notar, quanto ao conteúdo da matéria e à declaração do cantor e compositor, “Melhor versão” tem relação com superação e, após isso, com uma condição renovada de pessoa através da fé. Nas palavras do compositor, a canção foi escrita por *inspiração*, uma vez que foi como “um tapa na minha própria cara” e, tendo “passado por uma fase bem bad de insegurança comigo mesmo em todos os aspectos. Estava precisando ouvir isso de alguém e Deus mandou eu mesmo escrever”.

É notório que o cantor passou por certas dificuldades de ordem pessoal na vida – que não foram reveladas pormenorizadamente –, resultando a princípio numa crise existencial,

---

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/gustavo-mioto-sobre-melhor-versao-deus-mandou-eu-mesmo-escrever,ec703c9d7ed98da40c15ae0c080db917ed0xbhe0.html>. Acesso em 05 de fev. 2024.

mas que foi superada – ao menos em parte –, ao “ouvir isso de alguém”. Em síntese, “Deus mandou eu mesmo escrever”.

Tal declaração é sugestiva de uma experiência sagrada de inspiração e revelação pessoal, não nos moldes dos acontecimentos dramáticos descritos nas histórias e relatos bíblicos, tais como “a abertura do Mar Vermelho<sup>65</sup>”, “A visão de Isaías<sup>66</sup>”, ou quando “Samuel ouviu a voz do Senhor<sup>67</sup>” – essa última estando mais próxima da mencionada por Gustavo Miotto –, etc., mas um tipo de inspiração na dimensão espiritual que se materializa na experiência religiosa humana poética como, por exemplo, na composição musical.

Dessa forma, podemos supor que o conceito de fé em Eliade adequa-se de forma razoável à experiência do cantor e compositor, uma vez que, em nosso contexto analítico artístico musical, há na fé “uma liberdade criativa” (inspiração poética musical) “à parte de um valor soteriológico” (não vinculada a uma experiência religiosa institucional, como dentro de uma igreja, mesquita ou qualquer outro lugar de culto), mas que “tem sua fonte em Deus” (no caso do compositor em contexto, uma crença pessoal e religiosa numa divindade, provavelmente no âmbito do cristianismo, mas desprendida de uma participação formal institucional em um determinado lugar/espço). Essa tipologia de uma experiência religiosa “informal” também é sagrada na dimensão existencial, espiritual e cultural.

Na primeira estrofe da canção, o compositor fala das vicissitudes da vida desde o nascimento, mas que são como lições ou meios de se desenvolver a resiliência necessária frente às batalhas diárias. Tal resiliência para suportar fardos tem sua medida administrada pela sabedoria divina, pois, “que Deus não dá peso que eu não suporte carregar”, e o meio de se alcançar tal superação é através da vitória sobre a “carne fraca<sup>68</sup>”, por meio da “força da fé”.

Na segunda e terceira estrofes, há uma repetição declarando e reconhecendo uma condição humana de imperfeição, mas imediatamente que expressa também uma declaração consciente e renovada de que há um esforço para ser uma “melhor versão” de si mesmo, e, assim, tanto vir a “cumprir com uma missão” quanto “pra quem me ama sempre se orgulhar de mim”. Por fim, a canção finaliza com uma declaração que ratifica a experiência religiosa poética de revelação na composição musical, a de que “pra você me ouvindo eu ser a inspiração”.

As demais estrofes são repetições desde a primeira estrofe, mas dentro do contexto do

---

<sup>65</sup> Êxodo. Cap.14.

<sup>66</sup> Isaías Cap. 6.

<sup>67</sup> 1 Samuel 3: 1 – 10.

<sup>68</sup> Expressão que faz alusão a Mateus 26: 41.

refrão principal, como já citado, nas segunda e terceira estrofes. Portanto, reiteramos que há uma “liberdade criativa” e “inspirada” na composição da canção, “à parte de seu valor soteriológico”, mas que tem “sua fonte em Deus”, na experiência religiosa de fé.

3.1.3. A religião, segundo Eliade, não implica necessariamente a crença em Deus ou deuses, mas refere-se à experiência do sagrado, como relacionado à ideia de algo que é significativo, real e verdadeiro.

Na direção de tal citação, passemos agora a analisar a canção “Só fé”, cantada por Silvano Salles, dentre outros nos estilos arrocha e seresta, mas composta pelo goiano Gabriel Ângelo Furtado de Oliveira, conhecido pelo nome artístico “Grelo”.

Ao seguirmos o mesmo itinerário de análise das canções, mais uma vez, exploramos na pesquisa a importância das entrevistas com os cantores/compositores, uma vez que o(s) artistas externam em primeira mão e, de viva-voz, parte da história de vida por trás da(s) canção(ões). Assim, tendo tais entrevistas como fonte – na pesquisa as fontes são de ordem bibliográfica, musical/MPB e, a análise das mencionadas entrevistas –, analisamos da experiência religiosa e espiritual vivenciada pelo cantor/compositor, o sentido da canção no imaginário popular, oriunda das experiências religiosas vivenciadas – além dos acontecimentos corriqueiros e acidentais naturalmente existentes na vida, a experiência com a inspiração e revelação no processo de composição da(s) canção(ões).

De acordo com a página de notícias do *Metrópoles*, em matéria datada de 20 de agosto de 2024 (por Laura Braga), encontramos o seguinte subtítulo: “Só Fé viralizou nas últimas semanas e já é a mais tocada do país. Autor do hit já compôs para artistas renomados como Henrique & Juliano”. Dito isto, seguindo para o conteúdo da matéria, tem-se que:

Viralizou! “O resto é só fé, só fé, só fé” é o trecho de uma canção que você já deve ter ouvido por aí, já que se tornou a música mais ouvida do Brasil. O sucesso, estourado especialmente nas redes sociais, está no topo das músicas mais tocadas do país há quatro dias no Spotify. E, para além das plataformas de música, ela ganhou as redes sociais, onde é utilizado em vídeos virais e bem-humorados. Dono do hit, o cantor e compositor goiano Gabriel Ângelo Furtado de Oliveira, conhecido como O Grelo, também tem crescido no mundo virtual, onde já soma mais de 2 milhões de seguidores<sup>69</sup>.

Diante do evidente sucesso, pondo a mesma no *ranking* de “música mais ouvida do Brasil” na ocasião, é patente que tal canção, tocada nos estilos “arrocha” e “seresta”, –

<sup>69</sup>Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/so-fe-antes-de-estourar-goiano-grelo-fez-musicas-famosas-entenda>. Acesso em: 08 de fev. 2025.

estando o primeiro estilo em alta nos dias atuais –, revela o grande apelo e aceitação popular na combinação: letra, estilo, hit e ritmo.

Em 21 de novembro de 2024, numa entrevista concedida ao “Cortes do Flow”, “Grilo” faz a seguinte declaração (aos 7min10 da entrevista) sobre a canção “Só Fé”:

Até o sofrimento que eu passei, me ajuda a falar “pô eu sou feliz no simples”. Obrigado! Porque “é só fé no começo”. Eu me lembro que teve um ‘mi, mi.mi’ [...] que na época disseram: “o cara tá romantizando a pobreza”. Cara, quem vai romantizar a pobreza [...] o que o grilo quis falar ali é que agente tem que sonhar, por isso é que “vamo levantar, matar nosso leão do dia, vamo sonhar com a melhor casa, com o melhor carro, melhor vida para nossa família, melhor roupa. Enfim, mas que agente seja grato por tudo que já tem, saca? Acho que a melhor escola é a gratidão, você acordar feliz, se cobrar menos, né? [...] acho que a música só fé quer dizer isso. Sonhe! Se cobre, se cobre para ser melhor, mas se parabeneze também por pequenas conquistas. Fale “pô”, hoje eu consegui fazer todas as minhas tarefas do dia. Pô, parabéns! [...] Ajuda na autoestima, sabe? [...] receber um pouco de incentivo dentro de você mesmo. Acho que é o lugar mais difícil de encontrar amor hoje é dentro das próprias pessoas<sup>70</sup>.

Estaremos doravante a analisar, tanto o conteúdo da entrevista, quanto da canção sob alguns aspectos, com enfoque na experiência religiosa de fé na perspectiva de Eliade.

#### “Só Fé”: Silvano Salles<sup>71</sup>/Grilo<sup>72</sup>

Lavei meu rosto nas águas sagradas da pia  
 Eu já tô pronto pra matar meu leão do dia  
 Deus abençoe nós e a nossa correria.  
 Hoje eu levantei da cama, tomei meu café  
 Dei um beijo nas criança, eu coisei com a muié  
 Tudo isso foi de graça, irmão  
 As coisas boas são de graça, irmão.  
 A vida é de boa, não preciso de muito pra ser feliz, não.  
 Só preciso de um dinheiro pra comprar um mé  
 O leitinho das criança e o Modess da muié  
 O resto é só fé, só fé, só fé  
 (O resto é só fé, só fé, só fé).  
 Só preciso de um dinheiro pra comprar um mé  
 O leitinho das criança e o Modess da muié  
 O resto é só fé, só fé, só fé  
 (O resto é só fé, só fé, só fé).  
 Lavei meu rosto nas águas sagradas da pia  
 Eu já tô pronto pra matar meu leão do dia

<sup>70</sup>Disponível em: <https://youtu.be/ryHPLTOZWR0?si=jZxN6Q4A-WMAcYPX>.

<sup>71</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=hR3Y8M7i9FM&list=RDhR3Y8M7i9FM&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=hR3Y8M7i9FM&list=RDhR3Y8M7i9FM&start_radio=1). Videoclipe.

<sup>72</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=VTu8CrbssNk&list=RDVTu8CrbssNk&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=VTu8CrbssNk&list=RDVTu8CrbssNk&start_radio=1). Videoclipe.

Deus abençoe nós e a nossa correria.  
 Hoje eu levantei da cama, tomei meu café  
 Dei um beijo nas criança, eu coisei com a muié  
 Tudo isso foi de graça, irmão  
 As coisas boas são de graça, irmão.  
 A vida é de boa, não preciso de muito pra ser feliz, não.  
 Só preciso de um dinheiro pra comprar um mé  
 O leitinho das criança e o Modess da muié  
 O resto é só fé, só fé, só fé.  
 (O resto é só fé, só fé, só fé).  
 Só preciso de um dinheiro pra comprar um mé  
 O leitinho das criança e o Modess da muié  
 O resto é só fé, só fé, só fé  
 (O resto é só fé, só fé, só fé).  
 Só preciso de um dinheiro pra comprar um mé  
 O leitinho das criança e o Modess da muié  
 O resto é só fé, só fé, só fé  
 (O resto é só fé, só fé, só fé).  
 Só preciso de um dinheiro pra comprar um mé  
 O leitinho das criança e o Modess da muié  
 O resto é só fé, só fé, só fé  
 (O resto é só fé, só fé, só fé).  
 Silvano Salles/Grelo, “Só fé” (álbum: Só fé, 2024):

Inicialmente, faz-se necessário esclarecermos que há uma versão cantada pelo artista Silvano Salles (nome artístico), que é considerado um dos pioneiros do ritmo arrocha e conquistou o público ao ficar conhecido como “o cantor apaixonado”, explodindo no *ranking* com a música na ocasião, através da voz do mesmo. No entanto, o compositor “Grelo” também chegou a cantar e produzir um vídeo clipe<sup>73</sup> da canção, num estilo mais original, retratando o cotidiano popular na sua humildade, gratidão e disposição de, através da fé, vencer um dia de cada vez e ser feliz.

Na versão original “Só fé”, por “Grelo”, encontra-se o seguinte: “O Grelo não precisa de muito, não. Só peço a Deus muita saúde, e que ele continue aí nos abençoando”. Tais palavras no vídeo clipe ocorrem como uma introdução, acompanhada do instrumental. Logo após, a canção é iniciada propriamente.

Nesse contexto, há um dirigir-se a Deus, com uma petição de “saúde” e “bênção”. Entretanto, este é o único momento em que o título divino é mencionado, pois a mensagem

<sup>73</sup> Disponível em: <https://youtu.be/VTu8CrbssNk>. Também em: Grelo - SÓ FÉ (Clipe Oficial).

central é a de que o resto se alcança e consegue, tendo apenas “Só fé”. Tal fé, tanto na entrevista quanto na canção, é tipologicamente humana. Distinta e distante do aspecto religioso tradicional, salvo sob alguns aspectos de aproximação simbólica e/ou metafórica, como encontrado na primeira estrofe, quando é dito que “Lavei meu rosto nas águas sagradas da pia”, isto é, fazendo, dessa forma, uma alusão a “águas sagradas em um sacramento” na representação do sangue de Cristo; “águas sagradas numa fonte batismal” como ritual ou ordenança de conversão/filiação a uma fé institucional; “águas sagradas na aspensão de batismos” no catolicismo.

A canção não exclui Deus, mas atribui valor à fé humana para “se viver pronto pra matar meu Leão do dia”. Além disso, lembrando-se sempre de que “não se precisa de muito pra ser feliz”. Por isso, “a vida é boa irmão”, o que coaduna-se com a citação em epígrafe nesse item: *A religião, segundo Eliade, não implica necessariamente a crença em Deus ou deuses, mas refere-se à experiência do sagrado, como relacionado à ideia de algo que é significativo, real e verdadeiro*. Desse modo, a experiência religiosa é também vivenciada na experiência da vida que, em si mesma, também é sagrada.

Há o propósito de aproximar Tillich e Eliade em seus conceitos de fé, na intenção de validar os elementos de uma “fé criativa” (Tillich) com uma “liberdade criativa” (Eliade) para expressar, em canções, seu potencial de revelação não institucional, e sim de uma inspiração poética musical. Nesse sentido, em Tillich, sabe-se que a fé é “um estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”, mas associado a uma “preocupação última” na qual “a preocupação suprema de uma pessoa não se esgota na simples exigência de sujeição incondicional; ela contém igualmente a promessa de realização suprema, que é esperada num ato de fé” (Tillich, 1985, p. 6). Já em Eliade, essa fé figura como uma liberdade criativa à parte de seu valor soteriológico, mas que encontra sua fonte em Deus (Eliade, 1991, p. 153), de maneira que com essa aproximação conceitual são apresentadas possíveis evidências de que Tillich comunga com uma “liberdade criativa” inspirada em Eliade. Liberdade esta “livre de qualquer tipo de “lei” natural, e, portanto, a mais elevada liberdade que o homem pode imaginar: a liberdade de poder intervir até mesmo na constituição ontológica do Universo (Eliade, 1991, p. 153). Nesse itinerário, refletimos, de passagem, uma fé do imaginário em que, através dela, é expressa a fé multiforme em canções populares como fruto da inspiração criativa poeticamente na composição musical.

### 3.2 RELIGIÃO E MÚSICA – UM DUETO INSPIRADO, REVELADO E CRIATIVO NA FÉ

Como dito no início do presente capítulo, o resultado da pesquisa através dos conceitos de fé em Eliade e Tillich, mas sem fazer desses conceitos instâncias superiores e/ou arbitrárias para interpretar as canções, concatenados nas canções contextualizadas nas tipologias “fé humana” e “fé religiosa” têm o objetivo de identificar e compreender como os compositores compreendem aquilo que chamam de fé.

Assim, no itinerário percorrido através da experiência religiosa de fé, analisada nas canções em contexto, chegamos ao ponto de conclusão<sup>74</sup> da presente pesquisa quando aproximamos “religião e Música”, fazendo uso da “canção” como gênero que amplia o sentido artístico musical. No dizer de Calvani, “o termo “canção” faz mais justiça a uma expressão artística, por unir poesia e música” (Calvani, 2015, p. 42). Nesse sentido, discorreremos adiante pondo em relevo a *fé criativa e livre*, descritas por Eliade e Tillich, identificadas nas canções aqui consideradas, no âmbito da música popular brasileira, expressando o sentido dual da fé – humana e religiosa – na relação entre Música e Religião.

#### 3.2.1 O sentido dual da fé: Fé Criativa e Livre por meio da Imaginação

Rick Rubin (2023), discorrendo sobre “a fonte da criatividade”, no capítulo 3 de sua obra já citada no presente trabalho dissertativo, reflete o seguinte:

A criatividade origina-se de um vasto conjunto de experiências - tudo que foi visto, feito, pensado, sentido, imaginado, esquecido e aquilo que permanece não dito. Esse material não surge de dentro; em vez disso, é uma sabedoria sempre presente, disponível externamente (Rubin, 2023, p. 21).

No entendimento de Rubin, a criatividade se dá numa “experiência externa”. Na mesma direção, podemos supor que a experiência religiosa de fé também se dá em conexão com o mundo externo. No entanto, deveremos também explorar o “mundo interno”, em que estaremos a fazê-lo no item seguinte, que referencia os capítulos 26 (Inspiração) e 42 (O

---

<sup>74</sup> Tal conclusão se constitui, na realidade, numa “sinfonia inacabada”, uma vez que a intenção é fomentar a continuação de pesquisas no âmbito da relação entre “Religião e Música”, tendo a MPB como fonte para o estudo do fenômeno religioso. Portanto, a presente dissertação se constitui numa pesquisa modesta e aberta para críticas, mas também como um convite para um tipo de abertura que promova mais pesquisas, tendo a “canção” POPULAR brasileira, como fruição/fonte contributiva para estudos nos âmbitos da cultura, arte popular, poesia, filosofia e teologia, em diálogo producente na seara da(s) ciência(s) da(s) religião (ões), justificando, dessa forma, o(s) contributo(s) acadêmico/social de forma extencionista.

êxtase) do mencionado autor.

No que concerne à “natureza da fonte criativa”, o mesmo autor alude que “essa natureza cíclica reflete como a arte e as ideias reaparecem em novas combinações, semelhantes a nuvens que nunca se repetem” (Rubin, 2023, p. 22). Desse modo, enfatizamos que esse “reaparecer em novas combinações” é fruto ou característica de uma intuição inspirada e revelada, nas dimensões da experiência do homem como ser dual, na dinâmica da objetividade e subjetividade, religiosidade e espiritualidade, fenomenologia e nas diversas linguagens da experiência religiosa, na vasta e complexa dimensão cultural universal.

Dito isto, como os artistas compositores da MPB, das canções em contexto aqui considerado compreendem o que chamam de fé, no âmbito da subjetividade, religiosidade e espiritualidade humana hodiernamente? A resposta que conseguimos identificar na pesquisa para essa pergunta é: compreendem de forma *livre religiosamente* (conteúdo) e *criativa artisticamente* (forma). Em outras palavras, compreendem através de uma hermenêutica criativa eliadiana, com a instrumentalidade de uma chave interpretativa por meio da imaginação, enquanto uma faculdade humana.

Nessa seara, Vitor Chaves de Souza discorreu:

Em seu diário, Eliade constantemente retoma experiências religiosas, artísticas e nostálgicas e as rememora pela faculdade da imaginação. “Descobri o quão criativa a imaginação pode ser” (1989b, p. 164), escreveu Eliade sobre a possibilidade de renascimento ou regeneração por visitas a sítios e cenários saturados de sentido, inclusive pela contemplação de obras artísticas. Tal declaração situa Eliade na discussão dos estudos do imaginário com algumas particularidades. No prefácio à tradução portuguesa, Eliade escreveu, em agosto de 1979: Numa fórmula sumária poderia dizer-se que as investigações efetuadas ao longo dos últimos trinta anos confirmaram amplamente a importância da imaginação como instrumento de conhecimento. A experiência imaginária é constitutiva do homem, tanto quanto o são a experiência diurna e as atividades práticas. Se bem que a estrutura da sua realidade não seja homologável às estruturas das realidades «objetivas», o mundo do imaginário não é «irreal» (Eliade, 1979, p. 8 apud Souza, 2023, p. 31, grifos do autor).

Em Eliade, a *fé como liberdade criativa* expressa-se também no imaginário. Sérgio César Prates de Almeida, em seu artigo intitulado “Mircea Eliade e a valorização do imaginário religioso”, disse que:

O poder que o homem tem de imaginar o faz gozar da riqueza de ver o mundo em sua totalidade e não nos limites do concreto. O homem sem imaginação está fadado a ruína de se isolar em sua realidade limitada. Mergulhado em uma cultura positivista que entendia a vida simbólico-religiosa da humanidade arcaica como um aglomerado de superstições produzidas por medos ou ignorância de uma mente primitiva, não era por menos que Eliade buscasse uma valorização do imaginário religioso, por entender que ao invés de ter todas essas características pejorativas, era a forma ideal para que o homem criasse uma consciência existencial do mundo e de si mesmo (Almeida, 2016, p. 158).

Nas considerações levantadas até aqui, podemos supor que se a fé está presente no imaginário como uma “Liberdade Criativa” – inclusive à parte de seu valor soteriológico –, essa fé também é uma intencionalidade na dimensão do imaginário simbólico. Dessa forma, citando Higuier na participação da já mencionada obra de Pieper e Roos (2022), numa linha tillichiana na relação entre fé, preocupação última, religião e símbolo, asseverou que “não se pode definir a fé, mas só descrevê-la por meio de conceitos existenciais, pois, como a religião, a fé é uma intencionalidade [...] tanto a preocupação última quanto a fé encontram sua expressão na linguagem simbólica” (Pieper; Roos, 2022. p. 12-13).

Se a fé é “uma intencionalidade” e uma “liberdade criativa”, como aludem Tillich e Eliade, na dimensão do imaginário, uma “preocupação última” e um “ser possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” é uma articulação “expressa na linguagem simbólica”, onde sustento no presente estudo que o é também por meio da linguagem poética em canções populares, tais como a MPB, ao expressar artisticamente a religiosidade popular no imaginário. Desse modo, ratificando, que ela – a fé – pode assumir conteúdo e forma própria no imaginário inspirado de cada compositor. De forma criativa e livre.

Em nosso contexto dissertativo, essa fé no imaginário de forma criativa e livre - na experiência religiosa de fé humana e religiosa -, assume a feição poética em canções, expressando a fé artisticamente na MPB. Assim, a religiosidade popular contempla a abertura para uma espiritualidade cultural, identificada na experiência da fé humana que, reiteramos o dito por Fowler em sua obra *Estágios da Fé*, citando Tillich em sua obra *Dinâmica da Fé*, onde o filósofo e teólogo ressignifica a mesma “[...] colocando de lado uma identificação simplista da fé com religião ou crença [...] dizem-nos Niebuhr e Tillich, é uma preocupação humana universal” (Fowler, 1992, p. 16).

### 3.2.2 O sentido dual da fé: Fé criativa e livre por meio da inspiração e revelação

A experiência criativa tem íntima relação com as experiências do mundo externo, através de um arcabouço e de um reservatório de acontecimentos diversos na vida, que serão organizados e aplicados nas mais diversas circunstâncias – da objetividade às mais diversas linguagens da experiência religiosa –, e, em momento oportuno, por meio das faculdades mental, intelectual, reflexiva e imaginária, como discorremos de forma pontual no item anterior. Mais adiante, estaremos a explorar o sentido dual da fé (criativa e livre). Agora,

percorreremos por meio da inspiração e da revelação, quando enfatizamos que tal experiência se dá dentro dos aposentos silenciosos da alma. Em outras palavras, no “mundo interno”<sup>75</sup>.

Nessa perspectiva, citando ainda da obra de Rubin, *O ato criativo: uma forma de ser*, no capítulo 26, intitulado “Inspiração”, encontramos a seguinte reflexão:

A inspiração aparece de repente e de forma inesperada, muitas vezes descrita como uma concepção imaculada ou um flash divino de luz. Ela serve como combustível para a criatividade, permitindo que ideias se manifestem rapidamente e sem esforço. [...] A inspiração pode ser vista como uma influência divina, uma força criativa que se alimenta de fontes além de si mesmo. Embora emocionante, não deve ser a única base de uma vida artística, pois é imprevisível e requer esforço para ser perseguida. A prática regular e o compromisso de estar presente são fundamentais para capturar esses momentos efêmeros de insight. [...] Quando a inspiração surge, é crucial aproveitar a energia e manter o ímpeto. Os artistas são encorajados a continuar criando enquanto o fluxo persistir, sabendo que os resultados podem não ser usados imediatamente, mas podem contribuir para trabalhos futuros. Em questões de prioridade, a inspiração se sobrepõe ao artista e ao público. É vital tratar esses momentos de iluminação com reverência, acomodando-os mesmo que apareçam em momentos inconvenientes. Seguindo o conselho de John Lennon, os artistas devem se esforçar para concluir suas ideias iniciais em uma única sentada para capturar a essência da inspiração. Em última análise, as ideias iniciais são delicadas e podem desaparecer se não forem nutridas. A inspiração deve ser valorizada e perseguida com diligência, reconhecendo sua natureza transitória e a necessidade de preservar sua energia (Rubin, 2023, p. 105-106).

O “aparecer” da inspiração, bem como o modo como ela pode ser vista, refere-se a “uma influência divina, uma força criativa que se alimenta de fontes além de si mesmo”, que permeia a experiência de composição dos cantores/compositores como uma espécie de padrão de revelação pela via da inspiração. Eis alguns exemplos: em uma entrevista a Zé Geraldo pelo *Canal Musicália*, datada de 30 de junho de 2025, o cantor e compositor falou de seu trabalho lançado recentemente e denominado de “O lugar onde eu nasci”. Segundo ele, “algumas músicas foram escritas enquanto estive trancado em casa com minha companheira, durante a pandemia” (05min19 da entrevista). Em outro trecho da mesma entrevista, Zé conta o que disse “Chitãozinho” (da dupla Chitãozinho & Xororó) a ele, quando a dupla estava começando a fazer sucesso pelo Brasil:

“Zé, mostra uma música pro nosso produtor, pra gente gravar uma música sua [...] um dia criei coragem e fui no escritório do produtor deles. E a música que eu achava que tinha uma linguagem mais próxima do sertanejo era “Senhorita”. Aí eu mostrei “Senhorita” pra ele, então ele disse assim: “Zé, suas músicas são muito complicadas” (risos). Fui embora jururú, cara. Eu até brinco no show cara, e digo que realmente, pra você entender um verso desse, “Aqui é pequeno, mas dá pra nós dois. E se for preciso a gente aumenta depois”, tem que ser um catedrático formado

<sup>75</sup> Rubin, discorrendo sobre o “processo criativo”, com propriedade assim declarou: “A arte deve ser feita de coração aberto, livre da pressão do julgamento externo [...] Os artistas navegam uma jornada repleta de experimentações, incertezas e decisões difíceis. A chave para reconhecer o valor de seu trabalho reside em uma bússola interna - o sentimento extático que sinaliza progresso e alinhamento com a verdadeira essência de sua criatividade” (Rubin, 2023, p. 157, 161).

em Harvard” (risos). (38min50 da entrevista).

O ponto máximo da entrevista para nossa consideração aqui, ocorre quando a entrevistadora, Carla Cruz, pergunta: “Agora, como que costuma ser a sua relação com a composição, Zé?”. Ele, então, responde, olhando para a esposa em meio a risos: “Quando nós estamos caminhando, ela pergunta se estou compondo”. Mais adiante, o cantor explica:

“Eu não sou de escrever todo dia, não tenho esse hábito. Gosto de ver futebol, e acompanho o estudo de minha companheira que tá fazendo canto, mas o passarinho trás um verso, eu escrevo e jogo lá. O vento trás outro, eu jogo lá. Quando pego aquela pastinha, normalmente sai uma música. Não tenho o hábito de escrever todo dia, mas admiro quem tem. Às vezes, estou caminhando, não tenho uma fórmula, às vezes estou brincando com a melodia” [...].

O outro entrevistador, Juscelino filho, diz: “mas é uma inspiração de poeta, você sabe captar e escrever aquilo”. Zé, em seguida, comenta:

“É, cara, eu acho que é importante, assim, quando chega, você tem que pegar, né? Depois você vê o que faz com aquilo lá. Mas quando vem, você tem que pegar, se não, você perde. Depois eu fico pensando de onde veio. Porque tem algumas coisas que eu falo: não, não imagino de onde eu tirei isso” (no tempo de 44min02 à 47min05 da entrevista)<sup>76</sup>.

Outro exemplo consiste na entrevista para o *Programa Fantástico* (Show da Vida), datada de 18 de setembro de 2023, o cantor e compositor Diogo Nogueira conta como foi compor a música “Flor de Caña” em homenagem à sua namorada Paolla Oliveira. Na entrevista, ele diz que “escrevi, ao lado dela, letra e melodia”. A composição foi dirigida a seu produtor via whatsapp em tempo real<sup>77</sup>.

Dito isto, trazendo novamente a entrevista concedida a Warner Music Brasil, datada de 11 de julho de 2013, no episódio 12, Xandão, guitarrista do grupo Rappa, no contexto da “inspiração criativa”, disse:

a nossa dedicação com o público faz com que a gente se renove o tempo todo [...] a gente conquistou um público que nos dá essa oportunidade de estar criando, fazendo coisas diferentes. Isso é muito bacana porque você pode ousar o tempo todo. E eu acho que essa é a nossa alma aqui dentro, a gente é músico, a gente trabalha com música, trabalha com criatividade. Se a gente tivesse que repetir uma fórmula, eu acho que o Rappa nem existiria, porque a gente no próximo show pensa e toca diferente. Acho que esse é o processo criativo da gente. [...] O prazer de trabalhar com arte, né? Porque a gente se renova o tempo todo. Acho que é um prazer e uma dádiva muito grande [...]<sup>78</sup>.

Mais adiante, ainda na seara dos exemplos elencados, destacamos a entrevista de

<sup>76</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HzLWRUxch7k>. Visitado em 10 de jul. 2025.

<sup>77</sup> Ver trecho/recorte da entrevista com tempo de 1min em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgb63YYCm5w>. Acesso em 10 de jul. 2025.

<sup>78</sup> Reiteramos aqui a consulta da fonte, uma vez que o recorte citado da entrevista não é o mesmo apresentado anteriormente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mx0iVJKXBaA>. Acesso em 25/04/2025.

camarote a Gustavo Mioto, datada de 30 de junho de 2025, o repórter/entrevistador perguntou: “Você que é um dos grandes compositores da música sertaneja atual, conta pra gente como é o processo de composição”. Mioto responde:

Olha, o processo de composição varia muito, eu nunca deixei ser um processo porque o consumo é tão rápido, como no forró, que às vezes não tem tempo de ter um processo. Tem que render, né? Mas, geralmente agente escreve ou história nossa, ou histórias dos amigos, o que agende vê em filmes, livros. Às vezes quando vem, vem assim, aquele “feeling”<sup>79</sup>.

Por fim, numa matéria intitulada “É o Grelo: como o cantor levou brincadeira despretensiosa entre amigos para o topo das paradas”, no espaço “Circuito Sertanejo” pelo *GI*, datada de 16 de agosto de 2024, escrito por Marília Neves, encontramos os seguintes fragmentos da entrevista: “Em menos de quatro meses, o projeto passou de uma simples resenha em uma pescaria à primeira posição do Top 50 Brasil do Spotify com a música “Só Fé”. Grelo acrescentou ainda: “Ah, mano, então vamos para cima disso. Foi um projeto muito leve, que veio de uma brincadeira, mas uma brincadeira com muita verdade”.

Em síntese, “Só fé” é sobre a rotina de um pai de família que busca uma vida simples, com versos como “Lavei meu rosto nas águas sagradas da pia/Eu já tô pronto pra matar meu leão do dia/Deus abençoe nós e a nossa correria”. Em “Só Fé”, ainda, Grelo fala sobre viver com simplicidade e cita que não precisa de muito para ser feliz, conceito que ele diz praticar em sua própria vida. Para Grelo, também, o fato de “Só Fé” ser a faixa mais bem-sucedida do álbum reforça a ideia de que o projeto só faria sentido se fosse para, segundo ele,

Cantar minha verdade. (...) Eu não vou cantar nada que eu não seja, nada que eu não viva, nada que eu não concorde. (...) Quando explodiu, eu fiquei feliz com isso. Falei: ‘que massa, que tem muita gente entendendo essa realidade’. Porque hoje nós vivemos numa era de ansiedade e depressão que tá tremendo, cara, porque o povo só pensa naquilo que não tem e esquece de tudo que já conquistou<sup>80</sup>.

Nos cinco exemplos citados, é perceptível a relação entre “liberdade criativa”, “inspiração poética”, “histórias de vida” e “revelação intuitiva”. Ainda nessa linha de reflexão, Robin nos ajuda a ratificar nossa sustentação, ou seja, no capítulo 42, “O Êxtase”, no tópico intitulado “Momentos de Revelação”, vemos que: Esses momentos extáticos podem surgir de pequenos ajustes, transformando trabalhos não extraordinários em algo surpreendente. Eles podem surgir de forma inesperada, frequentemente caracterizados por mudanças súbitas que inspiram e energizam o criador (Robin, 2023, p. 162).

<sup>79</sup> Entrevista disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DLhbNyoOJW/>. Acesso em 10/07/2025.

<sup>80</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/circuito-sertanejo/noticia/2024/08/16/e-o-grelo-como-cantor-levou-brincadeira-despretensiosa-entre-amigos-para-o-topo-das-paradas.ghtml>. Acesso em 10 de julho 2025.

A questão da revelação em nosso contexto dissertativo – ao menos, em parte – faz menção ou está imbricada com uma teologia e filosofia existencial. Em outras palavras, uma teologia que deu lugar – no âmbito de uma fé reformulada –, a uma noção de fé cuja fonte está para além da Bíblia<sup>81</sup>, e para a utilização de uma fonte filosófica existencial vinculada àquela experiência sutil, como que interagindo com um “sussurro” delicado para um “ouvido” aguçado na dimensão ontológica e existencial.

Nessa perspectiva, citando o texto de Luciano Ximenes, “Revelação em Paul Tillich”, vemos a relação entre “revelação, teologia e filosofia”, no tópico 2, “A Teologia de Paul Tillich” da seguinte forma:

A teologia sistemática possui um caráter totalmente existencial no pensamento de Tillich. Isso é consequência de uma filosofia existencialista dominante na sua teologia [...] A filosofia tem como papel principal definir a “situação” na qual o indivíduo está inserido. Para Tillich, a metodologia a ser aplicada para descobrir o real sentido da revelação é o método fenomenológico, descrito por ele da seguinte forma: Consiste em sua capacidade de oferecer um quadro que seja convincente, de torná-lo visível a qualquer pessoa que esteja disposta a olhar na mesma direção, de iluminar com ele outras idéias afins e de tornar compreensível a realidade que estas idéias pretendem refletir. É a forma de considerar os fenômenos como “se apresentam”, sem a interferência de pré-conceitos e explicações negativas ou positivas. Esse entendimento da “situação” leva o indivíduo a fazer perguntas sobre a realidade última do ser ou não-ser. Grenz e Olson comentam o papel da filosofia e da teologia em Tillich: “O teólogo lança mão dos símbolos da revelação divina para formular respostas para as questões implícitas na existência humana, que a filosofia pode descobrir, mas não responder”. No seu pensamento, a filosofia não tem como responder tais perguntas: “A teologia sistemática é a teologia que ‘responde’. Ela deve responder as perguntas implícitas na situação humana geral e na situação histórica pessoal” (Ximenes, 2007, p. 69-70, aspas do autor).

Após as considerações feitas até aqui, no âmbito da relação entre religião e música, – um dueto inspirado, revelado e criativo na fé, tendo discorrido pontualmente sob os aspectos do sentido dual da fé (criativa e livre) nas dimensões do imaginário e da inspiração e revelação –, evidenciamos o resultado da pesquisa dissertativa através das hipóteses descritivas da(s) fonte(s) escrita/bibliográfica, fonográfica, de vídeo clipe/musical e entrevistas contextuais.

---

<sup>81</sup> No texto de Luciano Ximenes, já incluso na presente dissertação, encontramos o seguinte sobre tal questão: A recusa da aceitação da Bíblia como fonte única da teologia tem como base a filosofia existencialista, quando a ênfase é colocada na interpretação existencial e não no fato real [...] A experiência legitima a revelação como fonte para a teologia. Ela é entendida por Tillich em três sentidos: 1) *O sentido ontológico da experiência é uma consequência do positivismo filo sófico. O que é dado positivamente é, segundo esta teoria, a única realidade da qual se pode falar de modo significativo. E positivamente dado significa dado na experiência. A realidade é idêntica à experiência;* 2) *O sentido científico onde A experiência neste sentido constitui um mundo articulado. Ela não designa o dado como tal, mas o dado em sua estrutura reconhecível. Ela combina elementos racionais e perceptivos e é o resultado de um processo incessante de experiência e verificação.* O sentido místico relacionado com a aceitação pela fé do indivíduo: *A letra da Bíblia e as doutrinas da Igreja permanecem letra e lei se o Espírito não as interpreta no indivíduo cristão. A experiência como presença inspiradora do Espírito seria a fonte última da teologia.* Por isso, a Bíblia perde sua autoridade como fonte única da teologia, em contraste com o pensamento dos reformadores (Ximenes, 2007, p. 72, 73, grifo nosso).

Apresentamos, doravante, algumas evidências para as seguintes hipóteses: 1) a fé no imaginário popular dos artistas da MPB é expressa como uma liberdade criativa que se manifesta poeticamente nas composições das canções, através de duas tipologias de fé – humana e religiosa –, cujas canções sobre a fé na MPB revelam o sagrado por meio de representações simbólicas e expressões artísticas, oriundas da experiência religiosa; 2) Religião e Música estão intrinsecamente ligadas, sendo a poesia em canção um instrumento de inspiração e revelação da fé humana e religiosa.

### 3.3. RELIGIÃO E MÚSICA - EVIDÊNCIAS ENTRELANÇADAS EM CANÇÕES DE FÉ

Na discussão teórica e conceitual sobre a fé entre Tillich e Eliade, abordada no capítulo 1, analisamos tão somente os conceitos de fé em Paul Tillich e Mircea Eliade de modo pontual, mais adiante o faremos de modo complementar.

Apresentaremos, agora, a partir da aproximação dos conceitos de fé entre os autores, uma primeira evidência – defendida como nossa primeira hipótese –, de que *há uma fé livre e criativa no imaginário popular dos artistas cantores/compositores, que perpassa o tipo de fé compreendida no âmbito religioso formal*. Dito isto, de modo que se identifica e justifica a existência de tipologias de fé multiformes espiritualmente na dimensão artística/poética e musical/cultural, e não apenas um único tipo de fé tradicional, oriunda do dogmatismo e fundamentalismo religioso institucional.

#### 3.3.1 A fé no imaginário popular dos artistas da MPB como expressão de uma liberdade criativa religiosa difusa

Sustentamos que a poesia, através do canto, é uma forma de revelação no imaginário, inspirando artistas em suas composições. Com isso, a *fé* presente na música popular brasileira é expressão de sentimento e sentido de uma: 1) *Religiosidade flexível*, aquela que está em constante mudança e transformação, por exemplo, uma fé reformulada que põe em relevo a relação – sob vários aspectos – entre as tipologias “fé humana” e “fé religiosa”. Encontramos, nesse sentido, características dela nos estilos pop, pagode, rock, sertanejo e arrocha. Em canções, trouxemos como exemplo as músicas de Zé Geraldo, “A fé” (1984), de Diogo Nogueira, “Fé em Deus” (2007), de o Rappa, “Anjos” (2013), de Gustavo Miotto, “Melhor

versão” (2023), e de Silvano Salles/Grelo, “Só fé” (2024); 2) *Religiosidade inflexível* – aquela que se mantém invariável, mas atual. Exemplo disto consiste numa fé tradicional, cujas características são perceptíveis em canções litúrgicas como hinos, louvores e, mais atualmente, nos estilos pop, pagode, rock e sertanejo, em que mesmo estando a “copiar” estilos do “mundo artístico do momento” não flexibiliza sua dimensão religiosa conteudista<sup>82</sup>.

Nesse contexto, em que sentido me refiro a expressão de uma liberdade criativa religiosa difusa? Na relação entre religiosidade popular e espiritualidade cultural – do imaginário à poesia –, entendo que, no processo da “composição inspirada criativa”, o imaginário contribui para a formação da(e) identidade(s) que reverbera e se difunde na coletividade de tal(is) religiosidade(s) e espiritualidade(s) cultural(is). Dessa forma, a fé presente no imaginário, numa dimensão fenomenológica, apresenta-se como uma intencionalidade<sup>83</sup>, de maneira que não se trata de uma obra do acaso ou de um devaneio.

Nessa direção, Valéria C. P. da Silva, ao citar o filósofo Gaston Bachelard, reflete que:

A partir da fenomenologia, Bachelard (1989, p.10) considera como imagem verdadeira aquela vivida primeiro na imaginação, no mundo imaginado, ou seja, uma imagem que pode partir de cópias deformadoras da percepção e passa a ter origem em nossa consciência, pois é através do mundo imaginado que conhecemos o surgimento da poesia. A poesia, assim, cria um mundo e abre o espaço, um espaço sonhado e vivido. Nesta perspectiva do imaginário, o espaço ontológico é parte do ser (Silva, 2023, p.69).

No *Mito do Eterno Retorno*, no capítulo quatro, denominado “*Desespero ou fé*”, Eliade traz uma noção de fé associada a uma “*liberdade criativa à parte de seu valor soteriológico*” (Eliade, 1992, p.153, grifo nosso), em que sustentamos ser um possível conceito de fé, de modo que podemos evidenciar a possibilidade de Tillich ter sido influenciado por Eliade em sua própria “concepção e conceito” de fé.

---

82 Em uma matéria a NSC Total, intitulada “As 20 melhores músicas gospel de todos os tempos - Um dos gêneros mais populares do mundo possui clássicos nacionais e internacionais que transcendem a fé”, datada de 11 de janeiro de 2024, encontramos vários exemplos de clássicos gospel “antigos e modernos”, cantadas sob vários estilos musicais. Disponível em: <https://www.nsc total.com.br/noticias/melhores-musicas-gospel-de-todos-os-tempos>. Acesso em 12 de jul. 2025.

83 Num artigo intitulado “A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e da Psicologia”, por Feijó & Mattar (2014), vemos o seguinte sobre a intencionalidade numa perspectiva husserliana: “Husserl, utilizando o método fenomenológico para investigar o fenômeno da consciência, alcança a essência desse fenômeno, a intencionalidade como espaço de dação dos objetos – fenômeno, e concebe a consciência intencional como síntese incessante do fluxo temporal das experiências. Assim, intencionalidade diz respeito ao incessante transcender de si mesmo, rompendo com o pressuposto de que é o sujeito que posiciona as coisas ou de que as coisas existem independentemente da consciência. Estruturas intencionais dizem sempre do caráter de cooriginariedade sujeito e objeto, ou seja, quando um dos pólos aparece o outro imediatamente acontece, sem nenhum intervalo espaço-temporal entre eles. Elimina-se, assim, a ideia de intervalo espaço-temporal e, conseqüentemente, de qualquer estrutura de causalidade. A consciência é, para este filósofo, transcendente, nunca se retém em si mesma, mas se vê projetada por seus próprios atos para o campo dos objetos correlatos. Na medida em que a consciência se realiza através de seus atos, ela sempre transcende o campo de realização desses atos (Feijó; Mattar, 2014, p. 443).

Nesse prisma, a primeira evidência é a de que um possível conceito de fé em Eliade, presente em sua obra *Mito do Eterno Retorno*, ao compararmos com a obra de Tillich, *Dinâmica da Fé*, podemos relacionar as expressões em comum “Liberdade criativa”, em Eliade, e “Fé criativa”, em Tillich. Além disso, somando-se as datas de suas publicações, através da busca em identificar qual havia sido publicada primeiro, tem-se que, primeiramente, na ficha catalográfica da mencionada obra de Eliade em Português foram identificadas as seguintes informações:

Originalmente publicado em francês por Librairie Gallimard, NRF, Paris, 1949;  
Título original: The Myth of the Eternal Return or, Cosmos and History ©1954 por Bollingen Foundation Inc., New York, N.Y. Publicado por Princeton University Press, Princeton, N. J. 9 - edição, na coleção Mythos, 1991;

Eliade, Mircea. 1907-1986. Mito do eterno retorno / Mircea Eliade; tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

Assim, com a informação de que a publicação da obra – primeiramente em francês – se deu em 1949 e, em inglês, em 1954, podemos deduzir que a mesma, já estando em circulação, permitiu que Tillich tivesse acesso e contato com ela, uma vez que nas palavras de Croatto, e reiteradas aqui,

(...) *Tillich já havia emigrado para os Estados Unidos em 1933*. Aos 77 anos de idade, Paul Tillich inscreveu-se em um seminário de Mircea Eliade na Universidade de Chicago, o que demonstra sua abertura ao mundo das religiões e a outras culturas, dimensão esta valorizada por Eliade (...) Paul Tillich escreveu o artigo *Mythus und Mythologie* [Mito e mitologia] na grande enciclopédia *Die Religion in Geschichte und Gegenwart* (= RGG) [A religião na história e na atualidade], 1930, v. IV, colunas 364s. Sua obra valoriza o mito na perspectiva de Mircea Eliade [grifo meu] (Croatto, 2010, p.200-202, grifo do autor).

O que nos interessa no recorte citado se refere à informação de que *Tillich já havia emigrado para os Estados Unidos em 1933*, bem como sua relação de proximidade com Eliade, o que nos leva a supor essa influência na obra intitulada *Dinâmica da Fé*, que, em sua edição de nº 3, publicada no Brasil pela editora Sinodal, em 1985, consta as informações catalográficas de que:

Seu Título do original inglês DYNAMICS OF FAITH, Harper & Row, Publishers, Inc., New York. Traduzido com apoio na versão alemã "Wesen und Wandel des Glaubens" (Evang. Verlagswerk, Stuttgart, 1970);

Copyright (c) 1957 by Paul Tillich, com permissão de Harper & Row, Publishers, Inc., New York. (Sendo publicada em inglês em 1958 pela editora Harper & Brothers).

Mais uma vez, e de igual modo, na observação relativa às datações de publicação das

obras, nota-se que a *Dinâmica da Fé* foi publicada em 1957, em inglês, e a publicação de *Mito do Eterno Retorno*, no mesmo idioma, ocorreu em 1954, de maneira que a obra de Tillich se deu cerca de 3 anos após a de Eliade. Desse modo, posto ainda em conexão a convivência profissional e fraterna entre os autores nos Estados Unidos, que ocorreu, segundo Souza (2010), “desde o final da década de 50 até a metade da década de 60”, – estando Tillich desde 1933 nos Estados Unidos –, faz-nos cogitar uma possível influência de Eliade sobre Tillich em sua concepção de fé, conforme demonstrarei através de nossa próxima evidência.

A segunda evidência está imbricada nas aproximações do conceito de fé entre eles. Primeiramente, vejamos novamente as considerações de Eliade sobre a fé:

A fé, neste contexto, assim como em muitos outros, significa a emancipação absoluta de qualquer tipo de "lei" natural, e, portanto, a mais elevada liberdade que o homem pode imaginar: a liberdade de poder intervir até mesmo na constituição ontológica do Universo. Em conseqüência, trata-se de uma liberdade preeminente criativa. Em outras palavras, constitui uma nova fórmula para a colaboração do homem com a Criação – a primeira, mas também a única fórmula a ele concedida desde que o tradicional horizonte dos arquétipos e repetição foi ultrapassado. Apenas uma tal liberdade (à parte do seu valor soteriológico e, portanto, no sentido mais estrito, do seu valor religioso) é capaz de defender o homem moderno do terror da história – uma liberdade, em outras palavras, que tem sua fonte e encontra sua garantia e apoio em Deus. Todas as outras liberdades modernas, seja qual for o tipo de satisfação que possam proporcionar àquele que as possui, não têm força alguma para justificar a história (Eliade, 1985, p. 153, aspas do autor).

Destaquemos, de forma fragmentada – mas combinada –, a expressão ou expressões utilizadas por Eliade em relação à fé como sendo: A mais alta *liberdade [...] preeminente criativa* à parte de seu valor soteriológico e, portanto, no sentido mais estrito, do seu valor religioso (...) uma liberdade que tem sua fonte e encontra sua garantia e apoio em Deus (Eliade, 1985, p. 153, grifo nosso).

Como visto, os termos “liberdade” e “criatividade” se repetem frequentemente e contextualmente, de forma que buscamos identificar elementos de aproximação com Tillich, em seu conceito e considerações sobre a fé.

Na obra de Tillich, *Dinâmica da Fé*, logo no capítulo 1, tratando daquilo que seja a fé, no item 2, intitulado “Fé como ato da pessoa inteira”, encontramos o seguinte:

Uma vez que a fé é um ato da pessoa toda, ela participa da dinâmica da vida pessoal. Essa dinâmica já foi descrita de muitas maneiras, mas as publicações mais recentes no campo da psicologia analítica é que mais se aprofundaram aqui. Todas elas têm em comum o pensamento em polaridades e a observação das tensões e conflitos daí resultantes. Com isso a psicologia da pessoa se torna extremamente dinâmica, levando necessariamente a uma teoria dinâmica da fé, a qual, mais do que qualquer outra manifestação vital do homem, tem sua raiz no centro da pessoa. A polaridade primeira e decisiva na psicologia analítica está entre o assim chamado inconsciente e o consciente. Fé como manifestação da pessoa integral não pode ser imaginada sem a atuação concomitante dos elementos inconscientes na estrutura da pessoa. Eles

sempre estão presentes e determinam em alto grau o conteúdo da fé. Por outro lado, porém, a fé é um ato consciente, e com isso os elementos inconscientes só participam do surgimento da fé quando são levados ao centro da pessoa e por ele são impregnados. Se isto não acontece, quando apenas as forças inconscientes determinam a constituição interior da pessoa, então o que surge não é fé, mas atos obsessivos de diversos tipos que tomam seu lugar. Mas fé é uma questão de liberdade. Liberdade por sua vez é nada mais do que a possibilidade de agir a partir do centro da pessoa. Esta maneira de ver poderia ser muito útil em freqüentes discussões em que fé e liberdade são apresentadas como opostos. Aqui liberdade e fé são vistas como uma só coisa (Tillich, 1985, p.8).

Os destaques trazidos a partir de tal citação merecem uma análise mais aprofundada. No entanto, minha pretensão é concentrar o esforço no seguinte trecho: “[...] Mas fé é uma questão de liberdade. Liberdade por sua vez é nada mais do que a possibilidade de agir a partir do centro da pessoa. Esta maneira de ver poderia ser muito útil em freqüentes discussões em que fé e liberdade são apresentadas como opostos. Aqui liberdade e fé são vistas como uma só coisa”.

Tillich emprega a palavra “liberdade” no contexto da fé, esclarecendo que a mesma significa “uma possibilidade de agir a partir do centro da pessoa”, e que “liberdade e fé são vistas como uma só coisa”. Nessa direção, começamos a ligar os pontos sobre o que, anteriormente, nos debruçamos e evidenciamos na relação entre Tillich e Eliade, e uma possível aproximação de Eliade na elaboração do conceito de fé desenvolvido por Tillich. Obviamente, em Tillich com maior profundidade, uma vez que Eliade não discorreu sobre a fé de forma intensa ou reiterada em nenhuma de suas obras.

Eliade usa a expressão “liberdade criativa”, “a parte de seu valor soteriológico”, mas que é “uma liberdade que tem sua fonte e encontra sua garantia e apoio em Deus” (Eliade, 1985, p. 153). Tillich já havia dito que “tanto o consciente como o inconsciente participam<sup>84</sup> do ato da fé”. Como a existência de Deus dificilmente poderá ser discutida racionalmente - embora possa ser pensada racionalmente - o incondicional e a preocupação última sendo o “centro de sentido” em Tillich, e em Eliade, o homem enquanto ser ontológico buscando “o ponto fixo” em si mesmo, faz-nos deduzir que Tillich confluiu nessa ideia com Eliade.

Sendo o ato global e mais íntimo da pessoa, a fé é "extática". Ela é mais do que os impulsos do subconsciente irracional e também vai além das estruturas do consciente racional. Ela os transcende, mas não os destrói. O caráter extático da fé não exclui a razão, se bem que não é idêntica a ela; além disso ele também engloba elementos não-racionais, sem que se resuma nesses. No êxtase da fé há uma consciência da verdade e de valores éticos; amor e ódio, briga e conciliação, influências individuais e coletivas, como foram experienciadas no decurso da vida, tudo isso está integrado na fé. “Êxtase” quer dizer “estar fora de si”, sem deixar de ser a gente mesmo, sem sacrificar um só dos elementos reunidos no centro da pessoa (...) Nós descrevemos a fé e sua relação com a totalidade da pessoa. Neste sentido a fé é um ato integral procedente do centro do eu pessoal, no qual percebemos o

---

<sup>84</sup> Tillich, 1985, p.8.

incondicional, o infinito, e por ele somos possuídos. Mas o que é a fonte dessa preocupação que tudo engloba e tudo transcende? A expressão “preocupação incondicional” indica dois lados de um relacionamento: ela mostra para aquele que por ela é possuído como para aquilo que o possui. Daí resulta que precisamos nos conscientizar da situação do homem como tal por um lado, e do homem em relação com o seu mundo por outro. O fato de o homem ter uma preocupação última revela algo de sua natureza, isto é, que ele tem a capacidade de transcender o fluxo contínuo de experiências finitas e passageiras (Tillich, 1985, p. 9,10).

A partir das citações compartilhadas, “Ponto fixo” e “centro de sentido”, “ser possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” e “liberdade criativa a parte de seu valor soteriológico”, parecem constituir dois lados de uma mesma moeda.

Vejamos, agora, outro elemento de aproximação dessa influência e confluência no termo também utilizado por Tillich, mas que Eliade fez uso do mesmo primeiramente: a “criatividade”.

Dito isto, ainda analisando a referida obra e capítulo em curso, Tillich, no item 6, tratando da *fé e comunhão*, expõe que:

Apenas a fé criativa consegue resistir à fé destruidora. Somente o estar possuído por aquilo que é realmente incondicional pode opor-se à fé endemoninhada. Tudo isso leva à pergunta: Como é possível uma comunhão de fé sem reprimir a autonomia do espírito humano? A primeira resposta que deve ser dada aqui procede da relação entre o estado e a comunhão de fé. Ela diz o seguinte: Mesmo que uma determinada sociedade seja praticamente idêntica com uma comunhão de fé, e sua vida seja cunhada essencialmente pela substância espiritual de uma igreja, as autoridades seculares não deveriam se imiscuir nas questões de fé, aceitando a possibilidade de formação de novas formas de fé. Pois se o seu empenho em forçar a unidade em questões de fé for bem-sucedido, excluem-se com isso o risco e a coragem que fazem parte de toda fé real. Elas fizeram da fé um esquema de comportamento que não permite a decisão livre e que jamais terá o caráter de validade última, mesmo se todos os deveres religiosos forem cumpridos com toda a seriedade (Tillich, 1985, p. 22).

Analisemos essa citação com bastante cuidado, destacando os trechos já demarcados da seguinte forma: “Apenas a *fé criativa* consegue resistir à fé destruidora. Somente o *estar possuído por aquilo que é realmente incondicional* pode opor-se à fé endemoninhada”. Não parece existir aqui uma íntima aproximação nas concepções de fé entre ambos os autores? Não é de se suspeitar que o uso por Tillich de uma expressão, anteriormente usada e publicada por Eliade, esteja sendo utilizada por ele no mesmo contexto expositivo com relação à fé? “Como é possível uma *comunhão* de fé sem reprimir a *autonomia* do espírito humano?” A busca por uma “comunhão de fé”, citado por Tillich em conexão com o pensamento de Eliade, não poderia estar também sugerindo implicitamente a aproximação de uma possível comunhão com uma *fé criativa à parte de seu valor soteriológico*, que permite, nessa liberdade do ser, experimentar tanto o *sagrado* quanto o *incondicional*?

Uma “Comunhão” se conectando ou aproximando de um “estar possuído”, e uma

“autonomia” se conectando ou aproximando de uma “liberdade”, não é de si presumir que com essas evidências em mente, possa-se levantar e sustentar uma possível hipótese primeira, trazendo e destacando a “criatividade” como elemento essencial para o surgimento de tipologias de fé? Com isso, a partir daí, conectarmo-nos a uma outra hipótese, a da existência de um tipo de revelação experienciada pelos artistas na *inspiração poética*. Revelação esta tendo como característica ser “livre e criativa”, presente na experiência da composição musical em canções da MPB com o tema da fé, revelando o sagrado no imaginário popular dos artistas. Ainda, aceitando a possibilidade da criação de novas formas de fé, *pois se o seu empenho em forçar a unidade em questões de fé for bem sucedido, excluem-se com isso o risco e a coragem que fazem parte de toda fé real*.

Com estas observações, podemos pensar que Tillich estava chamando a atenção para uma impossibilidade de se firmar uma fé real, forçando-se uma busca por uma unidade de fé que eliminaria sua dinâmica e natureza operacional na diversidade cultural e espiritual humana. Tillich, enquanto buscava firmar uma condição de fé verdadeira e última no incondicional, sustentava e defendia também seu caráter criativo e livre. Caráter “criativo” pelo seu dinamismo que faz surgir tipologias de fé, e “livre” por não permitir as *amarras* da existência de apenas uma fé institucionalizada, pregada como se o homem não pudesse vivenciar um outro tipo de fé, como uma fé espiritual humana, que, mesmo não sendo religiosa institucionalmente, é real, infinita e multiforme no “imaginário”, assim como na “estrutura da consciência”.

Já em Eliade, vê-se que: “os sonhos, os sonhos acordados, as imagens das suas nostalgias, dos seus desejos, dos seus entusiasmos, etc., são outras tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionado num mundo espiritual infinitamente mais rico do que o mundo fechado do seu momento histórico” (Eliade, 1979, p.14); ou ainda que o “‘sagrado’ é um elemento da estrutura da consciência, e não um estágio na história da consciência” (Eliade, 1989, p.10, aspas do autor).

O “ponto fixo” ou “o centro de sentido” que o homem religioso e espiritual busca, dando estabilidade a esse homem que vivendo uma experiência de polaridades, entre racional e irracional, subjetividade e objetividade, consciência e inconsciência, estando esse ponto fixo na “estrutura da consciência”, faz parte das dimensões existencial e ontológica, cujo homem religioso e espiritual vive e convive com suas experiências de fé – interna de si e para si, e externa fora de si e para o outro – com o mito, o símbolo e o sagrado. Nesse sentido, este sagrado funda ontologicamente o mundo, ou seja, faz com que tal relação – da fé com o mito, o símbolo e o sagrado – desvele os aspectos subjetivo, existencial e ontológico dessa

“liberdade criativa”, bem como o aspecto do imaginário simbólico, a fim de se compreender o sentido da fé através dos arquétipos. Ademais, a compreensão da natureza da fé, possibilitando a abertura para identificação de suas tipologias espiritualmente criativas no imaginário popular.

Nessa direção, em sua obra *Mito e Realidade*, Eliade alude que há um:

(...) papel dos indivíduos criadores na elaboração e na transmissão dos mitos. É muito provável que esse papel tenha sido ainda mais importante no passado, quando a “criatividade poética”, como se diria hoje, era vinculada a uma experiência extática e dela dependente. Ora, pode-se adivinhar quais as “fontes de inspiração” de uma tal personalidade criadora dentro de uma sociedade arcaica: são as “crises”, os “encontros”, as “revelações”, em suma, as experiências religiosas privilegiadas, acompanhadas e enriquecidas por um enxame de imagens e de enredos particularmente viventes e dramáticos. São os especialistas do êxtase, os familiares de universos fantásticos que nutrem, acrescem e elaboram os motivos mitológicos tradicionais. Em última análise, é uma criatividade no plano da imaginação religiosa que renova a matéria mitológica tradicional. Isso significa que o papel das personalidades criadoras deve ter sido maior do que se supõe (Eliade, 1972, p.104-105, aspas do autor).

Como visto, os termos “liberdade” e “criatividade” se repetem frequentemente e contextualmente ao fazer referência ao mito, o símbolo, o sagrado e, especialmente em nosso caso, conectando-os à fé.

### 3.3.2. Religião e Música - a poesia em canção como um instrumento de inspiração e revelação da fé humana e religiosa

Encontramos evidência e respaldo para a segunda hipótese, ainda através da obra de Eliade, *Mito e realidade*, quando o autor expõe que “(...) graças à memória primordial que ele é capaz de recuperar, o poeta inspirado pelas musas tem acesso as realidades originais” (Eliade, 1972, p.87). Também, podemos verificar tal indício num artigo do professor Calvani, intitulado “Uno/Nada, Fundamento/Abismo – Preocupações últimas de Plotino e Tillich”, no tópico “Imagens e metáforas – a arte como mediação reconciliatória”, quando este discorreu que:

[...] Seria desnecessário lembrar todo o valor conferido por Tillich à pintura e à arquitetura e o constante desafio de criar formas em espaços vazios. Apreço semelhante foi manifesto por Schelling, ao defender a arte como reconciliação e unidade entre natureza e espírito, especialmente no livro *Filosofia da Arte* (SCHELLING, 1999). No ocidente cristão, a mística se expressou mais na forma de poesia [...] No Brasil, um dos maiores especialistas em neoplatonismo, observa que, contra a crítica platônica à mímesis e ao poeta, como imitador de ‘sombras’, Plotino, e depois Proclo, reabilitaram a literatura e o papel do poeta. Para ambos o poeta deveria ser compreendido como entheatikós (inspirado). [...] A “intuição intelectual” schellingiana opera nas artes, na mitologia e na religião, sendo uma faculdade

unitiva através da qual o ser humano “capta” sinais e vislumbres do Absoluto. Tillich, por sua vez, embora não use o conceito, admite essa intuição em diversos textos, sobretudo ao testemunhar sua experiência com a Madonna de Boticelli. Ao falar em “contemplação” e “um estado próximo ao êxtase”, a narrativa de Tillich guarda semelhanças inequívocas com a tradição neoplatônica (“só em direção ao só”, no êxtase de Plotino) e com relatos de místicos/as de diferentes tradições religiosas. Por si só, o tema do êxtase na Teologia Sistemática como um estado de autotranscendência, sem a qual não há revelação (TS pg. 100ss) e no qual a razão está além de si mesma e além da estrutura sujeito objeto, já nos permitiria uma análise comparativa com os textos neoplatônicos. Creio ser suficiente lembrar que tal experiência não pode ser conceitualizada. Só pode ser simbolizada. Dela não se pode falar nem mesmo por analogia, já que o símbolo e a analogia não são a mesma coisa (Calvani, 2022, p. 100- 101, aspas do autor).

Uma reabilitação de Plotino e Próclo, quanto ao papel do poeta como sendo “inspirado”, é o que sustentamos como defensável para o nosso percurso final de nosso itinerário dissertativo.

Poderíamos supor que, na relação entre o poeta, a poesia e a revelação, como aquela experiência de uma intuição participativa do individual, – em sua experiência religiosa com o transcendental –, desembocando para a dimensão coletiva, – em sua experiência espiritual na dimensão cultural -, em que há uma promoção ou conexão ou mesmo força de atração de um sinergismo intuitivo na experiência do empírico, isto é, para aquela experiência de revelação imbricada ao âmbito do metaempírico.

Assim, o poeta em canções interpretadas pelo(s) artista(s), em suas dramatizações, reverbera o fluxo contínuo da experiência religiosa do particular para o coletivo. Isto porque é para o coletivo o resultado daquilo que foi revelado ao poeta, compositor e cantor, que defendemos aqui ser um inspirado – da MPB – trovador.

Nos versos e refrões da canção composta por Danny Moore, em colaboração com Chitãozinho & Xororó, concluímos essa sinfonia dissertativa inacabada, expressando aquela fé humana na experiência religiosa, espiritual e cultural dizendo, no popular, que “nascemos só pra cantar”<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> Nascemos pra cantar. Artistas: Chitãozinho & Xororó. Álbum: Clássico. Data de lançamento: 2016. Disponível em vídeo clipe ao vivo: <https://www.youtube.com/watch?v=ktLXNUpzvQ> ou em versão de estúdio: [https://www.youtube.com/watch?v=QMtc-ns8SHY&list=RDQMtc-ns8SHY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=QMtc-ns8SHY&list=RDQMtc-ns8SHY&start_radio=1).

O grande mestre do céu nosso criador  
Quando nascemos um dom nos dá  
E cada um segue a vida o seu destino  
E nós nascemos só pra cantar  
[...]

Quem canta os males espanta a gente é feliz  
Tal qual um pássaro livre no ar  
Pensando bem nós temos algo em comum  
Porque nascemos só pra cantar  
[...]

Disse o poeta  
O artista vai onde o povo está  
Por isso cantamos  
A qualquer hora em qualquer lugar

Ei, ei, ie, ie, ie, ie, ie, ie  
Ei, ei, ie, ie, ie, ie, ie, ie

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nosso percurso inicial, nossas considerações sobre “Religião e Música”, nos âmbitos da fé e da experiência religiosa se deram tendo a MPB como fonte para o estudo da religião que, no escopo teórico, investimos na relação entre Tillich e Eliade em seus conceitos de fé (capítulo 1).

Percorremos, à luz de tais conceitos, num itinerário dialógico que aproximou duas tipologias de fé – humana e religiosa –, nas dimensões espiritual e cultural. Saímos, então, da teoria para a prática quando analisamos as linguagens da experiência religiosa em canções da MPB, em Zé Geraldo com sua “Fé” (humana) e, em Diogo Nogueira, com sua fé (religiosa) em Deus (capítulo 2). Desse modo, uma vez que vimos alguns aspectos dessa fé, Tillich e Fowler permearem nossa análise no âmbito das aproximações de tais tipologias – e conceitos –, o que nos ajudou a levantar duas hipóteses nesse contexto, bem como no contexto da experiência religiosa em Eliade e Libânio. Com isso, é possível apresentarmos o resultado da pesquisa e a análise concernente ao(s) nosso(s) objeto(s) de estudo: a fé (objeto material) e a MPB (objeto formal), tendo como categoria a experiência religiosa na análise umbilical entre “Religião e Música”.

À luz de Tillich e Eliade, buscamos um entendimento – e não uma interpretação literal, hierárquica ou arbitrária para definir os tipos de fé – e a compreensão de como os compositores, em seus contextos, compreendem aquilo que chamam de fé.

Além disso, foi posta em relevo uma tipologia de fé humana entendida na dimensão espiritual e cultural em oposição àquela fé institucional, que limitaria o progresso da natureza livre e criativa, daquela tipologia de fé religiosa difusa, não atrelada a construtos fundamentalistas e deterministas. Cantamos com os “anjos” do Rappa – porém, anjos sem asas – sim, poesias inspiradas em canções de fé “que não tem fim”, até vermos, em Gustavo Mioto, que na “fé forte” se pode chegar a uma “melhor versão de si mesmo”. Por fim, com Grelo, o segredo da felicidade na simplicidade de “não precisar de muito pra ser feliz”, apenas “Só fé”.

Assim, objetivamos e fomentamos um contributo modesto de continuidade de estudos e pesquisas em Tillich e Eliade, em nossas considerações no que concerne às concepções de fé, preocupação última e centro de sentido em Tillich. Quanto à fé, o mito, consiste no ponto fixo, e o sagrado como presente no imaginário e na estrutura da consciência em Mircea

Eliade.

Ademais, apresentamos e justificamos o valor das tipologias criativas da fé, sem descurar dos cuidados para os riscos de fé falsa na concepção de Tillich, valorando a condição humana e sua experiência religiosa nas searas espiritual e cultural, imbricada no âmbito existencial e ontológico. Com isso, ao partirmos, inicialmente, da relação entre “religião e música”, como uma relação estruturante da experiência religiosa de fé, foi possível chegarmos ao final valorando a experiência poética de composição musical enquanto experiência de um tipo de revelação não tão somente transcendental, mas livre e criativa na dimensão espiritual cultural.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Fábio Henrique P. de. Vencendo o Exclusivismo: Notas de Algumas Contribuições da Teologia de Paul Tillich para a Teologia das Religiões. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.5, n.1, p.175- 197, 2008, Fábio Abreu. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/06/5-10.pdf>.
- ABREU, Fábio Henrique P. Religião E Kultursynthese. Considerações Sobre A Fundamentação Sistemática Da Teologia Da Cultura De Paul Tillich. **Revista Filosófica São Boaventura**, v. 16, N. 2, Jun/Dez. 2022.
- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da História. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.
- ALMEIDA, Sérgio César Prates de. A questão ontológica expressa no pensamento de Mircea Eliade e Paul Tillich: possíveis aproximações. **Revista Eletrônica Correlatio**. v. 14, n. 28 - dezembro de 2015.p. 196 - 205.
- ARIEIRA, Glória. Bhagavad-Gītā. **Diálogo entre Śrī Kṛṣṇa e Arjuna**, vol. I. Rio de Janeiro: Vidya-Mandir Editorial, 2009.
- AZEVEDO, Cristina. A procura do conceito de *Religio*: entre o *relegere* e *religare*. Março de 2010. **Religare** 7(1), 90-96. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/9773/5351>
- BALEEIRO, Cleber. **A fé como estado de preocupação última**: interpretação da noção de risco da fé na obra de Paul Tillich. São Bernardo do Campo-SP: 2017. 197p.
- BARREIRA, Marcelo Martins. Ressignificar a vida pelo estranho: uma abordagem hermenêutica e pós-metafísica a partir de Richard Rorty. Aprender – **Cad. de Filosofia e Psic. da Educação** Vitória da Conquista Ano XV I n. 27 p. 173-186 Jan./Jun. 2022 ISSN online: 2359-246X.
- BECK, Ulrich. **O Deus de cada um: a capacidade das religiões de promover a paz e seu potencial de violência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016. 242p.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico de São Paulo. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2021.
- CANDIDO, Maria Regina. Vida, morte e magia no mundo antigo, 2008, **Anais da VII Jornada de História Antiga Suplemento II**, p.41– 49.
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. A realidade dos deuses e das deusas - Contribuições da teoria do imaginário para as Ciências da Religião. **Numen: revista de pesquisa e estudos da religião**. Juiz de Fora, v. 25, n.1, jan./jun.2022, p. 176-196.
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Religião e MPB: um dueto em busca de afinação. 28 de dezembro de 2015, **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 14, n. 28, .30-54.
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Uno/Nada, Fundamento/Abismo – preocupações últimas de Plotino e Tillich. Junho de 2022. **Revista Eletrônica Correlatio** v. 21, n.1.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Espiritualidades não religiosas: desafios conceituais. Julho de 2014. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 658-687.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. **Teologia e MPB**. São Bernardo do Campo: Loyola, 1998.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. Martin Claret, 2005.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa** – uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2010.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998, 128p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIADE, Mircea. Origens: História e sentido na religião. Edições 70/ Perspectivas do homem. 1989. 204p.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa-Portugal: Artes letras/Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea. **Dicionário das Religiões**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Entrevista com Zé Geraldo a TV Cultura, datada de 13/12/2024. <https://www.youtube.com/watch?v=NqmIjyJXUK8>.

FEIJÓ, Ana Maria Lopez Calvo. MATTAR, Cristine Monteiro. A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Out-Dez 2014, Vol. 30 n. 4, pp. 441-447.

FOLLOWS, Samuel. ed. **The Popular and Critical Bible Encyclopedia and Scriptural Dictionary**. 3 vols. Chicago: Howard-Severance Co., 1911.

FOWLER, James W. **Estágios da fé**. Ed. Sinodal/EST, 1992. 273p.

GONTIJO, Clóvis Salgado. Em busca da ipseidade musical: A música e o inefável, de Vladimir Jankélévitch. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 213-225, 1º sem. 2017.

GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia e experiência religiosa em Paul Tillich. Dez. de 2011. **Revista da Abordagem Gestáltica**. V17, n.2. Goiânia. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000200004](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200004). Acesso em 29 de jul. 2024.

GROSS, Eduardo. O conceito de fé em Paul Tillich. junho de 2013. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 12, n. 23. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v12n23p7-26>.

GROSS, Eduardo. Elementos do pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 79-99.

HERMMAN, Jacqueline. *Domínios da História*. 5ª Ed. Campus, RJ: Campus, 2010. 508p.

HEIDEGGER, Martin. Os fundamentos filosóficos da mística medieval. *In.*: **Fenomenologia da vida Religiosa**. Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin, Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2010b.  
 HINOS De A Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias.

IPSOS. Global Religion 2023. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em: 02/02/2025.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Hermenêutica fenomenológica e a tematização do sagrado. *In*: NOGUEIRA, Paulo. A. De S. (Org.). **Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais**. São Paulo: Paulinas, 2012. p.31-67.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Ensaio de teoria da História**. História: a arte de inventar o passado. Bauru, SP. Edusc.2007. 256p.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. **O que é realidade**. Editora Brasiliense. Coleção primeiros passos.1 de janeiro de 1994.

LIBÂNIO, J.B. Fé. Editora: Zahar. Coleção: **Filosofia Passo-a-Passo**. Vol.34 2004. 1ª Edição. 75p.

MAIA, Renan Pires & Gherke, Betina Meister. A identidade entre o belo e o verdadeiro no pensamento de Schelling. **SABERES**, Natal – RN, v. 1, n. Especial: I ENAFA e XXIV Semana de Filosofia da UFRN, Jan. 2015, 129-138.

MASCARENHAS, Lucas Almeida. **A consagração dos artistas através da MPB**. Monografia apresentada ao Curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

MED, Bohumil. **Teoria da Música/ Bohumil Med**. - 4ª ed. Revisada e ampliada. Brasília - DF: Musimed, 1996.

MENDONÇA, Maria Luiza Vianna Pessoa de. **A História das Religiões de Mircea Eliade**. Estatuto epistemológico, metodologia e categorias fundamentais. Universidade Federal de Juiz de Fora. Pós-graduação em Ciência da Religião. 573p.

MUELLER, Ênio. R. Entre a Religião e seu conceito: Questões fundamentais da filosofia da religião em Paul Tillich nos anos 20. 2006. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 11-41.

NOGUEIRA, Paulo. A. de S. (Org.). **Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais**. São Paulo: Paulinas, 2012. p.31-67.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. O corpo da fé: estudos sobre o sagrado e o profano. **Revista Nures**. Ano VIII. Número 20. Janeiro-abril de 2012. 1-13.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Tradução: Souza Campos, E. L. de VALDEMAR TEODORO EDITOR, Niterói - Rio de Janeiro – Brasil. 2022. 296p.

- PASTOR, Félix Alexandre. Ontologia e Revelação. Filosofia e Cristianismo em Paul Tillich. **Síntese nova fase**, v.18n.55(1991):547-554.
- PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo. **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. 108 p.
- PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo. **Linguagem Mitológica & Hermenêutica: um projeto de desmitologização de Rudolf Bultmann**. Fonte Editorial. 2a edição. São Paulo, 2017.
- PORTUGUAL, Agnaldo Cuoco. Filosofia Analítica da Religião como Pensamento Pós-"Pós Metafísico". Jan./mar. 2010. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 80-98.
- QUADROS, Elton & SILVA, Maria Fonseca. Platão, Aristóteles e a questão da memória: uma leitura ricoeuriana. Jul./Dez.2016. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.8, n.15.
- RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e Formação Humana. POIÉSIS, Tubarão, Número ESPECIAL: **Biopolítica, Educação e Filosofia**, p. 53 - 68, 2011.
- ROOS, Jonas & Frederico Pieper. **Pensar a Religião: Temas e conceitos filosóficos contemporâneos**. São Paulo: Editora LiberArs, 2022.
- ROOS, Jonas. **10 Lições sobre KIERKEGAARD**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- RUBIN, Rick. **O Ato Criativo: uma forma de ser**. Editora. Sextante. 1ª Edição. Rio de Janeiro. 2023.
- SAUDANHA, Rafael Machado. **Estudando a MPB: Reflexões sobre a MPB, Nova MPB e o que o público entende por isso**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC Para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos. Rio de Janeiro, 2008.60p.
- SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.
- SANTOS, Edson Kretle. Os aspectos irracionais do sagrado em Rudolf Otto. **XII Simpósio Internacional Filosófico-Teológico** da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, entre os dias 5 e 7 de outubro de 2016. O tema do evento foi "Filosofia e Teologia: Relações e Tensões". 13p.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. **O conhecimento de si**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. 143p.
- SILVA, Natanael G. da. Espiritualidade e fé: pressupostos ontológicos em Paul Tillich. Novembro de 2004. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 6, p. 127-137.
- SILVA, Valéria C. P. da. Gaston Bachelard e o espaço: fenomenologia e ontologia como poéticas do vivido. Ago./2023. **Caminhos de Geografia Uberlândia** v. 24, n. 94, p. 67–78.
- SÓ FÉ: saiba quem é o goiano que tem o hit mais ouvido do momento, 14 de agosto de 2024. Folha de Pernambuco. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/so-fe- saiba-quem-e-o-goiano-que-tem-o-hit-mais-ouvido-do-momento/354595/>. Acesso em 08 de fev. De 2025.

SOUZA, Vitor Chaves de. Atos originários arquetípicos e o estudo do imaginário: A hermenêutica da imaginação de Mircea Eliade. Jan./jun. 2023. **Paralellus**, Recife, v. 14, n. 34, p. 029-048.

SOUZA, Vitor Chaves de. Contribuições da convivência entre Mircea Eliade e Paul Tillich. Junho de 2010. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 17. 145-153p.

SOUZA, Antônio Passos de. **A Ressonância Do Ser: Contribuição Metodológica Para A Percepção De Sentidos Religiosos Em Canções De Noel Rosa, Lupicínio Rodrigues E Caetano Veloso**. Dissertação de mestrado defendida em 12/03/2024. PPGCR/UFS. 142p.

SUNG, Jung Mo. **DEUS: Ilusão ou realidade?** Editora Ática, 1996, São Paulo. 95p.

TADA, Elton Sadao; Souza, Souza, Vitor Chaves (Org.) **Paul Tillich e a Linguagem da Religião**. Santo André: Kapenke, 2018. 586p.

TILLICH, Paul. Textos clássicos: A concepção de homem na filosofia existencial. jul-dez, 2010. **Revista da Abordagem Gestáltica**, XVI (2): 229-234.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. Editora Sinodal. 3ª Ed. 1985. 87p.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo. Aste. 1988. 295p.

TILLICH, Paul. **Teología de la cultura y otros ensayos**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976, p. 45.

TORRES, Cleber Diniz. Paul Tillich E Uma Teologia Mediada Pela Cultura. Jan./ago de 2012. **Revista Pos-escrito**, nº 5, Rio de Janeiro, p.210-236.

WERÁ, Kaká. A Intuição é uma presença sutil, e o desafio é escutá-la. Newsletter: Coluna Vida Simples. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunista/a-intuicao-e-uma-presenca-sutil-e-o-desafio-e-escuta-la/>.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo, Loyola, 2007.